

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS URUGUAIANA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS**

ANDRÉA ROTT GICK

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO**

**URGUAIANA
2008**

ANDRÉA ROTT GICK

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão realizado como exigência do curso de Pedagogia - Habilitação em Séries Iniciais, apresentado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Campus Uruguaiana.

Orientador: Prof^a Marilda Pötter

Co-orientador: Selito Durigon Rubin

URUGUAIANA

2008

Dedico este trabalho ao meu amigo participante da pesquisa e sua família, com quem muito aprendi através de seu exemplo, dedicação e coragem.

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Agradeço a Deus por toda força e coragem que não me faltaram durante todo este percurso, devido a Sua presença constante em minha vida. A Ele devo todas as graças que recebi.

Aos meus familiares

Obrigada a todos aqueles que me amam, que me incentivaram, que acreditaram em mim e que me apoiaram em todos os momentos de minha vida para chegar a esta conquista. Obrigada por sempre desejarem o melhor para mim. Vocês que sempre torceram por mim, em diversos momentos de minha vida, também merecem esta formação e fazem parte dela.

Ao meu marido

Obrigada por ter me apoiado nesta conquista. Fazes parte dela, pois foste fundamental para que este momento se concretizasse, dando-me força e coragem para vencer os desafios da vida. Os meus mais sinceros agradecimentos. Só tenho a te agradecer por todo incentivo, compreensão, ajuda, dedicação e carinho. Amo-te muito!

Ao meu filho

A luz da minha vida que sempre esteve do meu lado, obrigada meu amor, pela paciência, pela compreensão, pelo carinho e pela colaboração nos momentos de ausência em que não pude estar presente em tua vida. Amo-te muito! Sou grata por dividir toda essa alegria contigo e pela tua simples presença em minha vida.

Aos meus mestres

Agradeço a todos que participaram de alguma forma para que a realização deste se concretizasse. Os meus mais sinceros agradecimentos àqueles professores amigos, que me possibilitaram condições, por meio de exemplos, inspirações, incentivo e dedicação. Agradeço de coração aos meus professores – a todos, sem exceção. Guardo de vocês apenas boas lembranças. Tenho em vocês um exemplo de sabedoria e amizade.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão consta de um estudo de caso em que se descreve o processo de identificação, caracterização e inclusão de um menino portador de altas habilidades/superdotação na escola regular.

Trata ainda, da influência do meio, da família e da escola no processo de desenvolvimento das altas habilidades.

Palavras-chave: Superdotação. Altas Habilidades. Inclusão. Técnicas de atendimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	RELEVÂNCIA DO ESTUDO	7
1.2	OBJETIVOS	9
1.2.1	Objetivo geral	9
1.2.2	Objetivos específicos.....	9
1.3	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	10
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICO.....	11
2.1	HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO.....	11
2.2	ASPECTOS LEGAIS.....	19
2.3	SALA DE RECURSOS.....	26
2.4	FATORES INDIVIDUAIS RELACIONADOS A ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	28
2.5	FATORES FAMILIARES RELACIONADOS A ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	33
2.6	O PAPEL DA ESCOLA NA SUPERDOTAÇÃO.....	38
2.7	DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	44
2.8	HISTÓRIA DE VIDA	47
3	METODOLOGIA	57
3.1	ABORDAGEM DA PESQUISA	57
3.2	QUESTÕES NORTEADORAS	57
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA	58
3.4	COLETA DE DADOS	59
3.4.1	Entrevistas	59
3.4.2	Observações	60
3.5	ANÁLISE DE DADOS	61
3.5.1	Processo de análise	61
3.5.2	Etapas de análise de conteúdos	62
3.5.3	Categorias Emergentes.....	62

4	RESULTADOS.....	63
4.1	O VALOR DA FAMÍLIA NA BUSCA PELO RECONHECIMENTO DAS ALTAS HABILIDADES.	63
4.2	A EVIDÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES.	74
4.3	O OLHAR DA ESCOLA FRENTE ÀS ALTAS HABILIDADES.....	85
5	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO

1.1 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Através do desenvolvimento científico, tecnológico e humano que a sociedade atual vem conquistando, nota-se um empenho cada vez maior das políticas públicas em proporcionar condições de oportunidade e igualdade de educação para todos. Com isso, se percebe também uma vontade ideológica de incluir os ditos desiguais no sistema educacional regular, crianças com necessidades educacionais especiais.

O foco maior dessa preocupação são as crianças que apresentam déficits no seu aprendizado, dificuldades cognitivas, dos órgãos dos sentidos e dificuldades mentais que vão do grau mais leve ao mais severo, situações estas mais comuns de serem diagnosticadas.

Visto por outro prisma, encontram-se, nas escolas, de forma mais desigual ainda, as crianças que apresentam facilidade em aprender, com excelente potencial intelectual. Essas crianças são conhecidas por apresentarem potenciais superiores, por possuírem altas habilidades - também designadas por alguns como superdotação, ou seja, possuem um alto desempenho, aptidão em alguma área específica do saber ou do fazer acima da média. A falta de conhecimento e informação dos professores sobre as potencialidades dessas crianças leva a não identificação. Dita omissão, por vezes involuntária – é preciso ressaltar, torna-se um problema na sala de aula, pois estas crianças tendem a perder o interesse pelo aprendizado escolar, apresentando quadro de baixa auto-estima e isolamento social. Nesses casos, é comum proceder-se a diagnósticos precipitados, tais como hiperatividade ou dificuldades de aprendizagem em razão de seu baixo rendimento e por inadequação ao modelo escolar dito “normal”.

Essas crianças, por apresentarem tais sintomas, merecem atendimento especial, pois seus interesses fogem ao contexto escolar, causando-lhes um desconforto que poderá refletir-se no comportamento anti-social e no desperdício de potenciais que poderão ser significativos para o seu próprio desenvolvimento e para o crescimento humano.

Os superdotados são sujeitos que merecem atenção especial da sociedade, pois têm seus direitos reconhecidos em lei, que lhes possibilitam atendimento especializado, mudanças curriculares e estímulos para desenvolver suas potencialidades através de uma educação de qualidade.

Porém, a falta de materiais bibliográficos e o pouco conhecimento, em geral, dos profissionais da educação, são fatores que contribuem fortemente para que floresçam mitos e crenças, sem qualquer suporte científico, que só servem para prejudicar ainda mais o desenvolvimento dessas crianças.

A cultura de um povo é o que determina a seleção de valores aceitos pela sociedade. Com isso, a falta de informações e os valores socialmente eleitos refletem como a sociedade atual pensa e age a respeito das diferenças, da inclusão social e dos modelos pré-estabelecidos, que formam estereótipos dentro da sociedade.

A forma de abordagem do tema “altas habilidades/superdotação” através dos tempos evoluiu muito em sua conceituação e definição, tendo passado por mutações através da história da humanidade, trazendo novos desafios e conquistas que possibilitarão o crescimento de uma sociedade mais inteligente e criativa. A descoberta da teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1995) veio a colaborar para esses avanços, pois as diversas habilidades dos indivíduos passaram a ser reconhecidas, sendo que cada sujeito tem um conjunto de “inteligências” inatas a serem exploradas.

Apesar da escassa divulgação deste tema no meio pedagógico, da dificuldade em falar sobre crianças que apresentam um potencial superior e pela confusa identificação dos profissionais da educação em relação às características comportamentais, cognitivas, sociais, emocionais e biológicas, nada mais motivador que desvendar o aprendizado do universo que circunda as altas habilidades/superdotação, suas peculiaridades que culminam em realizações: pessoas desempenham suas capacidades maiores através de aptidões pessoais, que só serão possíveis por meio de um ambiente adequado e estimulador.

A presente pesquisa foi direcionada para uma criança com “altas habilidades/superdotação”, que passou pelo processo de diagnóstico, identificação e avanço escolar durante o ensino regular. A participação ativa da família dentro do contexto escolar motivou muito para que o atendimento especializado ao menino acontecesse diante das necessidades e características apresentadas pela criança com altas habilidades. O olhar diferenciado do professor, ademais, motivou para que a busca pelo atendimento também se tornasse viável e para que a inclusão social acontecesse da forma mais natural possível, relacionando-a a aceitação das diferenças que cada indivíduo possui dentro do contexto escolar.

Entender algumas características da criança com altas habilidades, a importância do papel da família, em atuação coordenada com a escola, no processo de identificação e de

inclusão, bem como a compreensão do modo que ocorrem os atendimentos especializados para as crianças com altas habilidades, constituem os pilares da presente pesquisa.

O universo que circunda o tema é muito amplo, apresentando significados múltiplos e complexas variáveis. Sendo assim, o presente estudo voltou-se mais para a compreensão do contexto dessa criança em especial, da importância do suporte familiar e do olhar da escola frente ao processo de inclusão da criança. Busca-se traçar um paralelo entre o estágio inicial de diagnóstico e os avanços obtidos até o presente momento pelo emprego de técnicas adequadas, que serviram de apoio e estímulo ao desenvolvimento do aluno portador destas fascinantes e peculiares características, que o tornam um ser único e, bem por isso, valioso.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

- Analisar o processo de identificação e inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação na escola regular.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar os critérios de classificação do sujeito de pesquisa com altas habilidades/superdotação.
- Compreender o processo de inclusão do sujeito de pesquisa, portador de altas habilidades.
- Compreender a atuação do professor da sala de recursos no processo de aprendizagem do aluno.
- Relacionar as informações dos profissionais da educação a respeito de altas habilidades/superdotação.

- Analisar as influências do ambiente no desenvolvimento do sujeito de pesquisa com altas habilidades/superdotação.
- Analisar se os direitos legais dos alunos com altas habilidades/superdotação estão sendo aplicados na prática escolar.
- Relacionar o comportamento familiar ao desenvolvimento das altas habilidades do sujeito de pesquisa.
- Comparar o desenvolvimento do sujeito de pesquisa, com altas habilidades até os dias de hoje.
- Conhecer a história de vida do menino.

1.3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Como aconteceu o processo de identificação e inclusão do aluno portador de altas habilidades/superdotação dentro da escola regular?

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO

2.1 HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

Na história da civilização grandes descobertas e conquistas surgiram através da ação do homem, por intermédio da capacidade humana, da inteligência que provêm da diversidade de habilidades que se difere em cada sujeito, em diversas áreas e em diferentes contextos. Na análise desses fatos e acontecimentos históricos grandes nomes sobressaíram-se, como o de Beethoven, Alberto Santos Dumont, Albert Einstein, com $QI= 160$, Leonardo da Vinci com $QI= 220$ e tantos outros que são lembrados através dos tempos e na atualidade pelos seus talentos excepcionais advindos de aptidões individuais superiores que modificaram e contribuíram para o desenvolvimento atual da humanidade. Muitos comportamentos superiores como estes foram responsáveis pela transformação e crescimento da humanidade e da sociedade, provocando interesse nos estudiosos da área da psicologia e da educação.

Ao longo dos anos, esses comportamentos superiores individuais foram o foco das atenções, isto é foram estudados com outros olhos, sendo de grande interesse para os estudiosos da área, para desvendar como se processa o desenvolvimento do ser humano, mais precisamente de sua inteligência, das diferenças individuais, das dificuldades de aprendizagem (neurológicas ou cognitivas) e das facilidades para o aprendizado. Os estudos nesta área passam a ganhar força e vigor dos cientistas que estudam a mente humana, isto é, a inteligência humana, seus traços, origem e características através do aprendizado.

Surge então, o estudo da Psicologia Diferencial e da Aprendizagem em que pesquisadores fizeram grandes descobertas através da teoria das diferenças individuais.

O grande pesquisador francês Alfred Binet, buscava meios apropriados para medir a inteligência desde 1890. A partir de seu trabalho, pioneiro, as diferenças intelectuais entre as pessoas passaram a ser cientificamente estudadas e medidas. Em 1904 organizou uma comissão para atender crianças excepcionais, desenvolvendo um teste com o objetivo de garantir que crianças com deficiências mentais não fossem incluídas nas mesmas salas de aula com crianças de desenvolvimento intelectual normal. Em 1908, juntamente com T. Simon, divulga a primeira Escala métrica para medir a inteligência, considerando apenas o raciocínio lógico, pois tinha um grande interesse no desenvolvimento do pensamento da criança, principalmente do julgamento e do raciocínio. Suas descobertas influenciaram muitos

investigadores, entre eles Jean Piaget, que ao contrário, preocupava-se em estudar como a criança sabia ou pensava, isto é seu processo de aprendizado, como a pessoa obtém e usa a informação para resolver problemas. Ele estabeleceu uma teoria interativa da inteligência.

Em 1911 o psicólogo alemão William Stern, foi quem usou o termo quociente mental, em que a idade mental da criança, produto do seu desempenho no teste de inteligência, era dividida por sua idade cronológica e o resultado multiplicado por 100, sendo denominado (QI) e utilizado atualmente. (FLEITH, ALENCAR, 2007)

Com o passar dos tempos, novos estudos são realizados e os testes passam por algumas alterações, porém, recebem também muitas críticas dos estudiosos da área, pois se centrava somente na linguagem e na matemática (inteligência acadêmica), desconsiderando as demais inteligências, privilegiando a minoria da população, especialmente os mais abastados.

Com os estudos de Howard Gardner, no início da década de 1980, surge uma nova teoria a respeito da inteligência humana, onde vários aspectos do desenvolvimento humano e cognitivo são considerados, evidenciando que todos os seres humanos são providos de algum tipo de inteligência. O modelo de Gardner baseia-se, em parte, nos achados científicos e tecnológicos que não existiam no tempo de Binet, a ciência cognitiva, que estuda a mente e a neurociência, que estuda o cérebro.

A teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1994) considera, a princípio que o ser humano é dotado de 7 inteligências: a inteligência lingüística, a inteligência lógico matemática, a inteligência espacial, a inteligência musical, a inteligência corporal-cinestésica, a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal.

O estudo sobre os superdotados é inaugurado, segundo Winner (1998) por Terman que realizou um trabalho científico formal sobre estes. Com seu estudo a área progrediu para além da abordagem de estudo de caso e influenciou profundamente a pesquisa sobre superdotação até o presente momento.

Segundo Winner, (1998, p. 33):

Parte do seu legado é que, para o público geral, bem como para a maioria dos psicólogos e educadores, o termo *superdotados* continua a referir-se a uma habilidade global unitária que é melhor avaliada por um teste de QI ou quando não isso, por desempenho escolar, que sabidamente se correlaciona com o QI.

Vê-se então, que o teste de QI seguiu ocupando um importante papel para se pensar sobre o tema, definindo superdotação por um escore de 130 ou mais, num padrão de

normalidade de 90 em média, em um teste de QI que é realizado com papel e lápis ou por desempenho escolar no nonagésimo quinto percentil ou acima.

O atendimento às pessoas portadoras de altas habilidades/superdotação no Brasil tem início no final da década de 20, mais precisamente desde 1929.

No ano de 1929 a professora Helena Antipoff escreveu sobre o tema e no ano de 1945 e de 1962 recebeu grupos de alunos então chamados bem-dotados (altas habilidades/superdotação/talentosos), egressos dos colégios da Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma fazenda, para desenvolver atividades multidisciplinares durante as férias escolares. Achava que esses alunos necessitavam de atendimento especial no lar, na escola e na sociedade, tanto quanto os portadores de deficiência. (Associação Brasileira para Superdotados, 2000)

O assunto no país passa a ter destaque em 1967, quando o MEC organiza e cria uma Comissão encarregada de estabelecer critérios para a identificação e atendimento ao superdotado. Em 1971 foi promovido um Seminário sobre o tema reunindo especialistas de todo o País para aprofundar as discussões. E em 1972, o Plano Setorial de Educação e Cultura aumenta a prioridade à Educação Especial, chamando mais a atenção para o problema em questão.

Os rumos de atuação da educação especial passam a ser traçados pelo Centro Nacional de Educação Especial, procurando alternativas de ações educativas que pudessem favorecer o crescimento e a qualidade dos serviços prestados também aos superdotados.

Sendo assim, o Estado tem o dever de garantir e proporcionar meios educacionais eficientes e adequados para atender às necessidades do superdotado favorecendo o seu aprendizado, o seu desenvolvimento e sua participação ativa na comunidade, fundamentando-se no princípio de que todos os indivíduos devem ter oportunidades de desenvolver ao máximo suas potencialidades e capacidades individuais.

Em meados da década de oitenta, o Conselho Federal de Educação nomeou uma Comissão Especial que propôs subsídios permitindo aos Conselhos Estaduais o incentivo a ações de atendimento aos portadores de altas habilidades/superdotados e talentosos.

O atendimento dessas crianças foi reconhecido somente com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e com a formulação do Plano Nacional de Educação. As Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001b), instituídas pela Resolução 02 (BRASIL, 2001c), definem Educação Especial como a modalidade de educação escolar.

BRASIL, (2001b, p.69):

[...] que assegura recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos [...]

No Rio Grande do sul, a implementação de programas governamentais de atendimento integral às pessoas portadoras de altas habilidades/superdotação e talentosas foi assegurado na constituição Estadual de 1989 na qual o estado mostrou-se precursor.

Já na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) de novembro de 1996 o portador de altas habilidades/superdotado e talentoso é reconhecido em seus artigos 58 e 59 recomendando estratégias de atendimento.

Percebe-se que a demanda existente de crianças ainda não é atendida mesmo que existam amparos legais, pois não há ações concretas que atendam a todos com qualidade e conforme suas necessidades específicas.

No Rio Grande do Sul, a Associação Brasileira Para Superdotados - Seção RS nasceu durante a realização do IV Seminário Nacional Sobre Superdotados, que aconteceu nos dias 21 e 23 de outubro de 1981 em Porto Alegre.

Em Porto Alegre, existe um trabalho social que vem sendo realizado por uma Organização não governamental (ONG), chamada AGAAST-(Associação Gaúcha de apoio às Altas Habilidades/Superdotação), com utilidade pública Federal, que visa a integração social dos portadores de altas habilidades/superdotados e talentosos e tem como objetivo sensibilizar a comunidade do RGS; congregar pessoas físicas e jurídicas interessadas na área de atendimento a portadores de altas habilidades/superdotação e talentosos; incentivar o intercâmbio e a cooperação entre profissionais; promover congressos, seminários, simpósios, conferências, palestras; estimular a realização de estudos científicos e pesquisas; incentivar a formação e aperfeiçoamento de recursos humanos destinados à pesquisa, à identificação e ao atendimento dos portadores etc. Esta entidade é formada por pais, profissionais e pessoas interessadas pelo tema altas habilidades/superdotação e talentosos. Este órgão iniciou através da Portaria 336/00, do Ministério da Justiça, em 02 de maio de 2000 e atualmente desenvolve palestras em escolas e universidades, oficinas, workshops para integração de pais, alunos e professores e também realiza cursos de capacitação para professores. (ABSD, 2000)

Vê-se que a presente proposta busca informar e expandir o conhecimento sobre o tema valorizando a inteligência e desenvolvendo o talento e o potencial de cada indivíduo. Esses programas buscam auxiliar, informar e desmistificar os pré-julgamentos feitos pela sociedade, tornando os profissionais da educação aptos para identificar o aluno portador de altas

habilidades/superdotação e talentos e buscar alternativas adequadas de trabalho para incluí-lo e desenvolver ao máximo o potencial de cada sujeito. Porém, com a pouca divulgação dos referidos materiais e trabalhos prevalece ainda hoje, o conhecimento estereotipado sobre o tema.

O conceito de altas habilidades/superdotação ou talento varia de acordo com a cultura e valores de um povo, sendo modificado no decorrer dos tempos e da história.

Winner, (1998, p. 33) afirma que:

O modo como uma sociedade conceitua superdotação determina como ela testará para isso. Há muitas formas nas quais uma sociedade poderia conceber superdotação: pessoas que são excepcionalmente morais, que são líderes carismáticos, que podem fazer outras pessoas rirem ou que podem desmontar coisas e consertá-las poderiam ser consideradas exemplos de superdotados.

Através destes escritos nota-se que as altas habilidades são consideradas sob várias aptidões e áreas, porém o que prevalece ainda hoje são os conhecimentos intelectuais.

Chagas (2007, p.15) destaca que:

Na cultura mexicana por exemplo o conceito de superdotação é expresso por um conjunto de habilidades valorizadas e descritas como habilidade lingüística, conhecimento cultural abundante, habilidade de criar com as próprias mãos e habilidades humanísticas- compaixão, auto-sacrifício e empatia.

Já no Brasil são adotados os dois termos, altas habilidades e superdotação, sendo que o primeiro dá maior ênfase ao desempenho do que às características da pessoa, e o segundo propõe habilidade extrema.

Os conceitos e as definições de altas habilidades/superdotação variam de acordo com as diferentes habilidades pessoais não havendo um critério universal e sim um julgamento social e cultural.

Isto torna difícil definir um só tema, pois as culturas são diferentes e se unem ainda aos mitos e ao conhecimento popular preconceituoso pré-estabelecido pelo povo que só vêm dificultar ainda mais o conhecimento real, verdadeiro de como é o indivíduo portador de altas habilidades/superdotação.

Segundo a autora Chagas (2007, p. 16):

Inferir tal conceito requer considerar um conjunto de traços ou características pessoais, ter uma visão multidimensional de inteligência, observar fatores internos e externos que influenciam no processo de desenvolvimento do talento, reconhecer as diferenças individuais e a diversidade sociocultural e perceber as habilidades em continuum direcionado a auto-realização.

Percebe-se ainda, que existe um conjunto de palavras que dão significado e orientam o entendimento do seguinte termo superdotação, sendo assim importante defini-lo buscando relevância e significado para o presente estudo, tornando-o mais claro na busca de um embasamento que o relacione aos diversos fatores que corroboram para o desenvolvimento global do indivíduo.

O termo superdotado foi descrito pelo MEC através da portaria do Ministério da Educação- Centro Nacional de Educação Especial- CENEP nº 69, de 28/08/86, definindo-o da seguinte forma (MEC- Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental/Superdotação e Talento v.I pg. 56):

Superdotados: educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade nos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual, aptidão acadêmica, pensamento criador, capacidade de liderança, talento especial para artes, habilidade psicomotoras, necessitando atendimento educacional especializado.

O termo “superdotado” no dicionário Houaiss apresenta-se da seguinte forma: “Que ou aquele que é dotado de inteligência superior à média”.

No dicionário Michaelis: “Indivíduo dotado de inteligência acima do normal”.

O termo habilidade que é uma das fontes do estudo é definido da seguinte forma no dicionário Michelis: “Qualidade de hábil, capacidade, inteligência, aptidão, engenho, destreza, astúcia, manha”.

Verifica-se que altas habilidades/superdotação estão relacionadas à forma que as habilidades, aptidões e inteligências acima da média do sujeito se apresentam e se desenvolvem no percurso de sua vida. É relevante entender o significado de cada palavra, durante o trabalho, pois o tema está diretamente relacionado à habilidade, área de interesse, à inteligência, ao desenvolvimento e ao ambiente em que a criança esta inserida.

Sendo assim, faz-se necessário definir inteligência, talento, genialidade, habilidade para enxergar o tema altas habilidades/superdotação desprovido de estigmas e preconceitos populares, do senso comum que foram construídos ao longo da história da humanidade.

Os avanços conquistados através do estudo do cérebro, do comportamento humano, isto é, os aspectos cognitivos e comportamentais do indivíduo comprovam que a formação integral da pessoa se deve ao conjunto de vários aspectos advindo da cultura, da genética, do meio, da personalidade que interferem na formação da capacidade, da aptidão de cada um, enriquecendo ainda à construção da definição de altas habilidades/superdotação.

Segundo estudos de Gardner (1995, p.52) o conceito de inteligência sofreu mutações através dos crescentes estudos, porém foi primeiramente definida da seguinte forma:

Na tradição de Binet-Spearman, a inteligência é o traço do indivíduo isolado, que pode ser avaliado sozinho; também se supõe que os indivíduos nascem com uma certa quantidade de inteligência, que pode ser medida cedo na vida, e que é relativamente insensível ao ambiente ou treinamento.

Após muitos estudos e desdobramentos Gardner (2001, p. 47) passou a definir inteligência como: “Um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura”.

Gardner, definiu talento, para entender melhor as diferenças individuais da seguintes forma:

O sinal de um potencial biopsicológico precoce, em algum dos domínios existentes numa cultura. Um indivíduo que avança rapidamente, que é “promissor” num domínio ou numa área de tarefa existente, merece o epíteto de “talentoso”. Os indivíduos podem ser talentosos em qualquer área reconhecida como envolvendo a inteligência. (GARDNER, 1995, p. 50)

Também destacou, que: “Os talentosos são aqueles com altos QIs”. E a prodigiosidade foi abordada da seguinte forma por Gardner: “são uma forma extrema de talento em algum domínio”. (GARDNER, 1995 p. 51 e 52)

Mozart com seu extraordinário talento na esfera musical era descrito como prodígio.

Em seus estudos, Gardner também definiu os indivíduos portadores de genialidade. Considerando que Gardner, (1995, p.51): “Eles são vistos como aquelas pessoas ou trabalhos criativos e peritos, em um determinado assunto, assumindo um significado universal. São pessoas capazes de criar trabalhos que falam a indivíduos de diversas culturas e áreas”.

Em sua obra, o autor destaca como pessoas geniais os seguintes nomes: Isaac Newton, Charles Darwin, Shakespeare, Goethe, Rembrandt e Mozart, pois seus trabalhos transcenderam sua própria época. (GARDNER, 1995)

O aspecto criatividade é bastante abordado pelo autor que a define da seguinte forma: Gardner, (1995 p. 51): “A criatividade é uma caracterização reservada para aqueles produtos que inicialmente são considerados uma novidade dentro do domínio, embora acabem sendo reconhecidos como aceitáveis dentro da comunidade adequada”.

Sendo assim, fica clara a diferença entre superdotação e genialidade. Um gênio é capaz de fazer uma descoberta que muda a vida da humanidade, pois seus trabalhos são peritos e criativos, como também assumem um significado universal, ou quase universal.

No seu artigo a autora Chagas (2007, p. 16) cita o modelo dos três anéis de autoria de Renzulli e Reis para desenvolver o conceitualizar superdotação: “Eles a definem como o resultado da interação entre três fatores: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, que estão presentes em certas pessoas, em certos momentos e sob certas circunstâncias”.

Sendo assim, o comportamento destes torna-se dinâmico, complexo e temporal relacionando as habilidades cognitivas do sujeito aos traços de personalidade e ao ambiente, local onde vive.

A habilidade acima da média apresenta-se de duas formas: “habilidades gerais” que são medidas em testes de inteligência (QI) e estão relacionadas à memória, à fluência verbal, ao raciocínio lógico e numérico, às relações espaciais e ao pensamento abstrato; e “habilidades específicas” que estão relacionadas ao domínio do conhecimento, às técnicas e estratégias aplicadas a uma área do conhecimento, como matemática, pintura, química, escultura e música. Esta habilidade não é facilmente medida em testes psicométricos, diferenciando-se das habilidades gerais.

O envolvimento com a tarefa está relacionado à energia investida na realização de um projeto ou na resolução de problema, sendo evidente a perseverança, a dedicação, a concentração, e a motivação do indivíduo. Sendo assim, Chagas (2007, p. 18), diz que o superdotado é: “uma pessoa com alto nível de motivação intrínseca para a realização produtiva e criativa”.

O terceiro elemento é a criatividade que compõe o modelo dos Três Anéis de Renzulli que está relacionada às características do pensamento, sendo visíveis no indivíduo: fluência verbal, flexibilidade, originalidade de pensamento, fatores associados aos traços de personalidade, tais como: abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade e coragem e características da produção dos indivíduos, tais como: inovação, riqueza de detalhes e abundância. (CHAGAS, 2007)

Junto com o modelo dos três anéis, que considerava os fatores intrínsecos ao sujeito, foi acrescentado também, na rede, os aspectos sociais que servem de base para o desenvolvimento dos talentos e potencialidades dos indivíduos, através das trocas de experiências, da construção dos primeiros aprendizados, do processo de identificação de superdotação, do suporte afetivo, dos estímulos e do ambiente enriquecido advindos primeiramente do ambiente familiar.

O modelo de Renzulli e Reis descrito por Chagas (2007) destaca que existem dois tipos de superdotação: a acadêmica ou escolar e a criativa-produtiva ou talentosa. A primeira considera os altos níveis de desempenho escolar do indivíduo, a memória, grande atividade intelectual, processamento de informações complexas e pensamentos analíticos, crítico e lógico. Está relacionada ao desenvolvimento das habilidades lingüísticas e lógico-matemática do indivíduo. Já a superdotação criativa-produtiva está relacionada à curiosidade, à resolução de problemas e características do pensamento criativo, como originalidade, fluência e flexibilidade. O indivíduo é mais questionador, imaginativo e inventivo.

2.2 ASPECTOS LEGAIS

A educação é um processo que tem início no seio familiar e prossegue na escola que inicia a participação da criança em sociedade. Sendo assim, a educação deste é de responsabilidade tanto da família como do Estado. Este último é responsável em propiciar o acesso e permanência à educação formal.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu art. 20, define a educação da seguinte forma: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Com isto, o Estado tem o dever de efetivar a educação mediante a garantia de: “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”. (art. 20, inciso V da Constituição da República Federativa do Brasil, 1988)

Neste contexto, evidencia-se que todo aluno tem direito à oportunidade educacional de qualidade, sendo assegurado o desenvolvimento de diferentes capacidades, aptidões e

oportunidades de atendimento adequado para atender à diversidade, garantindo o desenvolvimento de suas potencialidades.

O aluno com altas habilidades/superdotação é visto na escola como um desafio, pois ela não está preparada para atender às necessidades e interesses do aluno, conflagrando-se certo desconforto na relação aluno/escola. Uma das principais causas dessa indisposição é a falta de conhecimento por parte dos profissionais da educação sobre o assunto. Por não saberem identificar as características de um aluno portador de altas habilidades, dispensam-lhe atendimento adequado e diagnosticando-o erroneamente. A existência da lei que os ampara é desconhecida pelos profissionais, talvez em razão de sua escassa divulgação, ficando assim negligenciado o atendimento e encaminhamento adequado que objetivam sua inclusão no sistema educacional regular. Com isto o aluno é diagnosticado precipitadamente pelos professores como um sujeito que possui problemas de aprendizagem e problemas de socialização, relacionando sua falta de interesse agitação a comportamento hiperativo.

Os alunos superdotados demonstram perda pelo interesse em aprender os conteúdos escolares, pois já os dominam não aceitando a forma como estes são expostos, estruturados e avaliados pela escola. Esse desinteresse pode influenciar negativamente também nas suas decisões profissionais, pois como ele sabe que domina os conteúdos pode negligenciar num momento decisivo de sua vida (vestibular), onde passam os habilidosos, tanto quanto ele, pois se dedicaram mais aos estudos, isto lhes causa momentos de frustração e insatisfação pessoal.

O atendimento adequado a pessoas superdotadas, talentosas ou com indícios de genialidade, baseia-se nos seguintes princípios, descritos pelo MEC (1999, p. 47 v.I): “respeito à dignidade do ser humano e no seu direito ao pleno desenvolvimento”.

Estes critérios são norteadores de uma consciência tanto nacional como internacional, tornando sólidos os princípios e recomendações que são apresentadas em convenções, acordos e declarações mundiais, que buscam em primeira mão apontar o respeito aos direitos e ao desenvolvimento da criança. Sendo assim, o aluno superdotado por enquadrar-se na educação especial deve fazer uso de seus direitos legais.

Os documentos legais nacionais e internacionais zelam pelo direito do desenvolvimento da criança, mostrando o compromisso e as recomendações que se deve ter em virtude de uma consciência crítica. O Brasil, diante de tal situação apresentou-se signatário de alguns documentos, vista a atenção especial com o desenvolvimento da criança.

A garantia e os direitos da criança e do pleno desenvolvimento do ser humano (considerando suas necessidades, capacidades, potenciais, direitos e atendimentos especiais) é evidente nos seguintes documentos: Declaração Universal de Direitos Humanos (1948),

Declaração de Salamanca, que aborda as Necessidades Educativas Especiais, (constituída em Conferência Mundial realizada de 7 a 10 de junho /1994 em Salamanca/Espanha), Convenção sobre os Direitos da Criança (adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20/11/89) e Constituição da República Federativa do Brasil (outubro/1988), que organiza o atendimento educacional da criança deixando claro o direito desta ao atendimento e permanência na escola, visando seu pleno desenvolvimento e assegurando o dever do estado e da família promovê-lo. (MEC - Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental/Superdotação e Talento v. I 1999).

Com todas essas iniciativas que geraram muitas mudanças mundiais e no próprio país (Brasil) em relação ao ensino, deve-se entender como se processa a Educação Especial e o processo de Inclusão, pois estes ainda estão em processo de adaptação no país devido à alta de estrutura e conhecimento adequados.

No artigo 58 da LDB de 1996, a educação especial é vista da seguinte forma: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”.

A presente modalidade de educação é definida por uma proposta pedagógica que apresenta recursos e serviços educacionais especiais que buscam apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, garantindo a educação escolar na rede regular de ensino e a promoção do desenvolvimento das potencialidades dos alunos em todas as etapas e modalidades da educação. (Política do Mec, Brasil 2001).

Nos incisos I e III fica definido que quando necessário haverá serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial, sendo dever constitucional do Estado promover tal atendimento.

O Processo de Inclusão é entendido da seguinte maneira:

BRASIL, (2001, p.20)

[...] a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida.

Este atendimento é direcionado ao aluno que: “por apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondentes à

sua idade, requer recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas”. (BRASIL, 1999, p.24)

A forma como é estruturada e constituída a concepção de altas habilidades/superdotação depende muito dos valores e da cultura de cada país, que as definem de diferentes formas, dependendo do contexto social.

Em 1971, no Brasil, os superdotados passaram a ser legalmente amparados pela LDB então vigente (Lei 5.692/71), que estabeleceu tratamento especial para os superdotados, conforme se vê na redação de seu artigo 9º: “Os alunos que apresentarem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação”.

No presente artigo, são definidos dois procedimentos para a educação especial dos excepcionais, incluindo os superdotados e a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), que desenvolve algumas ações pontuais para estes alunos.

O Conselho Nacional de Educação, em sua Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, em conformidade com o disposto na lei nº 9394/96, de 20 de dezembro, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional (atual LDB), disciplina o atendimento especializado na rede regular de ensino aos alunos superdotados da seguinte forma, em seu artigo 5º: “Considera-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem: [...] inciso III – altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes”.

Considerando tais critérios a escola terá consciência da necessidade de apresentar em sua proposta pedagógica um planejamento que atenda às necessidades destes alunos. Porém para tal são necessários estímulos para o aprendizado, ambientes apropriados e capacitação dos profissionais, tornando-os qualificados para identificar, trabalhar e encaminhar o aluno.

De acordo com o artigo 8º da Resolução do Conselho Nacional de Educação/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, tem-se que “as escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: inciso I - professores capacitados e especializados, respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos; [...] inciso IV - serviços de apoio pedagógico especializado, realizado, nas classes comuns, mediante [...] ‘c’) atuação de professores e outros profissionais itinerantes intra e interinstitucionalmente”.

Sendo assim, a escola não pode mais fechar os olhos para tal situação, pois a lei deixa clara a necessidade de capacitação de seus profissionais e de uma equipe de apoio. Assim, o conhecimento e a capacitação tornam-se inevitáveis para que aconteça o processo de inclusão.

No inciso V do artigo 8º da referida norma jurídica, fica mais claro que o superdotado é amparado pela resolução, conforme suas necessidades determinando: “serviços de apoio pedagógico especializado em salas de recursos, nas quais o professor especializado em educação especial realize a complementação ou suplementação curricular, utilizando procedimentos, equipamentos e materiais específicos”.

Este serviço é muito importante para o atendimento e encaminhamento do aluno com altas habilidades/superdotação, pois é a partir de um trabalho especializado que se pode desvendar e atender o interesse do aluno.

No momento em que a escola suspeitar que seu aluno não se encontra interessado pelo ensino/aprendizagem deverá iniciar o processo de observação do referido aluno, considerando a fase de desenvolvimento da criança segundo Piaget e sua capacidade (aptidão) pessoal, para após iniciar a identificação do superdotado, que é de responsabilidade da escola-aluno-família. A existência de um aluno com altas habilidades/superdotação em ambiente educacional deverá ser amparado pela norma jurídica devendo a instituição escolar proporcionar o que é determinado no inciso IX do artigo 8º da presente resolução: “atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar, nos termos do artigo 24,V “C”, da Lei 9.394/96”.

O amparo legal assegura ao aluno, a partir da identificação de suas habilidades, o desenvolvimento de suas potencialidades através da prática escolar, como um caminho para sua realização pessoal e um suporte para novos desafios e descobertas. Para que tal processo se efetive é necessário que, nas práticas escolares de inclusão, seja proporcionada aos professores a capacitação adequada ou a contratação de professores especializados para o atendimento às demandas educacionais especiais dos alunos.

No artigo 10 da sobredita norma legal, fica bem claro que: “Os alunos que apresentem necessidades educacionais e requeiram atenção individualizada nas atividades da vida autônoma e social, recursos, ajudas e apoio intensos e contínuos, bem como adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não consiga prover, podem ser atendidos, em caráter extraordinário, em escolas especiais, públicas ou privadas, atendimento esse

complementado, sempre que necessário e de maneira articulada, por serviços das áreas de Saúde, Trabalho e Assistência Social”.

A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul de 1989, em seu artigo 199, inciso VII, estabelece como dever do Estado: “proporcionar atendimento educacional aos portadores de deficiência e aos superdotados”.

Em seu artigo 214, a preocupação em amparar os superdotados conforme suas características e especificações ficam claras e evidentes, conforme a seguinte determinação: “O Poder Público garantirá educação especial aos deficientes, em qualquer idade, bem como aos superdotados, nas modalidades que se lhes adequarem; § 1º - é assegurada a implementação de programas governamentais para a formação, qualificação e ocupação dos deficientes e superdotados; § 2º - o Poder Público poderá complementar o atendimento aos deficientes e aos superdotados, através de convênios com entidades que preencham os requisitos estabelecidos no artigo 213 da Constituição Federal”.

A implementação das normas que regulamentam a Educação Especial no Estado do Rio Grande do Sul, após processo do Conselho Estadual de Educação, constituiu o Parecer nº56/2006, que, em um de seus itens, determina como recurso para os superdotados: “Salas de recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns da rede regular de ensino. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que freqüentam a classe comum”.

O CEED, através de estudos e formulações de pareceres passa a considerar a nova proposta social de inclusão, tornando o aluno portador de necessidades especiais sujeito capaz de participar da construção de sua cidadania com dignidade e condições de acesso ao ensino de qualidade, que atenda suas necessidades, que desenvolva suas potencialidades e que capacite e informe os profissionais da educação a respeito da diversidade existente de alunos no ambiente escolar.

Fica determinado também, através do parecer, que se os recursos pertencentes à própria escola não forem suficientes para compreender as necessidades educacionais dos alunos e identificar os apoios indispensáveis, cabe aos gestores educacionais recorrer a uma

equipe multiprofissional em outra escola do sistema educacional ou na comunidade para melhor atendê-los.

O próprio trabalho de identificação do aluno superdotado deve ser composto por uma equipe multidisciplinar que utiliza uma Escala de Avaliação subjetiva, com anotações sobre características e comportamentos do aluno e teste de QI. Esta avaliação é sugerida para crianças acima de 6 anos, pois antes disso pode ser que seja somente um processo de precocidade e interesse da criança, vindo esta posteriormente nivelar-se às demais crianças (aos seus pares).

O processo de ensino-aprendizagem do superdotado na rede regular de ensino deve moldar-se à realidade do aluno, devendo adaptar-se a ele, adequando os conteúdos curriculares e o processo avaliativo (parecer 56/2006, p.9) trata da seguinte forma: “devendo priorizar determinados objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, para dar ênfase aos objetivos que contemplam as deficiências do aluno, suas condutas típicas ou altas habilidades, ampliando os componentes curriculares específicos e a criação dos programas de aprofundamento/enriquecimento curricular proposto para os alunos com superdotação. Isto não significa que os objetivos para o grande grupo sejam esquecidos, mas que outros sejam acrescentados às necessidades educacionais”. Com isto, a presente determinação mostra que a educação deve apoiar-se nos princípios da inclusão e da equidade, que consideram as diferenças de aprendizado, de características individuais, de habilidades, proporcionando atendimento diferenciado aos alunos que necessitem para desenvolver suas capacidades, potencialidades e aprendizagem.

A resolução CEED nº 267 em seu artigo 5º determina que o planejamento de ações e o estabelecimento de políticas condizentes ao atendimento do universo de alunos com necessidade educacionais especiais cabe à Secretaria da Educação. Já a FADERS trata prioritariamente da criação de políticas públicas para a Educação Especial e administra suas escolas especiais.

As ações pedagógicas, os recursos humanos, os materiais necessários e o apoio pedagógico especializado são definidos e mantidos pela mantenedora, que deve ofertar estrutura preferencialmente no âmbito da própria escola.

A resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, em seu artigo 3º, parágrafo único, afirma: “Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva. Deve ser criada, no âmbito da ordenadora do sistema e em seus órgãos regionais, equipe multidisciplinar

composta por profissionais da área da educação, saúde, e assistência social que possam subsidiar as escolas na qualificação do atendimento a esses alunos”.

A Secretaria da Educação do Estado em colaboração com as demais secretárias de Educação municipais e mantenedoras participam da equipe multidisciplinar como apoio pedagógico e técnico às escolas para o acompanhamento sistemático e contínuo. As pessoas que constituem essa equipe são: professores de Educação Especial, orientador educacional, supervisor educacional, psicólogo, psicopedagogo, profissionais da saúde e assistente social.

A legislação apresenta uma nova proposta social determinando aos indivíduos uma filosofia inclusiva evidenciando que cada pessoa é dotada de capacidades e condições diversas que devem ser atendidas, respeitadas e exploradas para o desenvolvimento do aprendizado.

Porém as inovações caminham a passos lentos, o que está previsto em lei não é o retrato da atual situação, pois esta depende de muitos recursos e modificações, tanto financeiros como estruturais e morais (de valores) para modificar valores pré-estabelecidos socialmente que colaboram na formação de mitos e impedem o conhecimento e o reconhecimento dos alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino.

Cabe aqui levantar a importância que tem a família dentro da escola, pois é através desta parceria que o profissional da educação passa a conhecer melhor seu aluno, sua realidade e seus ideais.

2.3 SALA DE RECURSOS

As salas de recursos são locais adequados para atender os alunos superdotados, pois são espaços apropriados com materiais pedagógicos e recursos didáticos específicos que atendem às necessidades educativas especiais dos alunos, organizadas preferencialmente em escolas comuns.

O número de salas com este tipo de atendimento deve ser proporcional ao número de inscritos no Programa, podendo ser atendidos até dez alunos por turno em cada sala, contendo materiais variados, organizados de forma a chamar a atenção do aluno e instigar a produção de trabalhos coletivos e individuais. (MEC/SESP V.II 1999)

O atendimento a esses alunos será dado por um professor especializado, denominado, facilitador da aprendizagem, e deverá estar baseada em propostas pedagógicas consistentes, adequadas à realidade brasileira e de respeito às especificações do contexto cultural da localidade. A formação de parcerias e grupos de apoio são caminhos e possibilidades para incentivar este projeto.

O aluno passa a frequentar a sala de recursos mediante indicação e avaliação (por meio de fichas avaliativas) pela equipe de diagnóstico, que deverá mostrar o perfil do aluno, as suas áreas de destaque e os aspectos a serem desenvolvidos. O atendimento recebido poderá ser individual ou em pequenos grupos de alunos, com a realização de trabalhos que tenham um significado relevante tanto para o aluno como para a sociedade. O cronograma de atividades irá variar de acordo com as condições e necessidades de cada aluno.

Conforme o MEC/SESP, (1999) p. 44:

A frequência a essa sala deverá ocorrer em horário contrário às aulas do ensino regular, num mínimo de duas vezes por semana, podendo exceder a este número, conforme as normas estabelecidas em cada município e devendo ser controlada pelo professor, em fichas com registros.

Este espaço é um local apropriado para desenvolver atividades diversificadas que propicie um ambiente estimulador e desafiador, onde o aluno sinta-se motivado para buscar novos conhecimentos, através da pesquisa, da leitura, de discussões e, principalmente observação.

Mesmo que o superdotado conviva com um ambiente estimulador dentro destas salas, deverá aprender a buscar, no local onde vive, as informações necessárias a seu desenvolvimento. É nestas atividades que o professor facilitador deve fazer a mediação, planejando suas ações de modo a permitir que o aluno manifeste seus interesses, curiosidades, e potenciais que serão estimulados e motivados para futuras conquistas por meio de ações autônomas e independentes.

Segundo MEC, (1999), p. 46:

O trabalho em sala de recurso costuma ser uma das experiências significativas da vida de profissionais em educação. A motivação, o desafio, as novidades constantes, a necessidade de se estar sempre atualizado, o convívio com jovens que buscam o diferente e a alegria deles ao encerrar e apresentar um trabalho elaborado, por escrito ou não, torna o dia a dia mais ameno e a busca constante.

O trabalho do professor é visto de forma desafiadora, pois além de ter que conquistar a confiança do aluno o professor deve saber lidar com a diversidade de seus pupilos (diferenças de interesses, de grau de conhecimento), que muitas vezes passam a testá-lo para comparar conhecimentos.

Segundo MEC, (1999), p. 43 os objetivos que regulamentam a existência dessas salas são:

- desenvolver as capacidades, habilidades e potencialidades do aluno;
- favorecer o enriquecimento e aprofundamento curriculares, assim como a ampliação dos interesses;
- fortalecer o autoconceito positivo;
- ampliar e diversificar as experiências dos alunos;
- possibilitar ao aluno maior desenvolvimento da sua capacidade criativa, dos hábitos de trabalho e de estudo;
- oportunizar o desenvolvimento dos valores éticos e do convívio social;
- propor atividades que atendam ao ritmo individual de crescimento e de aprendizagem.

Sendo assim, as salas de recursos constituem-se num espaço adequado, assegurado por lei que garante ao aluno com altas habilidades uma oportunidade ímpar para que possa desenvolver seus potenciais e descobrir novos caminhos para que possa conhecer e optar por profissões que atendam suas áreas de interesse, isto é, que busque desenvolver o seu potencial criador.

2.4 FATORES INDIVIDUAIS RELACIONADOS A ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.

A criança desde a tenra idade passa por fases de aprendizagem que são relacionados a fatores ambientais, biológicos, psicológicos e sociais, passando por etapas chamadas de desequilíbrios e posteriormente assimilação, segundo Piaget.

Nos primeiros anos de vida, a criança interage muito com a mãe, com a família reconhecendo o ambiente que a rodeia para posteriormente, numa segunda etapa, interagir com o mundo social e agir sobre ele, isto é a criança observa, percebe e vê como funciona o mundo a sua volta para depois realizar ações que interferem e modificam o ambiente, reconhecendo objetos e ações que servirão para futuros aprimoramentos.

Na teoria de Piaget citada por Seber, (1997, p. 53): “[...] A acomodação é determinada pelo objeto, enquanto a assimilação é determinada pelo indivíduo”.

A criança inicia seu processo de aprendizagem na primeira infância. A família e o ambiente serão relevantes neste desenvolvimento, proporcionando estímulos, porém os interesses e a maturação devem ser considerados para classificar e descrever os processos de desenvolvimento que cada criança irá passar para adquirir crescimentos importantes como: (sentar, andar, comer, falar, ouvir, sentir, perceber, etc.) que possibilitarão aquisições futuras (conhecimento formal) através das habilidades individuais e do desenvolvimento das potencialidades. Aprenderá a ler, escrever numa segunda etapa que garantirá condições básicas de conhecer novos mundos.

Tal teoria é significativa para se entender o processo da superdotação (características), pois a criança que apresenta tal peculiaridade evidencia precocidade nos aspectos, cognitivos, motores e afetivos. A própria criança encontra-se sempre em situação de desequilíbrio, pois busca sozinha sua área de interesse. É relevante salientar que muitas crianças são precoces em alguma coisa, não sendo-lhes garantida a superdotação.

Conforme Piaget (apud SEBER 1997, p. 60):

[...] O conhecimento, então na sua origem, não vem dos objetos nem do sujeito, mas das interações – inicialmente indissociáveis – entre o sujeito e esses objetos. O conhecimento é construído no decorrer das trocas entre ambos, estando sempre vinculado a ações. Para conhecer a sua realidade a criança precisa atuar concretamente sobre os objetos que a rodeiam, a fim de poder assimilá-los à sua organização intelectual. Em contrapartida, os objetos apresentam características próprias, as quais se impõem para modificar essa organização – isto é, o meio exterior também age sobre o sujeito. As construções cognitivas se efetivam portanto, no decorrer das interações.

O processo de desenvolvimento da criança superdotada é mais acelerado do que da criança dita normal, pois ela adquire habilidade geral ou específica precocemente tentando dominar uma área por meio de aptidões pessoais que são demonstradas em seus comportamentos diferenciados em suas características pessoais. A tendência é buscarem aprender sua área de interesse na tentativa de dominá-la. Estas áreas de interesse variam, pois tanto podem ser relacionadas à área cognitiva (conhecimento) quanto a área psicomotoras, (que utilizam o corpo) ou à música, à arte, às relações intrapessoais e interpessoais.

O leque de competências e capacidades descobertas por Gardner constatou-se que nem todas as crianças superdotadas/talentedas possuem um QI elevado. O QI tem mais evidência, e é mais fácil de ser comprovado na superdotação acadêmica. Porém, para que se possa

identificar essa criança torna-se necessário o conhecimento de algumas das características observáveis descritas por Chagas da seguinte forma: (2007, p. 17):

- Habilidade cognitiva avançada - que possibilita ao aprendizado da leitura precocemente e a compreensão da linguagem.
- Curiosidade intelectual - que possibilita uma busca constante dos “comos” e “porquês”.
- Sensibilidade e Curiosidade – que se evidenciam na habilidade de produzir muitas idéias e visualizar conseqüências.
- Intensa Motivação, são independentes e auto-suficientes – que lhe possibilita exibir motivação intrínseca para aprender, explorar e demonstrar persistência.
- Grande capacidade para demonstrar emoções – Reage intensamente a questões morais e sociais. Demonstrando empatia.
- Habilidade para processar informações rapidamente – Adquire habilidade básicas de aprendizagem mais rapidamente e com menos prática.
- Preocupações éticas e estéticas em tenra idade – É cético, crítico e avaliador, sendo rápido em detectar inconsistência e injustiça.
- Pensamento independente – Tem grande prazer na atividade intelectual. Gosta de realizar tarefas de modo diferente.
- Habilidade de auto-avaliação – Tem habilidade para integrar impulsos opostos, tal como comportamento construtivo e destrutivo.

O MEC organizou e descreveu algumas características da aprendizagem do superdotado para que se possa identificá-las durante a prática escolar, (1999, p. 63):

- Poder agudo de observação:
- Poder de abstração, conceituação e de síntese; interesse na aprendizagem indutiva e resolução de problemas; prazer na atividade intelectual.
- Interesse nas relações causa efeito, habilidade para perceber relações; interesse na aplicação de conceitos; amor à verdade.
- Gosto pela estrutura de ordem; gosto pela consistência, seja no sistema de valores, de números ou calendário.
- Capacidade de retenção.
- Em alguns casos: proficiência verbal; amplo vocabulário; facilidade de expressão; interesse na leitura; extensão na informação das diversas áreas.
- Atitude de indagação; curiosidade intelectual, espírito inquisidor, motivação intrínseca.
- Poder de pensamento crítico; ceticismo, avaliação e auto-confirmação;
- Criatividade inventiva; inclinação para novas maneiras de ver as coisas. Interesse em criar na livre expressão de gerar idéias.
- Poder de concentração e prolongamento de atenção, desde que seja no campo e exclusivo de seu interesse.
- Comportamento persistente e dirigido para metas.
- Sensibilidade, intuição, empatia para com os outros; necessidade de suporte emocional e atitude simpática, envolvimento do ego e de coragem.
- Muita energia, vivacidade, agilidade, períodos de intenso e voluntário esforço precedentes aos da invenção.
- Independência no trabalho e estudo; preferência pelo trabalho

individualizado; autoconfiança; necessidade de liberdade de movimento e ação; necessidade de viver em solidão.

- Versatilidade e virtuosidade. Diversidade de interesses e habilidades; muitos passatempos, competências em diversas modalidades de arte, como música e desenho.

Segundo MEC também pode se apontar alguns tipos de superdotação que são descritas da seguinte forma: (MEC, 1999, p. 37):

O tipo intelectual: que apresenta flexibilidade, independência e fluência de pensamento, produção intelectual, julgamento crítico e habilidade para resolver problemas; o tipo social, que revela capacidade de liderança, sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, poder de persuasão e influência no grupo; o tipo acadêmico, com capacidade de atenção, concentração, memória, interesse e motivação pelas tarefas acadêmicas e capacidade de produção; o tipo criativo, com capacidade de encontrar soluções diferentes e inovadoras, facilidade de auto-expressão, fluência, originalidade e flexibilidade; o tipo psicocinestésico, que se destaca por sua habilidade e interesse por atividades físicas e psicomotoras, agilidade, força e resistência, controle e coordenação motoras; finalmente, o tipo dos talentos especiais, que pode se destacar nas artes plásticas, musicais, literárias e dramáticas, revelando capacidade especial e alto desempenho em tais atividades.

As características e tipos de superdotação descritas pelo MEC servem de auxílio para o professor na sua prática docente, porém não há um padrão único de comportamento nas crianças. Nem todas as características descritas podem ser observadas no mesmo aluno e ao mesmo tempo. Elas apresentam-se em forma de traços que o professor sensivelmente observa numa situação mais aprimorada, isto é de conhecimento através de capacitação sobre o assunto pelo professor.

A criança superdotada expressa suas altas habilidades desde cedo através do seu desempenho nas tarefas que são mais adequadas aos seus interesses. Na elaboração destas tarefas ela expressa sua talentosa habilidade e a sua vontade em desvendar e conhecer sempre mais o que lhe interessa, buscando adequar seu ambiente as suas necessidades, de forma criativa e produtiva.

Existem ainda controvérsias entre autores, pois uns optam pela forte influência do ambiente em que a criança está inserida no surgimento, desenvolvimento dos tipos de altas habilidades, e outros, na influência biológica como fator primordial no desenvolvimento dos tipos de altas habilidades.

O próprio indivíduo com altas habilidades seleciona o ambiente que está inserido suprimindo suas necessidades por meio de ambientes estimulantes e enriquecido bidirecionalmente. (Virgolim, 2007)

A cultura também tem uma forte relação com o tipo de superdotação, porque ela seleciona alguns domínios e valores moldando os comportamentos, ditos como corretos, que influenciam e aumentam a demanda social por especialistas ou produção nesses domínios, isto é os valores pré-estabelecidos pela sociedade como corretos tem uma forte influência no comportamento ético e moral dos indivíduos (sociocultural).

Os superdotados são atraídos por domínios altamente estruturados, regidos por regras e que requerem treinamento rigoroso e precoce em áreas como matemática e música, também se interessam por áreas de desempenho como o esporte, a dança e o desenho.

Sendo assim, segundo Virgolim (2007, p. 36):

Não resta dúvida de que o comportamento de superdotação é influenciado tanto por fatores genéticos quanto por fatores de personalidade, como auto-estima, auto-eficácia, coragem, força do ego e energia, ou por fatores ambientais, como nível sócio-econômico, personalidade e nível educacional dos pais, estimulação dos interesses infantis.

A origem da superdotação na atualidade é muito estudada pela diversidade de fatores que influenciam no seu desencadeamento, causa de grande confusão no reconhecimento desta na criança. Grande parte dos estudiosos da genética comportamental aceitam a relevância do papel que a hereditariedade exerce nas diferenças intelectuais. Porém, outros fatores, como o ambiente, também são fundamentais e têm forte influência. Todavia o que parece assumir um papel definitivo refere-se à genética, pois ela determina até o QI de um indivíduo. Os testes de inteligência então terão pouco impacto na predição do sucesso na vida prática e no ambiente de trabalho de um indivíduo, mas serão bons indicadores do êxito acadêmico, isto é, se o aluno estiver sendo incluído adequadamente dentro do universo escolar.

Com o desenvolvimento das ciências neurológicas e tecnológicas houve um grande avanço nos estudos do cérebro dos superdotados. Os exames de tomografia computadorizada por emissão de pósitrons (PET) mostram que, quando as pessoas com alto QI são envolvidas em tarefas de exigências cognitivas, seus cérebros parecem usar mais eficientemente a glicose nas áreas específicas para a tarefa, o que não acontece com as que possuem menos pontuação.

Estudos recentes ocupam-se em dar explicações a respeito da função cerebral dos superdotados declarando ocorrer um maior número de sinapses, ou interligações entre os neurônios em seu cérebro.

Sendo assim, não se sabe ao certo qual fator se a genética ou o ambiente é mais importante no desenvolvimento da superdotação.

A forte influência familiar de propiciar estímulos para que ocorra o desenvolvimento do superdotado tem forte influência no desencadeamento da superdotação.

As crianças superdotadas pensam e sentem de forma diferenciada de seus pares da mesma faixa etária ocorrendo uma falta de sincronia que gera estresse social e emocional na mesma, por haver uma disparidade entre seu desenvolvimento cognitivo e maturidade física ou emocional. Em alguns casos a criança avança no desenvolvimento cognitivo e apresenta dificuldades em habilidades motoras finas, ou em outros casos, elas dominam conceitos e são imaturas emocionalmente.

A autora Fleich (2007, p.45) utiliza o pensamento de Landau (1990) para explicar essa assincronia:

Em algumas situações, vejo a criança superdotada como um atleta que corre longas distâncias. À frente de outras crianças, no entanto apenas intelectualmente ou em campos específicos. Se não nos mantivermos a seu lado, para ensiná-la a vencer o intervalo entre o desenvolvimento emocional cronológico e o intelectual, mais adiantado, ela se sentirá dividida, solitária e usará toda a sua energia para tentar equilibrar esses extremos de sua personalidade.

Atualmente, é descrito na literatura de que o superdotado não precisa ser bom em tudo que faz. O que o diferencia dos demais é o fato de ter alguma habilidade surpreendente em áreas específicas que lhe proporcionam produzir idéias criativas e reformular soluções já existentes.

2.5 FATORES FAMILIARES RELACIONADOS A ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.

A hereditariedade tem grande influência na constituição biológica e psicológica do ser humano, porém é através da relação familiar que se efetiva a forte tendência do fator ambiental no desenvolvimento das habilidades de uma criança, pois é através da relação familiar, que ela recebe mantimentos para atender suas necessidades básicas de subsistência, de desenvolvimento intelectual, moral, emocional e social. Na família a criança recebe alimento básico, manutenção, estímulos, modelos de inspiração que servirão para sua

formação moral e de valores, que vão auxiliar na construção de sua personalidade, de suas aptidões e nas expectativas emocionais, socioculturais, profissionais que formam um ser cidadão.

É no ambiente familiar, através da percepção dos pais, que ocorre a primeira identificação de superdotação, com as habilidades precoces demonstradas pelas filhos na primeira infância. Em muitos casos relatados vê-se que os pais procuram ajuda para entender e auxiliar no desenvolvimento dos filhos, pois consideram tal comportamento diferente das demais crianças.

O desenvolvimento das crianças superdotadas acontece geralmente mais cedo do que é previsto na média, começam a andar mais cedo, falar mais cedo e adquirir conhecimentos cognitivos, motores ou artísticos precocemente.

O estudo dessas famílias traz a tona dados significativos sobre a forma que eles educam seus filhos, ficando evidente a existência de um ambiente estimulante e propício para o desenvolvimento de sua psicomotricidade desde cedo nestes ambientes familiares.

Através do estudo realizado pela autora Delou (2007) por meio da escuta de relatos sobre a história de vida das crianças talentosas constatou dados importantes sobre o desenvolvimento destas crianças como: o andar sem ajuda, de meninos e meninas precoces têm sido evidenciados aos 9 meses e 8 meses. As crianças precoces na fala registram vasto vocabulário em torno dos 12 meses, construindo frases completas, dialogando clara e corretamente com seus pares. As crianças são estimuladas pelas famílias precocemente, tanto no desenvolvimento psicomotor, quanto na fala, pois há uma grande interação entre elas.

Devido à característica dessas crianças, elas recebem ambientes estimulantes pelos pais, sem barreiras, propícios para que possam explorar e usufruir do ambiente que as cercam, participando de momentos de muita comunicação, aonde há diálogo, carinho, atenção e valorização da educação por parte da família. Eles priorizam a educação dos filhos.

Chagas (2007, p.21) descreve o comportamento das famílias de crianças com altas habilidades/superdotação da seguinte maneira:

Os pais costumam reagir à identificação do filho como superdotado aumentando o nível de enriquecimento ambiental e centralizando a atenção no desenvolvimento das habilidades de seus filhos. Esses pais costumam estimular a independência e valorizar a educação como prioridade.

Geralmente, crianças superdotadas são filhos únicos ou primogênitos ou são vistos como tal dentro da constituição familiar, ocupam essa posição diante da família que lhes proporciona um ambiente estimulante e motivacional.

Segundo Chagas, (2007, p. 20): “A família do superdotado, frequentemente, é organizada no sentido de atender às demandas das habilidades e dos interesses do superdotado”.

O fato de serem filho único propicia melhores condições à criança, tanto financeiras com melhores estímulos, alimentação mais rica e qualidade de ensino quanto afetivas, com mais dedicação e atenção dos pais, através de diálogo, carinho e participação dos pais na vida diária dos filhos.

Essas famílias procuram investir mais na educação de seu filho, devido à centralização de esforços diante da necessidade do filho e valores da família.

No caso dos filhos mais velhos, vê-se que eles ocupam uma posição de maior responsabilidade e expectativa dentro da família, tanto de exemplo como de maturidade por não ter mais a atenção total dos pais, esses por sua vez confiam em seu desempenho e exemplo, investindo na autonomia da criança. Chagas descreve essas famílias da seguinte forma (2007, p.21):

Nessas famílias, os pais dão mais liberdade e estimulam seus filhos a serem felizes sem, no entanto, deixar de direcioná-los ao cumprimento de metas, ao engajamento em atividades desafiadoras e de estudo, com a finalidade de que atinjam níveis mais altos de concentração, originalidade, independência e desempenho.

O nível de escolaridade e educação dos pais afeta os parâmetros de concepção sobre superdotação influenciando a identificação e o desenvolvimento das habilidades dos filhos. Diante do diagnóstico, efeitos negativos surgem nas famílias, tais como: (fracasso, desequilíbrio emocional e negação do talento por parte do superdotado) devido a experiências prévias familiares ou conhecimentos do assunto através da mídia que influenciam na concepção de superdotação e na educação das crianças levando-as a situações de exibicionismo, competição entre irmãos ou a estimulação exagerada com cobranças de melhores desempenhos pela criança que só vem impossibilitar o desenvolvimento das habilidades destas e afetar sua personalidade e desempenho futuro. (CHAGAS, 2007)

Outras famílias optam pela negação da superdotação, impedindo o desenvolvimento das áreas de interesse e habilidades dos filhos, por medo da rotulação e por não entender as

características associadas ao comportamento de seus filhos, vendo-a como um problema, que gera complexo de inferioridade e insegurança.

A forma recriminatória de agir dos pais é influenciada muitas vezes pelo sofrimento causado pelo contexto social e cultural de como é vista a superdotação aos olhos da sociedade que forma mitos e preconceitos em relação a essas crianças.

Segundo Chagas (2007, p.22):

A educação e a profissão dos pais também têm forte relação com o desenvolvimento do superdotado, sendo tal influência, inclusive maior que o nível socioeconômico, provavelmente porque dispõem de meios para tornar o ambiente mais enriquecido e por terem expectativas mais altas em relação ao desempenho dos filhos.

Mesmo que os indivíduos superdotados pertençam a ambientes mais humildes sua habilidade é desenvolvida pela adequação destes ao meio, selecionando situações que os favoreçam moldando suas famílias as suas necessidades.

Entende-se que a aptidão inata das crianças é evidenciada em seu cotidiano que moldará seu meio, seus gostos e costumes.

Conforme Chagas (2007, p. 21): “O desempenho dessas crianças está diretamente relacionado ao envolvimento dos pais, porém vale ressaltar que o envolvimento, o treinamento e as estimulações são respostas às características e demandas da criança superdotada”.

A tarefa dos pais de educar uma criança superdotada requer mais atenção e dedicação do que as “ditas normais”, pois esses pais precisam buscar o conhecimento do que está acontecendo com seus filhos, tendo que buscar por si mesmos informações a respeito das fases de desenvolvimento da criança que são parâmetros para identificar as conquistas de cada um, as características do superdotado e os caminhos que devem ser seguidos para o diagnóstico.

Para tal é necessário também auxílio de grupos e técnicas de apoio para as famílias superdotadas, onde possam partilhar emoções e vivências com outras famílias e com uma equipe multidisciplinar especializada no assunto, enriquecendo o processo de educação dos filhos e a qualidade das relações familiares.

Em muitas famílias a habilidade acima da média já era conhecida em membros da família, porém não era explorada corretamente devido à falta de informação e atendimento adequado, deixando lembranças negativas que devem ser trabalhadas buscando identificar e entender a origem da criança superdotada, mas não estigmatizá-las.

A família deve participar em conjunto com a escola tanto na identificação (diagnóstico) como de todo o processo que seu filho necessita ser submetido, buscando sempre a qualidade e o atendimento adequado para a criança. Os pais ocupam a posição de procuradores dos filhos diante do atendimento educacional adequado, para atender às necessidades do desenvolvimento da habilidade e da área de interesse da criança.

Segundo programa do MEC (p. 25):

A família exerce grande influência na formação e desenvolvimento dos superdotados, pelas atitudes e vínculos vivenciados. Será positiva se os pais conseguirem caminhar junto com seus filhos, dialogando sempre, compreendendo seus comportamentos, oportunizando experiências adequadas que atendam seus interesses, dosando suas expectativas quanto ao desempenho escolar, intelectual e na área dos talentos, mas, sobretudo se tiverem um relacionamento espontâneo e efetivamente autêntico.

O papel da família no desenvolvimento dos filhos é de suma importância, pois é através deles que a criança enxerga o mundo. Sendo assim a importância de se ter um ambiente estimulador que desenvolva as potencialidades da criança conforme suas habilidades é um grande passo para que o mundo tenha altos níveis de seres humanos, capazes de exercer os seus dons com qualidade e felicidade.

É importante, então, estimular, acompanhar, conhecer e zelar pelos filhos, porque a tarefa dos pais vai além do ambiente domiciliar, devendo enxergar a escola como uma extensão da educação do filho e aliar-se a ela para ambos, adequarem-se às necessidades da criança, através de apoio pedagógico e propostas curriculares que incentivem o aluno a permanecer na escola.

Os valores da sociedade em relação ao superdotado também afetam o contexto familiar, devido a pouca estrutura educacional oferecida e a exclusão desses alunos no ambiente escolar e social, as famílias sofrem por ver seus filhos passarem por situações de preconceito, acarretando nessas crianças problemas emocionais que inibirão seu talento.

Existem, também, as famílias que tentam tirar proveito das aptidões de seus filhos, expondo-os à mídia ou meios de comunicação, para obter bens materiais, que geram só exibição social e outras ainda, que ficam desorientadas com medo de não saberem como atender às necessidades manifestadas pelas crianças talentosas devido à falta de receptividade social.

A tarefa dos pais de superdotados é árdua, pois os filhos exigem dos pais conforme os seus altos índices de interesse.

Por isto que é recomendado aos pais um apoio psicológico ou de sua participação em projetos que tratam sobre o assunto, para que entendam o que está se passando com os seus filhos e para que possam viver de forma feliz, sem culpa, sem medo, isto é, sem preconceito. Somente assim é que eles poderão propiciar condições significativas para que as potencialidades dos seus filhos sejam desenvolvidas.

2.6 O PAPEL DA ESCOLA NA SUPERDOTAÇÃO

A escola passa a ser a primeira experiência social vivenciada pela criança após a relação familiar. Sendo assim, é na escola que o aprendizado formal tem início, através de atividades que contemplem as diversas habilidades e potencialidades do ser humano.

Durante o processo de aprendizagem são consideradas pelo professor as diferenças individuais para avaliar os alunos, porém na estimulação do saber estes alunos não são contemplados, pois o planejamento escolar (plano de aula) é realizado visando o grande grupo, sendo esquecidos os interesses de cada um.

O professor preocupa-se mais com o aluno que apresenta dificuldades no grande grupo, que não consegue aprender os conteúdos, do que o aluno que sabe mais, pois imagina que esses têm condições de caminhar sozinhos, desconsiderando-o, o que é um grande equívoco pois estes sentem-se excluídos sem terem seus interesses atendidos.

O descaso dos professores gera nesses alunos inquietação, insatisfação e desinteresse pelo aprendizado, pois estes não contemplam as suas necessidades, isto é, as suas áreas de interesse. As escolas valorizam mais as atividades que envolvem o conhecimento intelectual, escolar e não as outras áreas do conhecimento, como: aptidões artísticas, motoras e musicais, por estas já serem desconsideradas pela cultura e pela sociedade como não prioritárias.

Para o professor esse aluno também passa a ser um problema.

Segundo Winner, (1998, p. 195): “[...] Os professores freqüentemente sentem que estas crianças são teimosas, arrogantes, desatentas ou desmotivadas”.

Situações que a criança mostra teimosia, arrogância e desmotivação são comuns no cotidiano escolar, pois as crianças com altas habilidades passam a não se adaptar bem ao universo escolar devido ao fato de saberem mais que seus professores, ou porque consideram a escola não-desafiadora, sem interesse.

Devido a esses comportamentos a relação aluno professor torna-se conflituosa, pois não há uma interação entre aluno-professor. O professor vê esse aluno como um inconformado e teimoso ou passa a diagnosticá-lo erroneamente como Autista, Hiperativo ou Portador de algum Transtorno de Aprendizagem, como Déficit de Atenção ou Problemas de Conduta.

Isto ocorre porque as crianças superdotadas apresentam algumas características semelhantes a esses distúrbios de aprendizagem, tais como: alto nível de energia, dificuldade de concentração, dificuldade de seguir regras, isolamento social, dificuldade em fazer amigos e dificuldade em aceitar autoridade. (Winner, 1998)

Conviver no ambiente escolar e não ser atendido faz do superdotado um eterno insatisfeito, acarretando-lhe sofrimento, pois ele já sabe o que o professor vai ensinar e seus interesses são diferentes dos colegas da turma fazendo com que se sinta diferente dos demais não conseguindo encontrar seus pares tendo que adaptar-se à grande massa e desvalorizar suas habilidades, causando-lhe inquietação que atrapalha o andamento da aula

A escola vira um tédio para esses alunos, como uma experiência intelectual, social negativa, que não tem significado algum no aprendizado, na vida.

Segundo Winner, (1998 p. 197): “As escolas são estabelecidas para ensinar habilidades acadêmicas, de modo que é particularmente perturbador que estudantes nos níveis acadêmicos mais altos, com frequência, sintam estar aprendendo pouco com a escola”.

Os alunos passam a buscar atividades fora do contexto escolar para atender seus interesses.

Os artisticamente superdotados espelham-se em mentores, isto é, em seguidores, sejam nas áreas como artes, música, motoras e intelectuais devido a especificidade que estes dão a habilidade de seu interesse.

Estas crianças são desconsideradas, pois nossa cultura não valoriza as habilidades artísticas; que reflete na escola que dá pouca ênfase a programas de artes, tornando esta uma atividade secundária.

As escolas não exploram essas habilidades, nem sequer sabem identificar crianças com dons artísticos, pois não proporcionam um ambiente propício e nem sabem como proceder ao identificar um aluno com essas tendências.

Já as crianças musicalmente superdotadas; ao contrário das artisticamente superdotadas, buscam, fora da escola, situações que proporcionem o domínio de sua aptidão, através de mentores que modelem sua capacidade e atendam aos seus interesses com treinamento formal fora do contexto escolar.

Segundo Winner, (1998, p. 187): “As crianças são tiranas do sistema”.

Sendo assim, vê-se que tanto as políticas públicas quanto os planejamentos escolares não atendem às necessidades inerentes ao desenvolvimento dessas crianças em suas práticas escolares, pois não basta incluir o aluno especial, disponibilizando espaço físico para o mesmo, mas sim criar condições favoráveis para que busquem o crescimento de suas potencialidades. Soma-se a isso, o despreparo dos professores para trabalhar com alunos superdotados, por sua falta de conhecimento, de capacitação, que não os torna aptos a identificar e atender a criança superdotada adequadamente.

Mesmo diante de tanta dificuldade vê-se que muitas mudanças já estão sendo evidentes na legislação que valoriza e busca o direito e adequação dos superdotados, tirando-os da situação de exclusão e criando possibilidades para que possam desenvolver seu potencial criador. Esta proposta só será possível se o profissional da educação optar pela sua qualificação, pela pesquisa e pelo conhecimento a respeito desse tema tão pouco levantado na prática escolar. Só assim ter-se-á um ensino de qualidade que contemple os aspectos legais na prática escolar.

Porém se, no planejamento e na avaliação do aluno durante prática escolar, o professor considerar a inteligência segundo abordagem multifatorial da inteligência descrita por Guilford (apud VIRGOLIM, 2007) que destaca a importância dos traços de personalidade, da criatividade e de outras habilidades cognitivas que não são contempladas nos testes de inteligência e a teoria de Gardner, que descreve a competência cognitiva humana por um conjunto de nove habilidades, talentos ou capacidade mentais, estabelecidas como universais na espécie humana: a inteligência lingüística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, naturalista, interpessoal, intrapessoal, e, há pouco tempo foi incorporado a estas a inteligência espiritual, que ainda está em estudo, as aptidões e habilidades do aluno poderão se desenvolver e encontrar um estímulo maior para que sejam potencializadas em sua vida.

Com isto, o professor não dará mais valor somente para o conhecimento intelectual do aluno e sim para suas diversas habilidades que se desenvolverão com atividades e avaliações que contemplem as diversas áreas do saber e do fazer. (VIRGOLIN, 2007)

A nossa cultura valoriza muito mais em nossas escolas as inteligências lingüísticas e lógico-matemática, que possibilitam carreiras de destaque dentro da sociedade, porém com a teoria dos três anéis de Renzulli (2000) o conceito de superdotação vem se modificando no decorrer dos tempos, aonde os testes de QI deixam de ser prioridades de ser excelência e a inteligência passa a ser vista de forma multifacetada. (VIRGOLIN, 2007)

Diante de tantas teorias a escola necessita de mudanças, pois se encontra em um tempo de questionamentos, ao mesmo tempo em que tem obrigação de proporcionar acesso à educação de qualidade ao aluno, precisa repensar sobre a estruturada escolar, isto é, planejamento e avaliação, se eles estão condizentes com as novas propostas, que buscam o desenvolvimento global da criança. A escola precisa repensar sobre a inteligência. Diante de tantos conhecimentos e descobertas a escola precisa comprometer-se a desenvolver e expandir as habilidades, as aptidões e os talentos do aluno por meio de novas metodologias, de atividades que contemplem as múltiplas inteligências e que proporcione para o aluno um espaço de trocas de múltiplas satisfações pessoais e coletivas.

Não adianta o aluno ter boas notas e um excelente QI utilizando somente as habilidades de aprendizagem dedutiva, de estoque e recuperação de informações, adquiridas através de mecanismos de aquisição do saber, como um bom consumidor se não for capaz de ser produtor de conhecimento.

Portanto, o professor deve apresentar atividades em sala de aula que contemplem a criatividade dos alunos, fazendo-os pensar, construir, aprofundar determinado tópico, técnica ou atividade, inventar, agir e dominar o conhecimento relacionado à sua área de interesse. Nesta perspectiva o envolvimento com a tarefa acontece naturalmente e a habilidade acima da média que engloba habilidade geral e específica pode se desenvolver, pois encontra um ambiente motivador.

Conforme Virgolim (2007, p.34):

É tarefa da escola estimular o desenvolvimento do talento criador e da inteligência em todos os seus alunos, e não só naqueles que possuem um alto QI, ou que tiram as melhores notas; desenvolver comportamentos superdotados em todos aqueles que têm potencial; nutrir o potencial da criança; rotulando o serviço, e não o aluno; desenvolver uma grande variedade de alternativas ou opções para atender às necessidades de todos os estudantes.

Vê-se que a escola desempenha um importante papel na vida dos alunos, pois ela deve propiciar o desenvolvimento das habilidades do aluno, por meio de atividades envolventes e criativas que valorizem diferentes áreas do saber e do fazer.

Sendo assim, o professor necessita capacitar-se, aprimorar-se na prática educacional, visando conhecer o seu aluno através de observações sistemáticas, de forma individual, sua história de vida, seus interesses, seu contexto social e financeiro e suas aptidões, por meio de técnicas de trabalho que induzam o aluno demonstrar a forma que pensa a respeito de si, de sua família e do contexto escolar.

Cabe ao professor a tarefa de conhecer a criança, como um todo, identificando características físicas, de personalidade, fases de desenvolvimento, interesses, motivações, emoções e seu contexto social, para entender e identificar o aluno com altas habilidades/superdotação dentro da sala de aula. Assim, este indivíduo sentir-se-á incluído no sistema escolar e passará a ser um instrutor do saber, socializando seus conhecimentos e valorizando sua área de interesse através de encaminhamentos legais de direito, como adaptação curricular, aceleração e apoio pedagógico especializado.

No exercício de observação e conhecimento de cada aluno o professor deve reconhecer (dominar) e estudar as seguintes áreas do desenvolvimento humano: desenvolvimento físico e psico-motor, cognição e aprendizagem escolar, desenvolvimento social e desenvolvimento emocional de cada criança relacionando ao seu contexto social e familiar. Esta postura possibilitará um conhecimento verdadeiro da individualidade de cada sujeito, proporcionando ao professor condições de reconhecer seu aluno diante das diferentes situações existentes no desenvolvimento do ser humano.

A legislação garante ao aluno com altas habilidades/superdotação freqüência ao ensino regular, porém devido as suas necessidades e características também é assegurado o direito ao atendimento especializado visando seu pleno desenvolvimento.

Porém, é tarefa da escola conhecer os aspectos legais que amparam este aluno, buscando sempre incluí-lo através de sua participação ativa no contexto escolar, devendo respeitar as diferenças e entendendo-as como fator importante para a construção da cidadania.

O trabalho do professor para identificar o aluno com altas habilidades deve caminhar junto com a família no intuito de contemplar as necessidades da criança superdotada, para que seja um individuo feliz, potencialmente criativo em sua área de interesse e que saiba resolver problemas diários fazendo uso de suas aptidões pessoais para futuras decisões profissionais.

A autora Virgolim (2007, p. 36) aborda a referida situação da seguinte forma: “É necessário que os alunos tenham oportunidade de expressarem-se como pessoas, compreendendo a importância da experiência interior para o amadurecimento social, emocional e intelectual”.

É tarefa da escola, então, buscar recurso para atender às necessidades desses alunos, através de profissionais adequados que realizem um diagnóstico e parecer para identificação da superdotação. A legislação ampara esses alunos descrevendo tais procedimentos que são estimulados e verificados nas salas de recursos através de um profissional capacitado e que tem como objetivo proporcionar apoio e motivação para identificar as habilidades de cada

aluno em conjunto com a família, com a equipe escolar e com o auxílio de profissionais capacitados para as áreas de interesse e necessidade da criança.

As salas de recurso são iniciativas de Políticas Públicas que proporcionam o atendimento adequado aos superdotados e aos profissionais da educação através de profissionais capacitados, visando à melhoria da qualidade do ensino por meio de formação (qualificação dos professores), qualidade da escola como um todo, para que o superdotado tenha condições de crescer com auxílio de pessoas que criem condições adequadas para o desenvolvimento pleno da aprendizagem do aluno visando à felicidade e a sua preparação para a participação ativa na sociedade.

Segundo Virgolin (2007, p. 36): “Portanto, deve-se permitir aos alunos que usem os materiais e meios mais relevantes para a expressão daquelas habilidades que apresentam de maneira mais acentuadas em detrimento de suas áreas fracas ou menos desenvolvidas”.

A escola passa a ter um importante papel na formação do sujeito preocupando-se com seu desenvolvimento intelectual, social, emocional que serão o suporte para formação de sua personalidade, de sua auto-estima e posteriormente para as suas escolhas profissionais.

Alencar (2007) destaca que os alunos devem ter a oportunidade de se expressar como pessoas, entendendo e compreendendo o valor que têm as experiências interiores para o seu amadurecimento social, emocional e intelectual.

Seguindo esta teoria estas oportunidades devem ser de responsabilidade da escola que só as alcançará por meio de estudos, parcerias, metodologias adequadas à realidade do aluno e atividades criativas que contemplam a busca do conhecer interior para que o aluno saiba identificar suas emoções e suas aptidões que lhes possibilite fazer escolhas para agir de maneira ética baseada em valores de respeito à vida que só lhe serão possíveis devido aos reflexos de uma educação de qualidade.

Cabe à escola, reconhecer os talentos de cada aluno, proporcionar atendimentos paralelos para sanar suas necessidades, pois quando esses não recebem atenção especial poderão desaparecer na multidão, sendo deixados à própria sorte, um desperdício, que poderá levar o aluno a abandonar a escola por total desinteresse.

Pior ainda são os casos dos indivíduos mais pobres, que são aliciados para o mundo do crime encontrando na marginalidade meios de desenvolver seus talentos e exercer sua liderança, expor suas idéias brilhantes e serem aceitos e admirados por suas capacidades superiores, dentro de um grupo restrito que vive à margem da sociedade. Indivíduos brilhantes que encontram no mundo do crime condições adequadas para pôr em prática seu potencial superior.

2.7 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Toda a criança em processo de desenvolvimento e interação sofre as influências do meio externo que lhe causaram impacto social e emocional moldando sua inteligência intrapessoal e inter-pessoal.

As primeiras experiências familiares na vida da criança têm uma forte influência em sua personalidade, em sua inteligência emocional. Por meio desta a criança passa a vivenciar situações e relacionamentos que lhe exigem interações intra e inter-pessoais, desenvolvendo sua inteligência emocional.

Segundo Goleman, (1995, p. 209): “Essa aprendizagem emocional começa nos primeiros momentos da vida e continua durante toda a infância. Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm um subtexto emocional, e, com a repetição dessas mensagens emocionais”.

É por isso que as experiências vividas pelas crianças com altas habilidades/superdotação podem ter um grau de influência considerável em sua vida, pois os agentes externos e sociais tem uma visão distorcida em relação a sua caracterização e comportamento.

Devido ao fato das crianças com altas habilidades/superdotação serem vistas pela sociedade como “sujeitos inteligentes”, que não precisam de ninguém para se dar bem na vida, esses têm que conviver muitas vezes com a solidão e a falta de entendimento social, não conseguindo meios adequados para que possam se desenvolver de forma harmônica e adequada.

Segundo pensamento de Silverman, 1993 (citado por FLEITH, 2007, p. 41):

Um desenvolvimento emocional saudável é claramente tão importante quanto uma realização acadêmica, porém ele não tem sido, atualmente suficientemente valorizado de forma a gerar um tipo de ambiente no qual o desenvolvimento emocional possa ser cultivado.

Os mitos construídos pela sociedade em torno do superdotado formam um conceito errôneo de seu comportamento e de suas características tornando ainda mais difícil a estruturação de sua vida emocional, pois a relação do sujeito com o meio externo é que possibilita experiências emocionais e meios adequados desse desenvolver seu potencial criador.

A maior dificuldade encontrada por essas crianças passa a ser a falta de oportunidades e o desconhecimento de suas necessidades emocionais, pois não são entendidos pela sociedade, que não as ampara e sim as julga formando um estereótipo de seu comportamento, julgando-as erroneamente e estigmatizando-as.

Segundo Fleith, (2007, p. 42): É preciso destacar porém que o potencial superior é fruto da interação de fatores genéticos e ambientais”.

A busca pelos seus pares e por um ambiente propício que lhe forneça condições adequadas para que possa desenvolver seu potencial superior lhe causa insegurança e desequilíbrio emocional, afetando sua auto-estima, pois seu desempenho intelectual a todo o momento é cobrado, tanto pela família como pela escola, o que demonstra a falta de entendimento do sujeito com altas habilidades.

As expectativas em relação à criança com altas habilidades/superdotação formam uma idéia de que ela é melhor do que as demais crianças de sua idade. Esse aspecto só poderá ser bem trabalhado se tanto a família como a escola buscarem conhecimentos adequados sobre como ajudar a criança com altas habilidades para melhor entendê-la e com isso, proporcionar ambientes adequados para sua interação com os seus pares e possibilidades desse buscar seus interesses.

As exigências sociais em cima dessa criança são superiores as suas condições, pois imagina-se que ela tenha um desempenho superior a todo o momento e em todas as áreas do saber. Essa idéia se desfaz quando a criança demonstra um desempenho abaixo do esperado na escola.

A forma como a escola se estrutura também causa um desgaste ao aluno com altas habilidades que muitas vezes não aceita a forma como essa apresenta suas estratégias de ensino e currículo, porque fogem do foco de interesse dessa criança que busca por algo mais e não é atendida. A autora Fleith, (2007, P. 46) descreve da seguinte forma o desempenho escolar do aluno: “É muito comum ser observada uma discrepância entre o seu potencial (aquilo que o indivíduo é capaz de fazer e aprender) e o desempenho real (o que ele efetivamente demonstra conhecer)”.

A autora Fleith (2007, p.42): destaca:

A par de fatores relativos a currículo escolar e às estratégias de ensino, como tarefas pouco desafiadoras e motivadoras, aulas monótonas e conteúdos repetitivo, a criança com altas habilidades pode lidar com outros problemas como pressão dos colegas para agir como os outros, isolamento social, ansiedade, perfeccionismo, depressão, expectativa excessivamente alta da família com relação ao desempenho acadêmico do superdotado.

A dificuldade de a criança superdotada encontrar seus pares pode gerar solidão e isolamento social e rejeição por parte dos colegas. Isso com certeza afetará sua vida emocional, mesmo que os mitos desmintam formulando conceitos de que essas crianças são menos suscetíveis a problemas. Porém, as crianças superdotadas segundo Fleith, p. 43 apresentam: “Resultados de pesquisas recentes indicam que alunos superdotados, quando comparados com alunos regulares, exibem ajustamento psicológico similar ou superior um conceito mais positivo acerca de si mesmo e maior maturidade nas relações pessoais, corroborando resultados de estudos anteriores”.

As incertezas e os desafios encontrados na vida da criança superdotada trazem dificuldades que com certeza influenciarão sua vida sócioemocional. A cada etapa vivida a criança encontrará barreiras e poucas situações favoráveis, devido ao desajuste social, aos mitos e ao despreparo dos profissionais da educação.

As características emocionais dessas crianças são fontes de informações que explicam o comportamento dos indivíduos com altas habilidades. A autora Fleith, (2007 p. 44) descreve algumas características que são associadas a essas crianças tais como:

- Idealismo e senso de justiça;
- Desenvolvimento moral avançado;
- Perfeccionismo;
- Alto nível de energia envolvido na realização de atividades;
- Senso de humor desenvolvido como meio de lidar com incongruência do dia-a-dia;
- Independência de pensamento e valores;
- Paixão por aprender;
- Perseverança;
- Multipotencialidade;
- Não-conformismo;
- Tendência a introversão;
- Consciência aguçada de si mesmo;
- Grande sensibilidade e intensidade emocional.

As características dessas crianças com altas habilidades/superdotação evidenciam a relação que ela tem com seu meio social e familiar, a forma como elas sentem o mundo e agem sobre ele. O julgamento da criança a respeito das suas ações e dos que estão a sua volta passam por um conjunto de valores e atitudes eleitos como corretos pela sociedade, onde as diferenças são muitas vezes pouco entendidas e aceitas, gerando um desequilíbrio.

Segundo pensamento de Silverman (1993) (apud FLEITH, 2007, p.45): “Crianças superdotadas enfrentam a tarefa de ter que viver em uma cultura que rejeita suas diferenças”. Assim, é essencial implementar estratégias na família e na escola que ofereçam a essas

crianças oportunidades de ajustamento social, maturidade emocional e desenvolvimento de um auto-conceito saudável”.

2.8 HISTÓRIA DE VIDA

O menino X, atualmente, com nove anos de idade, nasceu de 38 semanas no dia 08 de Maio de 1998 na cidade de Alegrete/RS.

A gestação foi tranqüila e planejada pelos pais, não houve nenhum problema durante a gravidez, a mãe constatou que ele movimentava-se pouco dentro da barriga. Ela tem 32 anos, não trabalha fora de casa, tem o 2º grau completo (Técnica em Contabilidade) e cursa, atualmente, o curso Técnico em Administração, durante a gravidez (9 meses) trabalhou como Caixa de restaurante. O pai tem 42 anos, é marceneiro há 4 anos, sua marcenaria é junto a sua casa, há pouco tempo atrás passou por momentos de trocar de profissão, por não conseguir se encontrar na carreira, uma de suas atividades anteriores foi a de trabalhar no campo. O pai não se interessa pelos interesses do menino e não participa muito de sua vida na escola. O menino perguntava muitas vezes para a mãe: - Por que o pai não gosta de mim?

O menino ocupa a posição de filho mais velho dentro da família. Vive com seus pais e um irmão de 2 anos de idade que fora planejado segundo pedido do filho x.

Possui avós paternos e maternos. Os avós não aceitam muito a maneira que o menino se comporta. Os avós paternos diziam para a mãe que ele parecia doente mental, pois viva introspectivo. E os avós maternos, primos e tios por parte de mãe julgavam-no como “o nerdi, o gênio”.

Segundo relato da mãe, durante a primeira infância do menino X ele não ria muito, falava pouco, não brincava e não fixava seu olhar nos pais, era distante, ficava observando o ambiente e os brinquedos. Por apresentar tais características, a mãe desconfiou que ele tivesse Autismo.

Começou a caminhar com 1 ano e 1 semana e a falar com 1 ano e 8 meses. A primeira palavra dita pelo menino foi “mamãe”.

Quando começou a se interessar pelos brinquedos optava por brinquedos de encaixe, de montar e desmontar carrinhos. Com 1 ano e 8 meses demonstrava satisfação em brincar com um encaixe de formas geométricas.

Sua comunicação era prejudicada quando pequeno, pois gostava de observar as coisas a sua volta, não brincava com crianças e suas brincadeiras preferidas eram desmontar e montar aparelhos telefônicos, rádios, aparelhos eletrônicos e rádio relógio.

Com 4 anos começou a ler, procurava palavras nas revistas e perguntava para mãe o significado. A mãe disponibilizava massinhas e tinta para ele brincar e tentou ensinar o alfabeto, mas ele só se concentrava no que queria no que o interessava. Ficava bravo quando a mãe questionava tais comportamentos. Durante esse período ele já sabia o nome das ruas da cidade, demonstrando interesse em assuntos relacionados à geografia e espaço.

Com 4 anos ingressou no Jardim, de uma Escola Pública Estadual, onde permaneceu até a 5ª série. Isto é cursou o jardim, a 1ª série, a 2ª série e durante a 3ª cursou por um período a 5ª em conjunto com a 3ª, sendo posteriormente avançado para a 5ª série. Durante o jardim, gostava muito do alfabeto e dizia que a letra k, w e y faziam parte dele, porém a professora desmentia-o dizendo que essas letras não constavam no alfabeto brasileiro, também dizia que o menino parecia um adulto.

A mãe e a professora relataram que ele fora aceito na primeira série com 5 anos e meio, pois já sabia ler e escrever. Sempre foi ansioso por aprender e aprendera a ler e escrever sozinho, através de uma lista telefônica. Realizava as atividades mais rápido que as outras crianças da sala. Nas atividades de pintura e desenho demonstrava pouco interesse. Gostava de desenhar o que queria não o que lhe era mandado.

Durante o jardim e a primeira série pintava seus desenhos de preto, deixando sua mãe e professores preocupados, porém não sabia explicar o porquê de sua escolha, quando questionado.

A professora reclamava do comportamento dele, pois ele agia como um adulto durante a aula. Essa então passou a reclamar para a mãe e culpá-la.

Na sala de aula ele chorava e dizia que não tinha nada para aprender na escola. Demonstrava frustração com as aulas e pouco interesse nas atividades propostas pela professora. A mãe procurou a professora para conversar. Esta então, decidiu passar continhas de 2ª série para o menino, porém não conseguiu dar prosseguimento, realizando estas atividades somente por uma semana, pois o menino era insaciável sempre querendo mais desafios, e ela não poderia atendê-lo desta forma, tendo os outros alunos para atender.

Ele demonstrava pouco interesse nas aulas de Educação Física, dizia que preferia o Futsal, talvez pelo fato de apresentar dificuldades motoras o que lhe causava sofrimento, fato relatado pela mãe.

Freqüentou a 2ª série com 6 anos de idade, sendo chamado pela professora de ‘geniozinho’, pois ela sabia que ele era adiantado. Ela não acusava a mãe de “culpada” pelo comportamento do menino, como as demais professoras.

Durante a aula a professora levava alguns assuntos, materiais ‘extras’ do interesse do aluno. Por exemplo, surgiam perguntas, feitas por ele como: Quantas patas têm a aranha? E esses materiais ela tinha como ‘carta na manga’ durante a aula. Ele e os demais alunos gostavam muito. Quem pesquisava esses assuntos para a professora era seu filho, que buscava na internet.

Porém, ele sentia-se cada vez mais deprimido e passava o tempo inteiro, na sala de aula, lendo revistas científicas, como a Super Interessante.

Durante esta fase da vida do menino, a mãe não o via ainda com altas habilidades. Apenas não entendia por que ele sentia necessidade de reformular algumas fórmulas matemáticas e se tudo que fazia tinha alguma lógica, por muitas vezes pediu para ele parar com essas loucuras. Questionava-se a todo o momento e irritava-se com aquelas atitudes dele. Muitas vezes o criticava e solicitava para não ler na frente das visitas. Foi um período muito ruim para ambos, pois a mãe recebia muitas críticas dos seus familiares, o que lhe causava uma irritabilidade muito grande, devido ao comportamento do menino e a tal situação, e este por sua vez sentia-se infeliz.

Nesta mesma série o menino foi selecionado para participar de uma atividade que estava sendo aplicada na escola pelos alunos do curso de matemática da universidade. Eram aplicados joguinhos matemáticos de Piaget, nos melhores alunos da escola. O menino se saiu melhor que os colegas da 4ª série. Durante a testagem a supervisora dos alunos mencionou o fato dele ser superdotado, mas a mãe não acreditou. Segundo a mãe foi muito difícil para ela ouvir isso.

Segundo relato da mãe, durante a atividade, ele resolveu todos os problemas demonstrando domínio e rapidez. Enquanto os colegas viam um círculo e o descreviam como uma rodinha, ele fazia outra leitura sobre o objeto nomeando-o como ‘circunferência’.

Na segunda aplicação dos jogos o aluno não estava na escola sendo chamado por meio de uma ligação telefônica. Quando chegou alguns professores disseram: - Aí vem, o geniozinho. Participou da atividade, tinha 2 jogos e ele realizou o jogo mais difícil. Neste momento estava a chefe das alunas da universidade, que havia ido até a escola para observá-las, pois era coordenadora do curso de matemática. Após ver o aluno realizar as atividades disse para a mãe do menino: - Ele tem altas habilidades, é um superdotado.

A mãe ficou apavorada, desesperada com o que havia escutado.

E a professora respondeu da seguinte forma: - Quanta ignorância.

Durante a terceira série, ele seguiu agindo da mesma forma, realizava as atividades com rapidez manifestando-se durante a aula através de perguntas relacionadas ao seu interesse particular para a professora. Num determinado dia queria descobrir a área, perímetro de uma circunferência e a professora lhe apresentara o número PI. Neste dia ele chegou em casa realizado, feliz, pois havia descoberto o PI.

Nem sempre a professora sabia responder, na hora, as suas perguntas, mas sempre as considerava importante.

O menino então passou a ter momentos de mais entusiasmado com a escola, pois a professora o desafiava, ela também começou a ajudar a mãe, esclarecendo o que era de fato as altas habilidades, emprestou-lhe uma revista e um livro que tratava sobre o assunto.

Quando ele tinha que apresentar trabalhos de ciências, dava uma aula para os colegas, pois fazia mais do que era solicitado pela professora, fazia maquetes e pesquisava a fundo o assunto solicitado.

A professora da terceira série, como era aluna de matemática e já o conhecia começou a trazer atividades extras para o menino, mas por um curto período, pois não tinha disponibilidade de tempo, tinha que atender a turma toda.

O menino então seguiu dizendo que não queria ir mais à escola, por falta de vontade e desinteresse, dizia à mãe que não aprendia nada de novo na escola, já sabia tudo.

Neste período a mãe decidira levá-lo à psicóloga devido a sua tristeza profunda e insatisfação com a vida.

Na escola, a professora da 3ª série foi fazer seu estágio de matemática na 5ª série e o convidou para assistir algumas aulas de matemática na 5ª série, e ele prontamente aceitou. Seu desempenho nos testes aplicados na 5ª série foi muito bom. Durante o recreio ficava dentro da sala dos professores para pedir para os outros professores da turma que o deixassem assistir as suas aulas.

Neste período então ele passou a assistir as aulas da 3ª pela parte da tarde e da 5ª série pela parte da manhã, passando a freqüentar a escola por uma grande parte do seu dia.

O que mais impressionava a todos era o fato dele acompanhar os conteúdos de 5ª série demonstrando alegria e satisfação em passar grande parte do seu dia na escola. E nos finais de semana passava lendo.

Este período foi muito bom para o menino, pois ele voltou a sorrir e se integrou muito bem com os colegas da 5ª série. Vendo esse quadro, a mãe começou a solicitar que a escola tomasse uma providência, pois seu filho estava se sentindo muito feliz e integrado na 5ª série,

agora a mãe já entendia melhor o que se passava na vida do menino. Foi aí que começou o processo de identificação e avanço dele.

Primeiramente ele chegou no (Capsi) para ser atendido por uma fonoaudióloga, pois estava com algumas dificuldades em pronunciar algumas palavras.

Num segundo momento, a fonoaudióloga desconfiou que ele fosse diferente, estava bem adiantado intelectualmente que as crianças da sua idade.

A mãe por sua vez, falou para a fonoaudióloga que o filho estava muito triste, deprimido, pois não queria voltar mais para a 3ª série da escola, gostaria de permanecer na 5ª série a qual lhe fora proporcionado.

A fonoaudióloga então o encaminhou para uma psicóloga que passou a acompanhá-lo e dar início no processo de identificação de superdotação, através da aplicação do teste de inteligência Visc. Como a psicóloga que o acompanhava não tinha o teste resolveu então, solicitar a uma colega que o aplicasse, pois essa havia chegado a pouco de um curso de especialização do referido teste.

O teste Visc é o teste mais completo de inteligência infantil composto por 12 provas, sendo 6 testes para avaliar a área de execução e 6 para avaliar a área verbal. Ele apresentou um QI muito alto, na área verbal ele apresentou uma inteligência bem maior que na área de execução, onde teve uma inteligência média.

O trabalho da psicóloga primeiramente foi com a mãe, pois ela não queria aceitar o fato dele apresentar altas habilidades. Chegou lá pedindo que ela tirasse do menino aquele interesse em aprender, pois ela queria que ele fosse igual as outras crianças.

Devido a uma longa conversa com a psicóloga a mãe passou aceitar o filho e a entender que a felicidade do mesmo dependia da sua dedicação e aceitação, somente assim a psicóloga poderia ajudá-la. A mãe então foi muito madura e prontamente aceitou este desafio, lutando pelos interesses do filho e procurando aperfeiçoamento teórico para melhor entendê-lo.

Enquanto isso, na escola o menino seguia assistindo as aulas da 5ª série, com a concordância dos professores. Nesse período, a professora da 3ª juntamente com a equipe diretiva encaminhavam o pedido de avanço do menino, pois tanto no projeto político pedagógico e no regimento escolar como na legislação essa decisão era viável.

Sua mãe se irritava muito com seus hábitos de leitura noturnos enquanto todos dormiam e durante as refeições. A mãe o chamava para almoçar e ele fazia não ouvir.

Em alguns momentos demonstrava interesse em brincar, mas de forma diferente das outras crianças, testando os objetos que brincava. Por exemplo: atirava uma bola de ferro várias vezes para observá-la e ver quantas vezes a bola rolava e picava.

A escola então informou a secretaria de educação de Alegrete que entrou em contato com a Coordenadoria da Educação de Uruguaiana solicitando uma visita à escola para conhecer a realidade do menino, possibilitando-lhe avançar de série.

Duas professoras da coordenadoria foram até a escola e aplicaram alguns questionários. Participaram deste questionário a família, a escola e o próprio menino, que deveria responder as perguntas que ali estavam estruturadas.

Após acompanhamento do referido processo e devido à insistência da mãe e a vontade do próprio menino foi-lhe aplicado uma avaliação em forma de provas com conteúdos da 3ª e da 4ª série pelas respectivas professoras das séries. Ele se saiu muito bem nas provas. E foi avançado para 5ª série mesmo contra a opinião de muitos, inclusive da coordenadoria.

Após concluir a 5ª série sua mãe ficou preocupada com seu desempenho, pois passou a entender seus interesses e a disponibilizar meios de consegui-los. Estudava os assuntos e as matérias do interesse do filho para poder conversar com ele sobre os referidos assuntos.

O menino também se envolve em assuntos sociais na cidade, isto é tem consciência social, tem idéias comunistas. Segundo relato da mãe se ele acredita em alguma coisa vai até o fim. Na cidade, houve alguns problemas que envolviam a implantação de um projeto de plantação de eucalipto. Ele tomou conhecimento e se manifestou publicamente sobre o assunto. Foi contra os interesses financeiros do tal projeto e defendeu a preservação do meio ambiente, pois acreditava que o tal projeto poderia prejudicar o meio ambiente.

Também foi dito pela mãe que ele é muito sensível, se preocupa com o bem estar dos outros.

Atualmente o menino faz um curso de teologia na igreja que a família frequenta, por iniciativa própria, foi até a igreja e se matriculou.

Há três anos ele tem amigos imaginários, que ele cria, pela necessidade de conviver com seus pares. O fato de seus interesses serem diferentes dos demais colegas faz com que ele não consiga interagir da mesma forma com eles, há uma diferença de valores. Segundo a mãe, ele não concorda com a forma que os colegas comunicam-se entre eles, como agem, discorda da forma que procedem durante a interação em sala de aula, pois muitas vezes eles magoam-se com ofensas pessoais, usando palavras de xingamento sobre as características físicas de cada um, o que valoriza estereótipos.

Segundo relato da mãe, quando as aulas não são interessantes para ele, em alguns momentos dessa viaja num universo paralelo próprio, aonde começa a pensar em outras coisas mais interessantes, se ausentado mentalmente da aula.

Perante os colegas ele assume um papel de liderança, pois mesmo que eles não pensem iguais, pela diferença de interesses, os colegas o têm como referência.

Na escola, atualmente, ele participa de um projeto que lhe oportuniza escrever um jornal, quinzenalmente. A atividade do jornal foi proposta em sala de aula, através de um trabalho interdisciplinar realizado pela turma. Os alunos formaram grupos e deveriam realizar um trabalho integrando todas as disciplinas, isto é interdisciplinar. O menino X logo pensou em elaborar um jornal, teve pouca colaboração dos colegas, porém apresentaram a atividade juntos na escola. Como a idéia do jornal foi muito boa a escola então, decidiu incentivá-lo a seguir realizando a atividade. No início alguns colegas participaram, mas em seguida desistiram. O jornal agora é quinzenal e têm patrocinadores. O menino é responsável por todas as funções do jornal e o seu objetivo é levar informações de qualidade para as pessoas, também tem reportagens sobre assuntos do seu interesse relacionados à matemática, física e poesia.

Através dos patrocinadores do jornal ele recebe uma auxílio financeiro de R\$40, 00, que utiliza para comprar livros e artigos que considera importantes para suprir seus interesses. Também faz aulas de inglês, duas vezes na semana, ele recebe desconto de meia bolsa.

Durante o processo de avanço deixou bem claro para as professoras do CRE que gostaria de avançar para a 5ª série, que isso era importante em sua vida. Sua mãe também se empenhou muito para que ele conseguisse o avanço, pois considerava este uma forma de vê-lo novamente feliz. Tanto a coordenadora como a Faders, como a psicóloga concordaram com o avanço, por ser uma vontade da criança e da mãe, mas tem idéias contrárias a ele, pelo fato deste trazer algumas conseqüências negativas ao menino como: imaturidade para certas atividades, diferença de idade entre os colegas e queima de etapas, oportunidades e aprendizados em sua vida. Porém a mãe através do amparo legal acreditou e exigiu que este fosse feito.

Durante este período o menino escreveu um livro de poesia e um manual de xadrez. Algumas cópias do livro ele utilizou para presentear às professoras que participaram de seu processo de avanço. Segundo a mãe, após conseguir o avanço ficou livre do quadro de depressão.

Após concluir a 5ª série a mãe começou a procurar outra escola para o menino, pois via que esta não lhe dava outras oportunidades que precisava e naquele momento ela já o

entendia melhor, sabia que deveria auxiliá-lo e correr atrás dos seus interesses. Então decidiu falar com a professora da universidade que lhe teria dito em primeira mão que o menino era um superdotado.

Procurou então a professora de matemática da universidade que também participava da equipe da Secretaria de Educação do Município para pedir-lhe ajuda, pois sabia dos direitos legais do filho, sabia que teria direito a outros atendimentos também, porém não sabia como conseguiu-los.

A professora ajudou a conseguir uma bolsa de estudos na escola particular onde ele estuda atualmente. Ele recebe uniforme completo da escola e livros gratuitos, os receberá até concluir o ensino médio. Também o inseriu no projeto da universidade, onde ele é atendido uma vez por semana, nas chamadas oficinas para altas habilidades, procurando desenvolver seu potencial criador. Nas oficinas são abordados assuntos principalmente de matemática conforme interesse do aluno. O projeto é interligado com a escola, sendo que quando o menino apresenta algumas dificuldades estas também são trabalhadas pelos professores, para que possa desenvolver algumas atividades mais complexas ou construir alguns conceitos importantes em seu aprendizado.

A professora deixou bem claro que no início ela planejava as atividades e trabalhava muitas dificuldades dele, porém com o tempo aprendeu a lidar com ele, hoje procura atender primeiro seus interesses. Porém acha que alguns conceitos básicos são importantes para que possa entender muitas coisas, e isso, procura explicar para ele.

Participam do projeto pais e professores voluntários que atendem alguns alunos com indícios de altas habilidades. Somente ele passou pelo processo legal de identificação. Também trabalha com o menino um professor de educação física que auxilia na concretização de muitos conceitos matemáticos e físicos.

Sua mãe tentou concretizar um projeto pessoal. Elaborou um projeto de construção de sala de recursos na cidade a qual encaminhou para a Secretaria de Educação de Alegrete para ser aprovado, que acabou sendo negado pelo município, procurou outras crianças com indícios de altas habilidades informando seus pais de seus direitos legais. Montou um grupo de estudos, que funcionou por um período curto. Mãe e filho foram convidados por uma revista local para participarem de uma entrevista sobre altas habilidades, somente a mãe participou da entrevista, em que abordou sobre o tema altas habilidades, convidou outra mãe e um menino com indícios de altas habilidades, para participarem da entrevista. Resolveu não levar o filho e nem expor a sua foto, pois isso não seria necessário, somente estaria expondo

sua imagem, sendo que sua intenção era somente a divulgação do referido tema, para que outras mães identificassem essas características nos seus filhos através da reportagem.

Atualmente, ele segue na escola particular e sente-se bem, sua auto-estima melhorou muito, porém um dia verbalizou para sua mãe que gostaria de largar o jornal, pois havia cansado das mesmas coisas. A mãe conversou com ele estimulando-o para não largar e sim mudar o que escrevia. Ele então decidiu utilizar um pseudônimo para escrever idéias e pensamentos próprios num espaço do jornal, como forma de incentivo e motivação para prosseguir.

Teve alguns problemas com um colega da escola que agiu de forma violenta contra ele. O fato logo foi relatado à mãe que decidiu pedir auxílio para a psicóloga.

Permaneceu afastado da psicóloga por um longo período, mas atualmente, sentiu necessidade de atendimento, pois precisa resolver os seus problemas de interação com os colegas e os problemas relacionados à sua sexualidade.

Também foi convidado para participar de um projeto em outra universidade, isto o deixou muito entusiasmado.

O que mais motiva sua vida são seus estudos. Porém quando realiza as atividades deixa de registrar muitos dados, cálculos e palavras por considerar desnecessário, vai logo ao que lhe interessa, pois realiza os cálculos mentalmente. Esse aspecto é muito cobrado pela escola que cobra o registro escrito de palavras e cálculos matemáticos. Sua caligrafia é muito prejudicada, muitas vezes até ilegível.

Tem muito medo de não ser aceito pelos outros, do julgamento das pessoas em relação a sua pessoa.

A mãe busca sempre integrá-lo com outras crianças convidando-as para irem brincar com o menino, porém muitas vezes não obtêm êxito, o menino sempre se isola.

Atualmente, é acompanhado pela psicóloga, o que traz muitas perspectivas positivas tanto para ele, em relação a sua imagem, como para família em ver que ele reage aos acontecimentos sociais de maneira mais adequada a sua idade. Também segue buscando se integrar em eventos que tratam de seus interesses particulares, como feiras científicas e novas descobertas relacionadas à área da física e matemática.

Sua mãe o acompanha constantemente, pois busca possibilidades para que possa alcançar seus objetivos e não se cansa de lutar para que possa se tornar um menino feliz e realizado.

Atualmente, o menino tem 10 anos de idade e cursa a 7ª série de uma escola particular e segundo a mãe ele sente-se incluído em um ambiente escolar que lhe proporciona condições

de buscar o saber, através da biblioteca e recursos tecnológicos. Um ambiente que lhe proporciona melhores condições de buscar o saber, mas que ainda não se transformou para sua realidade, isto é para conviver com um aluno com altas habilidades/superdotação.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A presente pesquisa teve início com a busca de informações sobre a existência de algum diagnóstico fechado de altas habilidades no município de Uruguaiana. Após alguns contatos e informações a pesquisadora procurou a 10ª CRE que informou a existência de somente um caso ser diagnosticado atualmente, não sendo este no município de Uruguaiana e sim no município de Alegrete. Sendo assim, a atual pesquisa constitui-se no estudo de caso de uma só criança portadora de altas habilidades no seu ambiente natural, para o levantamento dos dados, usada a abordagem qualitativa. Segundo o autor Apolinário (2004), a pesquisa qualitativa é uma modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados através da interação entre o pesquisador e o grupo ou fenômeno a ser estudado, através da interação social. Os dados da presente pesquisa são analisados pelo pesquisador de forma subjetiva.

Foi desenvolvido um estudo de caso, através de uma pesquisa voltada para uma criança em especial, tendo um objetivo delimitado e bem definido; cujo interesse próprio e singular foi fornecer uma riqueza de detalhes com especificidade do caso em si, por se aprofundar a investigação na origem natural de onde se deu os fatos e no município onde se localiza a equipe da SESC que acompanhou o processo de identificação. Conforme afirma Yin, Roberto K, (2001) pg. 19: “...os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

3.2 QUESTÕES NORTEADORAS

As indagações dessa pesquisa visam ao esclarecimento das seguintes questões:

- Como acontece o processo de aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação?

- Quais são as características do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Como acontece o processo de identificação e inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Como é o comportamento do aluno diante da família, dos colegas e dos professores?
- Como é o comportamento do aluno diante das atividades escolares?
- Quais são os interesses do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Quais são as facilidades do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Quais são as dificuldades do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Como a escola se organiza para atender as necessidades do aluno com altas habilidades/superdotação?
- Como os professores vêem o processo de altas habilidades/superdotação do aluno?
- Quais são as motivações do aluno com altas habilidades/superdotação?

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para realizar a pesquisa foram escolhidas como participantes 3 profissionais de escola particular de Alegrete: Diretora, Supervisora e Orientadora Pedagógica, descrição por escrito de alguns professores da rede particular do menino, 2 profissionais de escola da área pública de Alegrete, sendo 1 professora da 3ª série do ensino fundamental com formação superior em Matemática e 1 Coordenadora Pedagógica; 1 professora da área de matemática da Universidade particular de Alegrete que participa do projeto para crianças com altas habilidades, 1 professora especializada em altas habilidades da sala de recursos de Uruguaiiana que atua em uma escola pública Estadual de Uruguaiiana, 1 professora Coordenadora da Educação Especial da 10ª Delegacia de Educação, 1 psicóloga da cidade de Alegrete e os pais do menino.

Todos os participantes da pesquisa vivenciaram o processo de identificação das altas habilidades do menino estudado.

As entrevistas realizadas na cidade de Alegrete foram marcadas com antecedência pela mãe do menino junto às entrevistadas.

Os presentes profissionais lotados na rede pública estadual e particular demonstraram bastante experiência na área em que atuam. Os participantes da pesquisa ligados à área da educação possuem formação superior e têm idade acima de 25 anos.

O presente estudo pautou-se pelo sigilo em não divulgar o nome dos participantes da pesquisa.

3.4 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados na cidade de Alegrete e Uruguaiana por meio de entrevistas semi-estruturada (relatos, entrevistas, observações e análise de documentos) como instrumentos para coletar os dados necessários à pesquisa.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2008. Serviram como foco principal de investigação o menino estudado, os pais, os professores, a professora da sala de recursos e os demais profissionais da área da educação que vieram a contribuir com a referida pesquisa, totalizando 7 profissionais a serviço da educação.

3.4.1 Entrevistas

A entrevista é uma técnica que permite o relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador, para que este selecione os aspectos mais relevantes do problema da pesquisa. As entrevistas foram realizadas na cidade de Uruguaiana e Alegrete, optando-se, então, pelo tipo de entrevistas semi-estruturadas: O autor Apolinário descreve este tipo de entrevista como: (p. 71, 2004) “Tipo de entrevista que possui componentes estruturados e não estruturados, ou seja, há um roteiro de perguntas pré-estabelecidas a serem feitas ao respondente, mas há também um espaço para discussão livre e informal de determinado tema do interesse do pesquisador”.

Devido ao fato do tipo de entrevista ser organizada num roteiro básico, porém flexível em relação ao tempo e espaço da ordem das perguntas e acontecimentos, o momento de

pesquisa foi oportuno para relatos dando mais liberdade para as entrevistadas falarem normalmente sobre o tema estudado, tornando o estudo significativo.

Conforme Lüdke e André (1986, p. 34), “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Para realizar a pesquisa na cidade de Alegrete a pesquisadora necessitou deslocar-se até a referida cidade por 4 vezes. Realizou as entrevistas nas escolas da rede privada e particular, no consultório da psicóloga, na casa do menino e na Secretaria de Educação do município acima citado. No dia em que a pesquisadora teve de deslocar-se até a referida cidade procurou aproveitar ao máximo o tempo para coleta de dados, necessitando permanecer durante 8 horas na cidade. Já as entrevistas realizadas na cidade de Uruguaiana foram feitas na sala de recursos da Escola Estadual e na 10ª CRE. As entrevistas tiveram duração de mais ou menos de 40 minutos a 1 hora e meia cada e foram gravadas e transcritas fielmente com o consentimento das pessoas entrevistadas.

Segundo Ludke e André (1986, p. 34): “Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”.

3.4.2 Observações

Durante a pesquisa foram realizadas observações diretas, que proporcionaram evidenciar o comportamento/relacionamento do menino diante dos colegas, professores e família e a atuação da professora na sala de recursos. As observações feitas durante a pesquisa tiveram 2 momentos: num primeiro momento, a realização da entrevista foi em Alegrete quando a pesquisadora observou o comportamento do menino em casa, na escola particular e no recreio com os colegas.

E, em outro momento, na cidade de Uruguaiana observou a atuação da professora da sala de recursos durante sua prática escolar na sala de recursos.

As observações diretas de acordo com Lüdke e André (1986, p. 26): “Na medida em que o observador acompanha “in loco” as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar

apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações”.

As referidas observações foram registradas em diário de campo. Embora tenham sido poucos os momentos de observação, elas serviram para um melhor entendimento por parte da pesquisadora em relação às características sócio-emocionais do menino diante das suas interações na escola e com a família. Estas também foram relevantes para melhor entender, atualmente, a atuação da professora na sala de recursos.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

3.5.1 Processo de análise

Constitui-se no momento da pesquisa em que acontece a organização e análise de todo material acumulado em que o pesquisador busca destacar os principais achados da pesquisa para melhor entendê-los à luz do referencial teórico previamente construído, reconhecendo as tendências e os níveis mais relevantes da experiência, os conceitos e o contexto de vida dos entrevistados.

A análise de conteúdo, coletado do estudo de caso específico por meio de pesquisa qualitativa, foi feito através da transcrição das entrevistas gravadas, dos relatos e das observações. Após, houve um momento de leituras e releituras destas entrevistas pela pesquisadora.

Ao analisar, classificar e organizar os dados coletados e o material da pesquisa qualitativa procurou-se sintetizar o que mais se destacava nas entrevistas, relatos e história de vida do sujeito da pesquisa.

Segundo Lüdke e André (1986, pg. 45): “Analisar os dados qualitativos significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Esta técnica utilizada no presente estudo de caso permitiu um melhor entendimento do campo de ação pesquisado, abrangendo, assim, uma ampla variedade de significados para pesquisa que resultou na construção de um conjunto de categorias.

Segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 167): “A importância dos dados está não em si mesmo, mas em proporcionar respostas às investigações”.

3.5.2 Etapas de análise de conteúdos

A estratégia de análise dos dados do referido estudo de caso contou com a leitura e releitura das entrevistas, dos relatos e das evidências documentais obtidas, para incorporação dos seus significados e conteúdos, por meio de reflexão e conclusões do assunto tratado.

A análise de conteúdos desta pesquisa foi estruturada da seguinte forma:

1º) Leitura e releitura das entrevistas para a apropriação de seus significados e conteúdos;

2º) Análise vertical: leitura sucessiva de cada item para cada entrevistado, destacando-se as idéias-chave (unidade de significado);

3º) Análise horizontal: trabalhando cada questão para todos os entrevistados, agrupando-as segundo a semelhança de idéias.

4º) Síntese das idéias-chave, reflexão e interpretação dos significados que resultou nas categorias emergentes.

3.5.3 Categorias Emergentes

A análise minuciosa dos dados, a elaboração da síntese das entrevistas possibilitou o surgimento das seguintes categorias:

- 1 O valor da família na busca pelo reconhecimento das altas habilidades.
- 2 A evidência das características de altas habilidades.
- 3 O olhar da escola frente às altas habilidades.

4 RESULTADOS

4.1 O VALOR DA FAMÍLIA NA BUSCA PELO RECONHECIMENTO DAS ALTAS HABILIDADES.

A instituição familiar é a primeira experiência que fornece ao indivíduo interação sócio-emocional essencial para sua formação global e lhe confere os atributos necessários para sua participação em sociedade. Cabe à família, então, a função de promover a proteção do funcionamento biológico, da sobrevivência humana, da manutenção e transmissão de valores, tradições e significados que garantam o desenvolvimento da pessoa.

Segundo Dessen, (2007, p.21): “Os genitores são as primeiras pessoas com as quais a criança interage com maior regularidade e por mais tempo, desde o seu nascimento; além disso, eles são “... uma fonte primária de influência genética, social e psicológica.”

Entender como acontece o processo de desenvolvimento do indivíduo, e, neste caso, mais especificamente das altas habilidades, é conhecer e entender seu contexto de desenvolvimento primário, sua origem, seus valores e sua cultura. É entender o funcionamento dessas famílias, pois elas têm forte influência no desenvolvimento dos talentos dos filhos.

Segundo pensamento de Silverman (apud DESSEN 2007, p. 26): “A superdotação é uma qualidade da família, mais do que uma qualidade que diferencia a criança do resto de sua família”.

O nascimento de uma criança gera mudanças na configuração familiar, pois uma nova vida passa a participar deste grupo já estabelecido, com valores, atitudes, padrões de comunicação, crenças e cultura. A criança, ao nascer, é inserida em um contexto onde os indivíduos já estabeleceram nas relações familiares regras e comportamentos durante sua interação.

Esse conjunto de regras é formado pelos indivíduos, pela sociedade, pelos valores estabelecidos pela sociedade, como padrões de comportamento social e individual aceitos. Valores estes que estão relacionados à moral, à ética, à evolução da história da humanidade que moldam as gerações. É nos primeiros anos de vida que a criança recebe toda assistência da família para que possa se desenvolver globalmente. Os vínculos que as une são provenientes das relações de intimidade, afeto e amor que promovem a evolução dos indivíduos.

Mesmo que os padrões de relacionamento das famílias já estejam estabelecidos a chegada de uma nova vida no ambiente familiar causa mudanças significativas que alteram o comportamento e os relacionamentos dentro da família, acarretando uma reorganização das estruturas familiares, pois a criança traz consigo caracteres genéticos e biológicos que acarretarão mudanças nesse contexto.

Em geral, as famílias que planejam essas mudanças já estão preparadas para tais acontecimentos, pois planejam e estruturam suas vidas para essas novas descobertas e aprendizados, organizando-se para receber seu bebê da melhor maneira possível, propiciando condições adequadas para que ele possa desenvolver-se.

Segundo relato da mãe, a gravidez foi esperada normalmente: *“Foi uma gravidez planejada, e sem nenhuma dificuldade, na época trabalhava de caixa de um restaurante, trabalhei os nove meses, foi uma gravidez tranqüila. Ganhei o menino com parto normal e eu mesma cuidei dele sozinha com ajuda do pai dele”*.

O cuidado, a dedicação e a educação da família servem como base emocional para que a criança possa explorar o mundo a sua volta e vencer as fases evolutivas do desenvolvimento infantil: balbuciar, falar, caminhar, correr, comer, interagir com seus pares, e posteriormente ler e escrever. Suportes estes, essenciais para que as primeiras relações sócio-emocionais se desenvolvam, pois é através delas que são estruturadas as fases do desenvolvimento infantil que envolvem a maturação, o meio, a genética, fatores biológicos e psicológicos.

Para cada fase evolutiva, a criança tem um tempo para alcançá-las considerando-se os critérios que as influenciam, como o meio e a genética. Porém, quando essas fases não acontecem em seu tempo ou são vistas precocemente, há indícios de que alguma coisa está acontecendo com ela. É o caso de crianças com altas habilidades que adquirem algumas habilidades específicas precocemente devido ao seu interesse em aprender e, em outras áreas, apresentam um déficit.

Dessen fala que, (2007, p.15): “A família é, também, vista como um dos primeiros contextos de socialização do indivíduo, possuindo um papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento humano.”

Segundo relato da mãe: *“Meu filho não ria quando bebê. Poucas vezes eu o consegui fazê-lo rir. Ele era muito distante mesmo. Eu lembro que saia todo mundo do quarto e ficávamos só nós na cama. Nem eu como mãe consegui fazer ele rir. Os meus pais, então, pensavam que ele era doente mental. Isto me deixava frustrada”*.

De acordo com essas experiências familiares é que a criança enxergará o mundo a sua volta. É por meio delas que o indivíduo inicia sua vida em sociedade e constrói valores que levará para toda vida.

Segundo relato da professora da sala de recursos sobre a mãe do menino: *“A mãe já sabia que ele tinha alguma coisa, desde pequenininho, mas não sabia o que era, foi buscar”*.

Segundo Dessen, (2007):

Existem 3 tipos de experiências que influenciam o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais do indivíduo: a experiência indutiva que canaliza o desenvolvimento em uma direção mais que em outra; a experiência facilitadora que acelera o aparecimento do estágio final de um processo de desenvolvimento operando em conjunto com a indutiva; e, por último, a experiência de manutenção que tem finalidade de sustentar a integridade de sistemas comportamentais ou neurais já formados.

É por meio das interações, experiências e convívio que se iniciam os laços familiares, os vínculos, o reconhecimento dos sujeitos como seres em desenvolvimento.

Aos pais de crianças com altas habilidades, cabe a missão de proporcionar essas experiências para que elas possam desenvolver-se e conquistar seu espaço na sociedade, fazendo uso de seus direitos legais.

Segundo relato da mãe, o menino antes mesmo de completar 3 anos de idade olhava revistas demonstrando interesse nas palavras escritas: *“Ele perguntava, mãe o que diz aqui? Tu queres ler mesmo? Então vem aqui. Eu vou te mostrar o alfabeto. Mãe nesse alfabeto está faltando à letra K. Então comecei a ensiná-lo, dizendo: - Agora eu vou te ensinar a ler, construí um alfabeto para ele. E disse: - Olha isso aqui é letra, e comecei a mostrar as letras do alfabeto que eu tinha construído. Ele, então, não prestava atenção no que eu estava explicando, ficava olhando para outras coisas. De repente me perguntou: - Mamãe o que é batata?”*

Isso evidencia que a família é a primeira instituição a proporcionar à criança suas experiências de aprendizagem e sociais.

Segundo relato da mãe, o menino, aos poucos, começou a se mostrar como portador de altas habilidades e ela, a entender que o caminho da felicidade do filho não era mais o que ela pensava e sim o que o deixava feliz: *“Foi realizada uma mostra científica na universidade e todos tomavam conta dele. As professoras da escola particular fizeram o convite para mim. Ele estava realizando a Atividade da Torre de Hanoi e os outros em volta ficavam olhando ele realizar aquela atividade. Eu, enquanto mãe, queria tirar ele dali, os outros ficavam*

olhando. Mas ele se sentia muito feliz, pois tinha conseguido fazer a torre de Hanoi. Daí eu pensei: Bom, perdi o meu filho. Mas sabia que ele estava feliz e isso me deixava conformada”.

A descoberta dos interesses específicos das crianças e a busca dos pais em melhor conhecê-los possibilitam o desenvolvimento do verdadeiro potencial criador. Os pais passam então a investir em situações ricas que valorizam essas habilidades, que eles realmente gostam e que tem interesse em saber. É fundamental uma educação de qualidade que proporcione o pleno desenvolvimento das crianças, para que possam usufruir e se apropriar das situações facilitadoras que lhe tragam conhecimento e aquisição do saber para aplicá-los em sua vida prática. E essa condição só é possível, se tanto a mãe como o pai respeitarem seus filhos e dedicarem cuidados e atenção a sua educação.

Em recentes estudos a respeito das famílias das crianças superdotadas o autor Winner (1998) evidenciou que as famílias de crianças superdotadas na nossa cultura são extraordinariamente centradas nos filhos.

Segundo relato da mãe: *“Adaptamos nossa rotina e horários em função das atividades que ele desenvolve como, cursos e projetos para que ele possa desenvolver seu potencial por completo e levar uma vida mais condizente com suas necessidades”.*

É nessa relação que fica evidente a influência da família no desenvolvimento das altas habilidades da criança, pois seus membros se mobilizam para propiciar condições favoráveis para que ele possa desenvolver-se. O amor a dedicação, a determinação e a alta expectativa na criança são algumas das características dessas famílias.

Segundo Winner, (1998, p. 149): “[...] o filho percebido como superdotado é tipicamente selecionado como especial e toda a energia da família se torna focalizada nesta criança”.

O comportamento diferenciado das famílias de crianças superdotadas fica evidente quando se analisa o contexto familiar, seus ambientes são ricos de experiências e os pais possuem alta expectativa proporcionando educação e apoio aos filhos.

Muitos comportamentos só são explicados na medida em que neles existiu o amor, pois o amor não pode ser medido nem visualizado, apenas sentido.

A família, então, é a primeira instituição que insere a criança na sociedade, e é por meio dessa inserção que formará valores, atitudes, características físicas, emocionais e comportamentais que refletirão em sua identidade.

Segundo Dessen, (2007, p.15):

Além de constituir o contexto promotor do desenvolvimento primário, da sobrevivência e da socialização da criança, ela é um espaço de transmissão de cultura, significado social e conhecimento comum agregado ao longo das gerações. Neste espaço, tanto a criança quanto os membros familiares são participantes ativos.

Nos primeiros anos de vida, a criança vê o mundo pelos olhos da família, observando a forma como essa se comporta frente às situações cotidianas. E, através dessas, construirá novos comportamentos que demonstram o seu agir e o seu pensar. Famílias bem estruturadas e que pensam no bem estar dos filhos proporcionam estímulos e possibilidades para que essa criança possa se desenvolver de forma autônoma e feliz, para que tenha condições de melhor agir socialmente.

Relato da mãe: *“Ele é responsável e maduro. Tudo que ele tem que fazer faz sozinho, se vira. Vai sozinho no inglês e compra jornal. Mas eu sempre estou cuidando dele. Peço para ele me ligar”*.

Segundo Seber (1997 p. 48): “O conhecimento não é predeterminado desde o nascimento da criança nem evolui de fora para dentro mediante, exclusivamente, fatores sociais de troca, mas, ao contrário, é construído pela criança no decorrer das suas interações com o meio”.

Sendo assim quanto mais estímulos a criança tiver e quanto maior forem as possibilidades para o desenvolvimento de suas habilidades, mais significativo será o seu aprendizado.

A criança com altas habilidades demonstra através do seu comportamento valores e atitudes, interesses e habilidades específicas, sendo assim, quanto mais rico de estímulos, oportunidades e informações a respeito do tema em questão, maiores serão as chances de sua adequação social para que possa vencer na vida.

As famílias focalizam de duas formas o desenvolvimento da criança superdotada: um ou ambos pais despendam uma grande quantidade de tempo, eles próprios, estimulando e ensinando a criança ou fazem sacrifícios para que a criança receba treinamento de alto nível dos melhores professores disponíveis. (WINNER, 1998 p.149):

Segundo relato da mãe: *“Hoje, tenho como principal objetivo vê-lo feliz, e sei que para isso tenho que proporcionar conhecimento a ele, então estou sempre em busca de oficinas onde ele possa desenvolver projetos que tem em mente, mas ele precisa de um mentor para direcionar a execução de suas idéias. Tenho receio de não conseguir parcerias e que o tédio que ele sente em relação à escola possa levá-lo a um novo quadro de depressão”*.

As configurações familiares refletem o tipo de cultura do povo e as transformações da história da humanidade, através dos seus comportamentos, normas, valores e atitudes.

A leitura da configuração familiar é muito mais ampla do que há décadas passadas. Atualmente, pai e mãe trocam papéis, em comum acordo que geram interação e co-relação. Assiste-se, hoje, a participação de ambos em diversas posições e possibilidades, porém a maior preocupação das famílias dos superdotados é na educação de qualidade para seus filhos em vista de uma vida digna, feliz em que priorizam a família e a educação.

Segundo Dessen, (2007, p.25, 26):

Dentre as características do ambiente familiar de crianças superdotadas, destacamos o fato de tais famílias serem centradas nos filhos, isto é, a organização familiar gira em torno das necessidades dos filhos; os ambientes são “ricos” de experiências e combinam altas expectativas e estímulo por parte dos pais, com educação e apoio fornecido aos filhos.

Segundo relato da mãe, após reconhecer a alta habilidade do filho, sua vida como mãe passou a ter dois marcos importantes: *“Divido em duas etapas a minha vida como mãe: Antes do avanço e depois do avanço. Antes do avanço conhecia uma criança triste, que muitas vezes aos cinco e seis anos se questionava sobre o valor da sua vida, dizia: “que seria melhor não existir”, não compreendia direito o que estas palavras significavam. Lembro-me que ele levava revistas escondidas para ler durante as festas as quais éramos convidados, eu sentia vergonha, pois todos percebiam e me culpavam pelo comportamento dele. Foram momentos difíceis que, embora o amasse muito, não havia uma relação de cumplicidade como há hoje”*.

Conviver em sociedade é saber fazer uso de direitos e deveres que se possui, é conquistar a cidadania por meio de aprendizados e vivências significativas que façam o individuo se apropriar do conhecimento, fazendo uso deste para as causas da sua vida, é ter autonomia é aceitar as diferenças para obter oportunidades de agir e interagir no mundo.

A possibilidade da criança com altas habilidades viver melhor passa, primeiramente, pela conscientização da família em entendê-la, aceitar as diferenças e, criar oportunidades que possam desenvolver o seu potencial criador. A busca pelo conhecimento aliada aos cuidados e aceitação da família são as primeiras experiências que a criança necessita para se desenvolver. Assim, se elas forem positivas, essa criança terá melhores condições de ter uma vida digna e feliz.

Analisando o relato da psicóloga, a mãe já sabia que o filho era diferente, porém não identificava o que ele tinha, somente demonstrava preocupação em torná-lo uma criança feliz.

Após o processo de diagnóstico, conscientização e aceitação essa mãe enxergou o propósito da diferença como motivação para lutar e propiciar felicidade para o filho:

Relato da psicóloga: *“Num primeiro momento, a mãe passou por um período de negação verbalizando a vontade do filho ser igual as demais crianças como relata a psicóloga: “A esperança dela era que a gente pudesse convencê-lo a largar de estudar física, a largar de estudar essas coisas para ter uma vida normal como as outras crianças, brincar como as outras crianças, de se interessar por esses assuntos, mas não dessa forma”.*

Porém quando esse momento de aceitação é entendido a família passa a ser a principal fonte de energia para o crescimento dessas crianças.

Segundo relato da psicóloga a mãe passou a ver as coisas de forma madura e determinada: *“Eu acho que com tudo isso quem mais cresceu foi a mãe, e a partir dela ele se tornou uma criança mais feliz, por que o pai não tem o mesmo acompanhamento. Ela voltou a estudar, comprou computador para ele e acompanha esses grupos de altas habilidades para as mães. Eu acho que ele vai conseguir muitas coisas por meio da batalha dessa mãe”.* *“É, ela tem uma preocupação muito grande que ele seja uma pessoa digna, honesta, e eu a vejo batalhando por isso diariamente”.*

Em muitos casos, a estrutura familiar após identificar e constatar as altas habilidades na criança toma alguns caminhos: valoriza o filho e luta para que essa criança seja aceita socialmente e desenvolva seu potencial dentro da sociedade por meio de sua realização pessoal e atendimento adequado; tem altas expectativas em relação ao potencial da criança exibindo-a publicamente e cobrando desempenhos da mesma sem ao menos conhecer sobre o caso em questão; negligencia essa identidade deixando-o se perder e desistir de seus objetivos dentro da sociedade, sendo entregue à própria sorte. A autora Chagas (2007 p.21) descreve a família da seguinte forma:

Nessas famílias, os pais dão mais liberdade e estimulam seus filhos a serem felizes sem, no entanto, deixar de direcioná-lo ao cumprimento de metas, ao engajamento em atividades desafiadoras e de estudo, com a finalidade de que atinjam níveis mais altos de concentração, originalidade, independência e desempenho.

Segundo análise do relato da mãe e dos demais entrevistados, vê-se que a postura dessa família foi sempre a de apoiar as altas habilidades da criança, pois mesmo sem condições financeiras suficientes para sanar os interesses do menino, a mãe não mediu esforços para propiciar condições adequadas para ele desenvolver seu potencial criador. A partir do momento em que houve aceitação e conscientização de todos os membros da família,

principalmente da mãe, após muitos conflitos íntimos, tentando mudar o jeito do menino ser, começou a estudar o caso, buscar atendimentos adequados ao menino, amparada por lei para que ele tivesse oportunidade de fazer uso para delas para ter um caminho diferente de alguns membros de sua família.

De acordo com a idéia de Terman (apud WINNER, 1998) “as famílias com filhos portadores de altas habilidades, isto é com QI elevado tem parentes muito próximo com um comportamento intelectual superior”.

Segundo relato da mãe, ela preocupava-se muito com a situação do filho, pois identificou na sua família o comportamento superior de 2 parentes seus muito próximos, evidenciando a influência genética das altas habilidades do filho.

Segundo relato da psicóloga: *“A mãe falou-me que tinha muita gente inteligente na família que se envolveram com tráfico de drogas. As pessoas com altas habilidades, às vezes, acabam se dando muito mal em vez de se dar muito bem, tinha um tio dela que acabou se envolvendo com tráfico de drogas se tornando um grande líder nessa área. Ela tem uma preocupação muito grande que o filho seja uma pessoa: digna, honesta, trabalhadora. Eu a vejo batalhando muito por tudo isso”*.

A partir do momento em que a família passa a aceitar e entender as peculiaridades e necessidades que rodeiam a criança especial torna-se mais efetiva a mudança de comportamento dos membros da família. Essa mudança de comportamento passa por uma nova visão da família sobre seus filhos, em que as diferenças são consideradas em vista de buscar a adequação e felicidade dos mesmos.

Segundo relato da psicóloga, as sessões com a mãe começaram a evoluir no momento em que ela mudou a forma de ver seu filho: *“E para ele ser feliz ela teria que aceitá-lo como ele era. E essa mãe teve muita sensibilidade, foi maravilhosa, por que, a partir desse momento, ela conseguiu entender, e aceitar que ele era uma criança especial que ele não poderia ser diferente. Ela teria de ajudá-lo nesse sentido. E isso eu tenho certeza que ela fez, pois batalha muito por ele”*.

Segundo Aspesi (2007, p. 31): “Por um lado, a família se apresenta como terreno fértil para o desenvolvimento das potencialidades dos filhos; por outro, ela vai adquirindo características a partir da própria demanda dos filhos ou membros”.

Segundo relato da mãe: *“Fui à biblioteca da Universidade, onde encontrei apenas o livro, Superdotação Mitos e realidades, que me ajudou a compreender o problema, melhor e conhecer as necessidades de quem possui altas habilidades. Comecei a estudar com meu*

filho, oferecer-lhe bons livros, de seu interesse e estudar junto a ele assuntos alheios à escola”.

A família, nesse caso, passa a ser a fonte inspiradora dos interesses da criança, quando seus membros envolvem-se mutuamente por meio do conhecimento das altas habilidades e envolvimento nos interesses da criança, com isso, começam a surgir novas oportunidades.

Nesse aspecto vê-se que, por intermédio da família, a criança começa a ser contemplada pelo respaldo legal que lhe é conferido. A família luta para que o filho tenha direito a novas oportunidades, resgatando-o para a felicidade.

Segundo relato da mãe: *“Quando ele quer fazer uma experiência, eu marco horário pra estar auxiliando ele ou ao menos estar ali incentivando ele. Incentivo ele para tudo o que ele quer fazer. Vou à biblioteca auxiliar ele na procura de livros. Tento proporcionar para ele tudo o que ele tem interesse”.*

A principal motivação da família, no caso em questão, é proporcionar meios para que essa criança possa desenvolver seu potencial criador, pois a falta de estímulos e oportunidades causa à criança situações que provocam um quadro depressivo, em que principalmente a mãe, pelo anseio de ver seu filho saudável e feliz, busca reverter tais situações através das oportunidades legais cabíveis.

Segundo relato da professora da 3ª série em relação à participação da família na escola: *“A mãe do menino era bastante interessada, preocupada com o bem estar emocional dele, se preocupava com a depressão dele. O avanço era em função do bem estar dele”.*

Relato da professora da sala de recursos: *“... a mãe é uma pessoa muito participativa, preocupada, atuante, não esperou que fizessem alguma coisa por ele, ela foi à luta, ela buscou”.*

As oportunidades legais para as crianças com alta habilidade só serão possíveis se houver o processo de identificação do referido diagnóstico. Para tal, é necessário um maior conhecimento sobre o tema em questão, para que haja um melhor entendimento dessas crianças.

Na grande maioria dos casos, a família é que aventura-se para chegar a um diagnóstico que explique o comportamento da criança.

Segundo pensamento de Winner, (1998) essas famílias apresentam algumas características: o superdotado ocupa uma posição de primogênito ou filho único perante a família; possui um ambiente familiar enriquecido; as famílias centradas nos filhos; os pais definem modelo para os filhos de padrões altos de desempenho, alta expectativa, os pais

permitem aos filhos independência e autonomia ao mesmo tempo em que monitoram seu comportamento e, por fim, oferecem um ambiente de suporte e apoio aos filhos.

A legislação é uma fonte de estímulo para muitas famílias que não têm condições de promover o atendimento adequado a seus filhos, ela abre as portas para a inserção social da criança e gera, nas famílias, uma forte motivação para que possam disponibilizar condições adequadas para que os filhos desenvolvam seus projetos de vida.

Germani e Stobäus (2006 p. 130): retratam a importância da família da seguinte forma: “É a família que encaminha a criança para suas primeiras experiências sociais e afetivas, ampliando suas interações quando a introduz para conviver e se relacionar com outros grupos sociais, em especial, com o da escola”.

O contexto dessas famílias muda em função dos interesses do filho, pois todos os membros da família passam a vivenciar tais mudanças em virtude das necessidades da criança.

Segundo Minuchin (2002), (apud GERMANI; STOBÄUS, 2006, p. 130): “O meio familiar é uma espécie de laboratório, onde misturam os ingredientes para a construção da identidade, com sentido de pertencimento e individuação. É um sistema sociocultural aberto em contínua transformação”.

Sendo assim, a família vivencia o processo de desenvolvimento das altas habilidades juntamente com o filho, sendo um sistema sociocultural aberto e mutável que objetiva a busca pelo conhecimento que transforma e dá sustentação para a transformação da realidade da criança.

A mãe do menino também quis fazer parte desse laboratório tentando estudar e se transformar para que o filho sentisse nela apoio e sustentação para juntos interagirem.

Segundo relato da mãe: *“A partir do momento em que o meu filho começou a me fazer perguntas e eu não sabia como responder, comecei a estudar, buscar nos livros assuntos no qual eu poderia interagir com ele, para não deixá-lo tão sozinho”.*

Relato da mãe sobre o filho: *“Em uma manhã quando estávamos indo para escola ele me disse que iria lutar pelo seu direito de avançar. Sua atitude me comoveu muito, pois ele tinha acabado de completar 8 anos apenas é como se ele dissesse que eu não o ajudasse como mãe, ele faria sozinho. Ele já havia percebido o quanto o avanço era importante para ele e nesse momento nós nos aproximamos muito um do outro, pois não foi fácil avançá-lo, foi uma decisão dele que eu apoiei praticamente sozinha, tive o apoio apenas da professora da terceira série. Nosso verdadeiro relacionamento de amor incondicional começou a partir*

deste acontecimento. Começamos a ser cúmplice e ele avançou muito em todas as áreas, emocionais e intelectuais. Comecei a admirá-lo ao invés de achá-lo estranho”.

A realidade e a vivência dessa família demonstram que há uma cumplicidade entre ambos, todos exercem um papel significativo na vida da criança, não somente em propiciar meios para que seus interesses sejam sanados, mas para incluí-lo de forma digna e valorosa na sociedade, para resgatá-los para a vida.

Enaltecer as virtudes e habilidades de um filho e saber relacioná-las a futuros objetivos profissionais em sua vida é a melhor maneira de planejar e objetivar os sonhos de um indivíduo. O caminho para que isso aconteça depende, muitas vezes, dos esforços que as pessoas colocam em vista para alcançá-los. O olhar crítico e preconceituoso das pessoas não podem ser um condicionante para barrar e tolher desejos, mas para que se pense sobre que valores e que culturas as crianças estão condicionadas a viver.

Segundo relato da mãe, as mudanças em relação ao entendimento do filho só serão possíveis através do conhecimento sobre o referido assunto: *“Eu fui convidada para dar uma entrevista para uma revista de Alegrete sobre o tema altas habilidades, convidei mais 3 mães que também vivenciam essa situação. Fiz isso por que eu quero que outras mães identifiquem essas características em seus filhos”.*

Não resta dúvida de que a identificação da criança com altas habilidades passa primeiramente pelo olhar da família e, dependendo do entendimento que essa tiver esses potenciais superiores, poderão encontrar possibilidades para se desenvolverem dentro da sociedade ou serem esquecidos como meros comportamentos e habilidades desvalorizados pela sociedade. No caso em questão, nota-se que todas as entrevistadas evidenciaram o comprometimento da família, principalmente da mãe, em criar condições adequadas ao menino se desenvolver, demonstrando o grande vínculo que os une, a alta expectativa que possui e a responsabilidade em divulgar o tema em questão para que o desconhecimento do presente assunto não caia na rotina diária das pessoas, pelo simples fato de não saber lidar com as diferenças.

4.2 A EVIDÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES.

É por meio do sorriso da criança, das primeiras palavrinhas, dos primeiros passos, dos balbucios, das brincadeiras, das relações interpessoais/intrapessoais, da forma como acontece o processo de aprendizagem que é construído, de forma harmônica, o marco referencial do desenvolvimento humano, que segue regras estabelecidas desde o nascimento até a fase adulta. Marcos esses que os pais esperam normalmente, como acontecimentos naturais e comuns a qualquer criança. Vivências saudáveis que eles mesmos passaram através de seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. É como se fosse um acontecimento natural da lei da vida ver o filho crescer e se desenvolver biologicamente, isto é, de forma física, emocional e comportamental, como os demais.

Conforme a autora Gama (2007, p.63): “O desenvolvimento das crianças, em geral desde a sua concepção até a fase adulta, obedece a uma série de regras, uma das quais é a sincronia existente entre as diferentes áreas do desenvolvimento. Isso quer dizer: o desenvolvimento motor, o cognitivo, o sócio-emocional e o da fala, por exemplo, ocorrem paralelamente, de forma harmoniosa. Porém as crianças com altas habilidades/superdotação têm um desenvolvimento que geralmente é desarmônico: uma ou algumas áreas se desenvolvem muito mais depressa do que outras”.

Sendo assim, quando a família se depara com o desenvolvimento de seu filho diferente dos seus pares, surgem questionamentos a respeito dos acontecimentos, porém a primeira atitude a ser tomada é a tentativa de esquecer o que está acontecendo, devido ao medo de enfrentar as diferenças, este é um momento de negação.

Entretanto, os comportamentos diferenciados fazem parte do desenvolvimento das crianças portadoras de altas habilidades, uma vez que possuem precocidade na leitura, aprendendo mais rápido que as demais crianças da mesma faixa etária, e comportamento de isolamento, além de apresentarem interesses específicos. A busca por respostas, através de diagnóstico de profissionais especializados no assunto, é o primeiro passo a fazer para compreender tais idiosincrasias.

A incerteza e indecisão levam à falta de iniciativa de todos os envolvidos, primeiramente, é claro, dos membros da família, que não sabem o que fazer diante de tal situação, por medo que seus filhos não sejam aceitos pela sociedade.

A autora Gama (2007, p. 63) retrata a situação da seguinte forma: “Pais de crianças e jovens com altas habilidades/superdotação, como os pais de quaisquer crianças com necessidades especiais, são marinheiros de primeira viagem sem bússola ou leme”.

No caso do menino estudado, a mãe já desde muito cedo sentia que ele era diferente: Segundo ela: “*Quando bebê notava que ele era muito sério, não era fácil fazê-lo rir, depois vi que ele tinha dificuldade na comunicação...*”.

Geralmente, as crianças na tenra idade têm os mesmos comportamentos e interesses que são observados por meio do seu desenvolvimento e interação com seus pares por meio de brincadeiras e aprendizagens. As diferenças individuais são evidenciadas em seu aprendizado, em sua personalidade, nos seus gostos particulares, nos seus interesses, no seu comportamento decorrente de seu contexto, sua cultura e seus valores.

No caso do menino, as diferenças já eram bem evidentes desde muito pequeno, pois demonstrava que seus interesses não eram os mesmos dos seus pares, interessava-se por assuntos relacionados às suas habilidades cognitivas, às pesquisas, às descobertas de conhecimentos científicos. Tais comportamentos e interesses distanciavam-no dos colegas de mesma idade. Seu comportamento não era nada adequado ao que se esperava.

Segundo relato da mãe: “*Com um ano, na festinha de aniversário dele, ele ficava brincando sozinho com um brinquedo de encaixe, pois se isolava de tudo. Montava o brinquedo todo repetidas vezes, sem parar. É um ônibus escolar que tinha peças geométricas para encaixar nas janelas e porta, mas fazia numa rapidez e com muita precisão sem errar, isso me chamou muita atenção, pois ele ainda não tinha um ano quando começou esta brincadeira. Num primeiro momento cheguei a pensar que fosse autista*”.

O comportamento inadequado da criança com altas habilidades faz parte do seu processo de desenvolvimento, porém a falta de informação e explicação de tais comportamentos cria um clima de constrangimento entre as pessoas que convivem com essas crianças, uma vez que começam a ocorrer os pré-julgamentos dos que com ela convivem em relação a esses comportamentos.

Segundo relato da mãe: “*Nos encontros de família tinha uma menina filha de um conhecido nosso que brincava e interagia, e ele só ficava olhando, ele ficava observando as coisas a sua volta, tirava informações das coisas, ficava lendo*”. Ele sempre ficou na dele, quieto não conversava com os tios.

Winner destaque que (1998, p.31): “as crianças superdotadas brincam sozinhas e apreciam solitude, não apenas porque gostam, mas também porque têm poucas pessoas com as quais brincar, com quem partilhar seus interesses”.

Segundo relato da mãe: *“Na saída da escola eu trazia um coleguinha para brincar com ele, ele não brincava, acabava eu brincando ou ele dava uma aula para o colega sobre o dinossauro, cientificamente. Ficava falando o seguinte: - O dinossauro tem não sei quantas clavas, porque a cauda etc. O coleguinha tentava mudar de assunto e ele não queria. O que acontecia? Eu terminava brincando com o colega e ele ficava olhando”*.

Conforme Gama (2007, p.64):

Uma das características da criança com altas habilidades/superdotação é a precocidade. Algumas andam muito cedo, falam muito cedo, aprendem a ler ou a contar em tenra idade, outros são capazes de tocar instrumentos musicais antes mesmo de completar 3 ou 4 anos de idade ou de desenhar a figura humana antes dos 3 anos.

Conforme relato da mãe: *“Com um ano não falava nenhuma palavra. Começou a falar suas primeiras palavras com mais ou menos dois anos e meio. Mas quando começou a falar falava de uma maneira perfeita, tinha apenas dificuldade com o R”*.

Conforme relato da mãe: *“Aos 3 anos me pediu para ensiná-lo a ler, achei muito engraçado, mas achava que era brincadeira, mas aos 4 anos aprendeu a ler sozinho com o auxílio de uma lista telefônica, e descobriu prazer na leitura, abandonou as brincadeiras para se dedicar aos livros”*.

A partir do momento em que a criança com altas habilidades é inserida no contexto escolar, o problema começa a se agravar. Esse comportamento diferenciado choca-se com a realidade da sala de aula, onde a criança é avaliada conforme os níveis das fases do desenvolvimento normal, tendo as mesmas habilidades e comportamento que os demais, o que lhe causa um choque emocional muito grande, pois seus interesses deixam de ser prioridade naquele momento, causando, na criança, sentimento de frustração e desmotivação pela escola.

Quando as expectativas do aluno com altas habilidades não condiz com a forma que a escola está estruturada, este passa a desinteressar-se por ela demonstrando descaso, falta de vontade, pouca expectativa, inquietude durante as aulas, espírito investigativo, comportamento questionador diante de assuntos do seu interesse e pouca interação com seus pares, porque ele já sabe os conteúdos que a professora planejou para a série.

De acordo com as entrevistadas, o menino se comportava da seguinte forma:

Relato da mãe: *“Ele é inquieto na cadeira, mexe os pés, ele viaja num universo paralelo de conhecimento, como ele mesmo me falou. Mas ele é muito atento ao que as*

peessoas falam as informações novas, mas o que é repetitivo ele não fica interessado, fica entediado.

“Ele compreende muito rápido as coisas, na cabecinha dele e coloca na prática o que ele aprende”.

Relato das professoras da escola particular: *“Ele é um menino que gosta de estudar, pesquisar, tem um olhar de adulto preocupado num corpo de menino. Ele tem esse olhar de querer saber mais, mas é uma criança”.*

Depois da família, a escola é a primeira experiência social da criança, onde ela demonstrará o que pensa, age, sente, interage, aprende e desenvolve-se. Sendo assim, é diante desse contexto que o aluno, com altas habilidades, do tipo acadêmico, poderá buscar desenvolver seu potencial criador, já que o surgimento de novas possibilidades o motiva para tais conquistas. Porém, se a relação for negativa, a criança volta-se contra a escola, tornando-se uma pessoa insatisfeita e infeliz diante do processo escolar, com baixo rendimento escolar e desajuste comportamental.

“O aluno do tipo acadêmico é o tipo mais facilmente identificado pelos testes de coeficiente intelectual (QI) ou outros testes de habilidades cognitivas, já que as suas habilidades normalmente concentram-se nas áreas lingüística ou lógico-matemática, que são as mais valorizadas nas situações tradicionais de aprendizagem acadêmica, onde muitas vezes ele apresenta um notável desempenho naqueles conteúdos curriculares que mais lhe interessam”. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA SUPERDOTADOS, 2000, p.39)

Através das primeiras experiências escolares caracterizam-se os comportamentos diferenciados do menino em relação ao seu convívio escolar, descrito pela mãe e pela professora da 3ª série da seguinte forma:

Relato da mãe: *“Com 5 anos foi para primeira série, antes de começar as aulas conversei com a professora dele, contando que ele já sabia ler e que era um tanto ansioso por aprender, mas os problemas continuaram. A professora vivia reclamando para mim que o meu filho era muitas vezes adulto na sua maneira de agir e que, com certeza, eu era a culpada. Ele começou a chorar em sala de aula, não tinha nada pra fazer e me dizia que não aprendia nada na escola, então conversei com a professora e ela começou a passar no final do caderno continhas de segunda série, mas isso durou apenas uma semana, porque ele era insaciável sempre querendo mais desafios, e ela disse que os outros alunos precisavam dela, então ele passou a primeira e a segunda série chorando em aula, sentindo-se frustrado”.*

Segundo relato da professora da 3ª série: *“Aplicávamos os testes e joguinhos na escola, o Boole. Eu fiz um cursinho com uma professora para aplicar esses testes. Eu o*

conheci na 2ª série quando eu fiz os trabalhos de matemática, aplicar os testes de Piaget. Pedimos para as professoras das turmas mandarem alunos variados, com dificuldades e facilidades. A minha colega que aplicou o teste nele e conversou muito com ele durante os testes. Ele se saiu muito bem. Daí eu também conversei e vi que algo ele tinha”.

Baseando-me na idéia de Winner (1998) a criança com altas habilidades na área acadêmica é caracterizada por apresentar aprendizagem com pouco auxílio, excelente memória, precocidade na leitura, curiosidade, persistência e concentração para assuntos de seu interesse, energia quando desafiada, ótima percepção, interesse obsessivo em suas áreas específicas, fascínio pelos números, destaque no raciocínio lógico e abstrato, problemas na caligrafia, introspecção, ótimo senso de humor, interesse por questões filosóficas, aspectos morais e problemas políticos.

Segundo relato da mãe: *“O professor dizia que ele se negava a realizar as tarefas de aula como pinturas. E, perguntava quando eles iriam aprender algo? A professora reclamava também que ele não se interessava pelos livros infantis preferindo ler o Atlas geográfico, a professora reclamava como se eu fosse a culpada por ele não se interessar pelos assuntos tratados em aula”.*

As descrições abaixo relatam um pouco sobre as características do menino estudado:

Professora da oficina: *“Tem dias que ele chega à oficina, e só quer brincar, só que a brincadeira dele é voltada para matemática, pra física, não é uma brincadeira de brincar por brincar, então nós brincamos de construir frações, calcular as termas pitágoricas, brincar com material manipulativo voltado pra o conhecimento. Uma das características do aluno com altas habilidades é ter dificuldade em organizar o pensamento no caderno, e o caderno dele é uma bagunça é horrroso. Outra coisa é a franqueza, ele é muito verdadeiro”.*

Professora da 3ª série: *“Ele já sabia quase toda a matéria de 3ª série. Era muito simples o fazer entender as coisas, ele não gostava de muitas explicações, ele entende muito rápido, o processo de aprendizado dele era muito rápido. Gosta de matemática, física, ciências”.*

Relato da mãe: *“Ele é muito sincero e honesto. Se ele vai comprar e dão o troco errado. Ele volta e devolve, é muito honesto. Ele chegou e perguntou para a professora de 2ª série isso aqui é o PI?”*

Quando a criança perde o interesse na escola sente-se insatisfeita em freqüentar a sala de aula, pois os assuntos tratados nesta, fogem à sua busca pelo conhecimento específico. Foi o que aconteceu com o menino e este fato passou chamar a atenção de todos que com ele conviviam. Seu total envolvimento e determinação em realizar atividades específicas de

interesse pessoal por meio de muita criatividade ficaram evidentes diante de sua atuação como aluno. Isso foi a chave para que descobrissem suas altas habilidades. Paralelamente a essa situação, também ficou claro o quadro depressivo, ele não via sentido na vida como ela se apresentava.

Segundo relato da professora da 3ª série sobre o menino na sala de aula: *“Nos trabalhos de Ciências, ele fazia várias experiências em aula, a professora deixava aberto pra todos os alunos fazerem as experiências. Eu sabia que quem ia trazer os trabalhos era ele. Até teve um ou dois alunos que o seguiram. Eu incluía os outros no trabalho para ele se sentir mais a vontade. Mas, ele sempre era o único que levava, levou até material para distribuir para os colegas, deu uma explicação na frente como se fosse um “professorzinho” dando aula”*.

De acordo com o modelo dos três anéis de Renzulli e Reis descrito pela autora Chagas (2007, p. 16), as altas habilidades são identificadas no indivíduo de conforme com os seguintes fatores que a conceituam: “habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, que estão presentes em ‘certas pessoas, em certos momentos e sob certas circunstâncias’ e as influências do ambiente”.

“Esses comportamentos são dinâmicos, complexos, temporais e envolvem a interação entre as habilidades cognitivas, os traços de personalidade e o ambiente onde o indivíduo está inserido”. (CHAGAS, 2007, p.16)

Considerando o olhar da família segundo relato da mãe o menino descrevia essas características em seu comportamento, realiza suas atividades com criatividade, envolvendo-se em na sua elaboração, sempre buscou obter respostas para suas indagações. E de acordo com a testagem realizada pela psicóloga no menino ele apresentou alto QI.

Os desafios fazem parte da vida dessas crianças que buscam criar situações em que elas possam desenvolver habilidades inerentes ao seu interesse.

Segundo relato da mãe: *“Ele estava triste que os colegas de aula iam apresentar maquete e ele não. Daí surgiu à idéia do jornalzinho, só que ele queria fazer em folha de jornal. Eu fui atrás. Ele foi para internet e montou o jornal. A diretora disse que queria conversar com ele sobre aquilo para ele prosseguir. Isso valorizou o trabalho dele. Ele não monta. Ele chega aqui e faz, não monta nada às vezes ele me chama porque o word trava e ele não tem muita paciência com isso.*

Às vezes ele pegava historias não tão grandes do google, como sobre o nazismo e sempre dá prosseguimento nas historias. No seu jornal só tem informações de qualidade”.

Segundo relato da professora da sala de recursos: *“Eu o vejo como um menino portador de altas habilidades, até diria que ele é um menino superdotado, é um menino que graças a Deus está se encontrando, é bem trabalhado, conseguiu o apoio de uma escola particular. É um menino super inteligente, muito sensível, tem uma sensibilidade muito grande, muito determinado, se ele tem um foco ele vai a fundo no que quer e vai atrás. Ele fez o livrinho dele. Bom ele apresenta todas as características de portador de altas habilidades. Ele tem uma inteligência acima da média, ele se envolve muito com a tarefa e ele é muito criativo. Enquanto ele não termina uma tarefa ele não sossega. Então dentro das características propostas por Renzulli dos três anéis ele está plenamente identificado como portador de altas habilidades. Ele apresenta as 3 características bem definidas. Os testes de QI demonstram uma inteligência acima da média. De acordo com o relato da mãe ele se envolve muito no que ele tem que fazer, se envolve muito com a tarefa. Para fazer o livro sobre fungos ele se aprofundou muito, foi na biblioteca, buscou coisas na internet, e fez um estudo em livros mais avançados da série dele riquíssimos sobre fungos, ele foi muito além. E quanto à criatividade ele não ficou só no estudo ele fez maquetes sobre fungos, ele foi a campo buscar exemplos sobre fungos, coisa que não é do cotidiano da gente, uma criança da idade dele fazer maquete desse jeito, ele foi a fundo. Uma criança que se envolve 100% com a tarefa e criatividade. Ele me deu um livro de poesias elaborado por ele”.*

As características do menino descritas pelas entrevistadas encontram-se de comum acordo com as teorias sobre altas habilidades, o que o caracteriza como um portador de altas habilidades na área acadêmica.

Segundo relato da professora da oficina sobre as características do menino relacionada às altas habilidades: *“Ele é muito criativo. Às vezes me deixa na maior saia justa. Principalmente em relacionar a teoria abstrata ao concreto. Fazer a adequação dos materiais que nós temos no laboratório para solucionar conteúdos ou a linha de pensamento dele”.*

“Como a área dele é a exata. Ele resolver cálculos mentais rapidamente. E faz associação de raciocínio. Ele consegue relacionar diferentes conceitos para chegar a um terceiro. Tem facilidade de memorização, isso às vezes ele externa, agora ele já procura entender. Ele tinha dificuldade de entender o porquê à professora tinha que explicar repetir várias vezes à mesma explicação (conteúdo) na aula. Hoje ele já entende. Até por que ele é uma criança. Ele tem uma boa capacidade de memorização”.

“Por ele ter muita rapidez de pensamento e isso é uma interpretação minha ele tem essa desorganização dos cadernos, da escrita. Eu associo a isso, pois ele pensa muito rápido

e tem facilidade de memorizar de guardar que o caderno fica desprezível, o caderno dele é desorganizado, isso a gente trabalha e ele diz que está se esforçando”.

A inadequação destas crianças dentro da sala de aula causa um desgaste tanto do professor como da própria criança, sendo necessária a intervenção e assistência de outros profissionais que busquem fazer uma leitura do problema vivenciado por elas.

O atendimento psicológico é o primeiro passo para família buscar auxílio a seus filhos, pois nesse momento a criança sofre por não se adequar ao sistema escolar e não ter atendido adequado. Essas vivências influenciam no auto-conceito e na auto-imagem da criança.

Segundo relato da psicóloga o menino encontrava-se da seguinte forma quando chegou ao seu consultório: *“Ele chegou ao meu consultório deprimido, aliás, superdeprimido, era uma criança que não brincava. O caso dele estava somente com a fonoaudióloga que suspeitava de superdotação, ela é fono, somente fono. Eu não me lembro como é que ele foi parar no consultório dela. Talvez tenha ido trabalhar as questões de fono”.*

Para que aconteça o processo de identificação acadêmica da criança com altas habilidades, é importante que a criança passe por processo de diagnóstico e de avaliação em que será testado primeiramente o seu quociente de inteligência (QI).

Segundo relato da psicóloga o menino passou por testes com sua colega, também psicóloga: *“A psicóloga fez a avaliação dele e ele apresentou um QI muito alto. Eu agora não me lembro, pois esse material ficou todo lá na prefeitura, mas eu acho que foi maior na área verbal, acho que na área de execução ele apresentou uma inteligência média”.*

Através do teste de QI (quociente de inteligência) e da identificação de características de altas habilidades na criança descrita por Renzulli, com a teoria dos 3 anéis, fica evidente o seu interesse específico em aprender determinados assuntos e explorar áreas específicas de seu interesse, pois eles fazem parte do comportamento de crianças com altas habilidades acadêmicas. Isto não lhe dá uma garantia de que será bem sucedida na vida, mas que necessita de atendimento especializado para que possa se desenvolver globalmente sendo incluído adequadamente no contexto escolar e melhor entendido pela sociedade.

Conforme relato da psicóloga: *“O teste utilizado no menino foi o Visc, que é composto por 12 provas, sendo 6 testes para avaliar a área de execução e 6 para avaliar a área verbal. O menino apresentou um QI bem alto na área verbal e na área de execução um QI médio”.*

Quando a criança entra em processo de observação e identificação, suas características ficam notórias, durante esse período até a criança passa a verificar que seus interesses e motivações são diferentes das crianças de mesma idade, passando a comportar-se de forma

diferente. Os que com ela convivem também a olham como uma criança diferente das ditas ‘normais’, principalmente no ambiente escolar onde o aluno é avaliado conforme suas habilidades e fases de desenvolvimento.

Segundo a psicóloga, o menino comportava-se da seguinte forma: *“O que acontecia com o menino: ele só queria estudar, estudar, estudar ciências, era o que mais chamava a atenção dele naquele momento. E aí uma escrita muito ruim, na parte de português muito precário e uma dificuldade violenta de relacionamento com as outras crianças”*.

Quando a criança se submete aos testes de avaliação para que se comprove sua superdotação em prol de atendimento especializado, tanto a criança como as famílias vivenciam situações difíceis durante esse processo, pois estão sujeitas ao julgamento das pessoas que estão a sua volta.

A partir do momento em que a criança passa a vivenciar o processo de avanço não é mais vista como uma criança comum aos olhos da sociedade, e sim de forma errônea como alguém que tem uma inteligência superior para tudo na vida, uma pessoa que sabe tudo, que é brilhante e genial ou alguém “muito inteligente”, centrada em seus interesses. Ao mesmo tempo em que o avanço atende às necessidades da criança também acarreta uma série de mudanças que podem influenciar no seu desenvolvimento emocional, pois um novo contexto se apresenta, com situações novas em que a criança necessita de apoio psicológico para se adaptar, devido a sua pouca idade cronológica para muitas habilidades que lhe são cobradas por freqüentar uma série mais adiantada que a sua idade permite.

Segundo depoimento da diretora, supervisora e orientadora da escola atual: *“Ele é um menino que gosta de estudar, pesquisar, tem um olhar de adulto preocupado em corpo de menino. Ele tem esse olhar quer saber, mas é uma criança. É assíduo, esforçado, mas um pouco fechado”*.

Segundo relato da professora da 3ª série: *“Ele efetuava pesquisas e fazia experiências, na tentativa de fazer com que os outros buscassem o mesmo caminho, estava sendo exemplo na aula de perseverança, de querer buscar o melhor, ele era uma criança além da média; na parte cognitiva estava além dos outros, chegou uma hora em que a professora não sabia mais o que levar de material pra ele, porque tudo ele já conhecia. Para os outros era novidade, para ele não, já entedia tudo”*.

Segundo relato da mãe, seu comportamento, atualmente, na escola é assim: *“Os temas de casa ele resolve em aula mesmo, ele avança as aulas nos livros. No livro de matemática, ele já avançou umas duas ou três aulas, não espera a próxima aula, às vezes os colegas debocham dele, ele também é muito ingênuo”*.

Todas as pessoas que vivenciam esse processo de avanço também passam por situações de julgamento, uma vez que muitos valores estão concorrendo, pela existência de idéias contrárias, pois nem todos os profissionais concordam com essa decisão devido a imaturidade para algumas habilidades apresentada pela criança.

Segundo relato da professora da 3ª série sobre o processo de avanço do menino: *“A mãe recebia muita crítica. As pessoas se interessam por coisas que não têm interesse pra elas. Na cabeça de muitas mães, a mãe do menino queria exibir ele, mostrar ele. Muitas mães da 3ª série perguntavam muito para mim sobre ele, se ele estava ainda na 5ª série. Eu dava respostas logo pra cortar o assunto. Era melhor eu dizer do que a mãe. Elas achavam que era coisa minha e da mãe da criança aquilo tudo. Teve uma mãe que me disse que o filho dela também era, mas que ela não queria que ele aparecesse. Envolve muita coisa, abala muito a gente. Eu tive críticas de colegas e da direção, porque fui eu que o levei para a 5ª série”*.

Porém, quando a criança faz uso de alguns direitos legais cabíveis, começa a vivenciar uma nova etapa em sua vida, isto é, o processo de inclusão que lhe motiva a desenvolver seu potencial criador. A partir de novos estímulos são definidas as características específicas de uma criança com altas habilidades/superdotação que precisa de atendimento adequado e principalmente, necessita ser entendida pelos colegas e profissionais que com ela trabalham.

Segundo relato da professora da universidade que o atende na oficina: *“O interesse maior dele é na área das exatas, mais voltado para matemática e física e, nestes dois meses, eu tenho trabalhado conteúdos iniciais de ensino médio, por que ele chega e me questiona. Ele queria saber sobre números complexos”*.

“Ele é um aluno normal, extremamente delicado, muito carinhoso, educado, muito sensível, possui um potencial que precisa ser canalizado”.

Segundo relato da professora da 3ª série: *“Ele é meigo, bastante ansioso, humilde. Eu nunca o vi querer mostrar para os outros, para os colegas que ele sabia mais. Aquilo era pra ele. Ele não ficava mostrando que sabia mais”*.

Quando a criança é reconhecida com altas habilidades e vivencia esse processo na prática suas características são parecidas de acordo com estudos e técnicas que buscam respostas para tais comportamentos, seja em relação a suas facilidades ou em relação as suas dificuldades que se fundamentam em situações científicas e comprovadas por meio de teorias e estudos. Porém essas crianças não apresentam todas as características nem ao mesmo tempo, devido às diferenças individuais que envolvem outros fatores.

Winner (1998, p.32) retrata da seguinte forma o comportamento dessas crianças:

“Quando elas de fato encontram amigos, usualmente são crianças mais velhas que estão mais próximas a elas em idade mental”.

Segundo relato da professora da 3ª série, o aluno apresenta as seguintes dificuldades: *“No começo, a maior dificuldade era de relacionamento com os colegas”*.

Relato da coordenadora pedagógica da escola estadual: *“[...] Ele não gostava muito de brincar com os colegas, digamos assim ele era mais amadurecido do que os colegas da idade dele. Até se relacionava bem, mas aquela parte de brincar ele participava menos”*.

Relato da professora da oficina/universidade: *“Por que ele avançou as séries ele tem algumas lacunas. Eu conversei com a mãe, isso se reflete na série que ele está hoje, tipo operações com números relativos e relacionados ao conhecimento específico de qualquer área. Ele tem uma rapidez de pensamento e isso é uma interpretação minha, tem desorganização dos cadernos, da escrita. Eu associo a isso, pois ele pensa muito rápido e tem facilidade de memorizar e de guardar informações ficando o caderno desprezível; desorganizado, isso a gente trabalha e ele diz que está se esforçando”*.

Segundo Chagas (2007, p. 20):

É importante ressaltar, ainda, que vários pesquisadores têm afirmado que toda ação no sentido de desenvolver o potencial do superdotado depende diretamente da definição de superdotação adotada em termos operacionais, é essa concepção que direciona a seleção de estratégias, procedimentos e técnicas de identificação, bem como a criação de oportunidades educacionais. Por isso, é importante que os pais, os educadores e a sociedade em geral compreendam as peculiaridades da personalidade e dos processos cognitivos dos superdotados a fim de proporcionar-lhes um desenvolvimento saudável.

Quando se analisa o lado afetivo destas crianças chega-se à conclusão de que, assim como qualquer criança ou adolescente, o Portador de Altas habilidades também necessita de carinho, compreensão e estímulo.

A evidência das características de altas habilidades na criança acontece naturalmente no seu contexto familiar e escolar, porque o seu desenvolvimento está em processo de construção, englobando tanto aspectos cognitivos, quanto características afetivas, neuropsicomotoras e de personalidade. Para evidenciar tais características é necessário atenção e envolvimento da família e escola no desenvolvimento das habilidades da criança, considerando seu contexto e história de vida.

A existência de um contexto estimulador só vem a acrescentar para que seus potenciais aflorem mais rapidamente e suas características sejam descobertas para que sua

identificação e avaliação sejam mais rápidas, evitando, assim, problemas de desajustamento. Entretanto o sucesso desse processo só será possível se houver comprometimento, conhecimento e conscientização dos que junto com a criança estão envolvidos (família/escola) no seu processo de desenvolvimento. Para identificar tais sintomas é necessário estar respaldado num referencial teórico consistente e numa equipe de trabalho capacitada para que ocorra o encaminhamento adequado dessa criança, para que ela desfrute de um processo avaliativo constituído por uma equipe multidisciplinar. Dessa forma, será entendida conforme suas peculiaridades e de acordo com que lhe garante a lei: o desenvolvimento de seu potencial superior por meio de educação adequada em igualdade de condições e direitos diante da sociedade, para que possa freqüentar a escolar regular de forma adequada.

4.3 O OLHAR DA ESCOLA FRENTE ÀS ALTAS HABILIDADES.

O perfil do aluno que freqüenta a escola na atualidade é muito diferente do que freqüentou a escola na década passada. Devido a esta situação, a escola encontra-se em processo de mudanças o qual desencadeia uma atitude reflexiva do professor diante da prática escolar.

A nova proposta reconhece a criança como ser integral, criativo; busca trabalhar com as diferentes habilidades e potencialidades do indivíduo, proporcionando o desencadeamento das aptidões pessoais. Nesse caminho, a escola se preocupa com o desenvolvimento humano integral, com sua formação para a vida e exercício da cidadania. É uma proposta embasada em valores, normas, atitudes em que o aluno mostra sua identidade, através do convívio social e familiar, das trocas intra e interpessoais.

Essa nova tendência educacional, que considera as múltiplas inteligências do indivíduo, segundo Gardner (2001), trouxe muitas mudanças sociais que acarretaram um desequilíbrio em muitos educadores os quais tiveram de reconstruir conceitos, atitudes e valores na busca de novas competências para suas práticas. Esse paradigma forma duas correntes de pensamento, os professores que se adaptaram à nova situação modificando seu jeito de ser, pensar e agir e os que continuaram estagnados nos padrões tradicionais. De nada adianta a escola criar estratégias que atendam aos interesses do aluno se o professor não as contemplar através da mudança de atitudes e de seu planejamento escolar.

Através da análise dos dados coletados, evidencia-se que a equipe diretiva da escola onde o menino está inserido atualmente, fundamenta-se na seguinte proposta, para todos os alunos: O ensino fundamental tem como finalidade a promoção e valorização do indivíduo, a sua interação com contexto social, no processo construtivo e transformador conscientizando-o da sua importância como ser social crítico, atuante e autônomo, visa também ao desenvolvimento de habilidades que lhe dê condições de interagir na sociedade transformando e aprimorando sua realidade em consonância com a legislação vigente. A escola tem como objetivo oportunizar condições que favoreçam a formação integral do estudante desenvolvendo habilidades e comportamentos.

Segundo Bocchese, (2004, p. 36, 37):

A prática docente, de acordo com esse modelo de formação é, portanto, uma atividade intelectual, autônoma, e não meramente instrumental. Nessa prática, conforme salientam Gómez e Sacritán (1998), o professor aprende a ensinar e ensina a aprender, intervém para facilitar, e não para substituir a compreensão dos alunos, reconstrói constantemente seu conhecimento profissional e, ao refletir sobre suas intervenções na sala de aula, exerce e desenvolve sua própria compreensão da realidade, dos sujeitos e dos objetos de ensino.

Após muitos estudos, descobertas e paradigmas, a escola e o aprendizado escolar passaram a ser vistos com outros olhos pela sociedade em relação ao seu papel, pois a sociedade mudou alicerçando-se em novos valores, atualmente ainda não organizados pela escola. Cabe a ela adequar-se a esses novos padrões de comportamento para atender a demanda da sociedade de hoje.

Relato da professora da 3ª série sobre o comportamento da 1ª professora do menino de 3ª série: *“Eu fiquei sabendo que o menino era muito ansioso, queria sempre estar lendo, não gostava de brincar. Foi perguntado, então para a 1ª professora dele da 3ª série se ele era ansioso. Ela respondeu prontamente: - não há nada de diferente nele, eu não tenho interesse algum em dar complementação de conteúdos a ele”*.

Segundo Germani e Stobäus (2006, p. 133):

No paradigma tradicional, o aprendente é considerado descontextualizado, enfatizando, essencialmente a aquisição do conhecimento. O professor é o único que detém o saber indiscutível e o aluno alguém que está nesta relação como um aprendiz e consumidor, necessitando ser conduzido, manifestando atitudes de obediência, característica de alguém receptivo e passivo.

Há pouco tempo atrás era unânime a idéia de que a escola era como uma mera transmissora de conhecimento, sem ao menos saber quem eram os receptores desse saber. Mas, devido aos novos estudos, teorias e paradigmas que consideram as diferenças e entendem o sujeito como um ser único, que possui múltiplas inteligências, e cujo aprendizado acontece de maneiras diferentes e no seu tempo, chegou-se ao processo de inclusão. E diante desse contexto é que se encontra o aluno com altas habilidades.

Relato da professora da 3ª série: *“Aceitei a proposta da mãe do menino em tê-lo na minha turma. Falei que se ele fosse meu aluno daria complementação para ele. A mãe então foi falar com a direção da escola”*.

O comportamento questionador do aluno com altas habilidades, muitas vezes, desequilibra a atuação do professor dentro da sala de aula que por falta de preparo e desconhecimento sobre o referido assunto, passa a vê-lo como um desafio ou um problema em sua prática docente. Surgem, então, várias perguntas e dúvidas na cabeça dos professores: Como identificar esse aluno? Quais são as características dele? Como a escola deve se organizar para melhor atendê-lo? Será que é melhor ignorar tais comportamentos, julgando-os como inadequados ou tentar desvendar tal situação?

Sem dúvida nenhuma, em meio a tantos questionamentos o processo de inclusão de crianças com altas habilidades é um desafio para a escola que já está estruturada em valores e atitudes já estabelecidos socialmente, pois busca incluir a todos os que a ela recorrem, por determinação legal, sem ao menos ter preparo e planejamento para tais propostas.

O processo de inclusão não pode ser visto apenas como uma aceitação do aluno dentro da sala de aula, mas sim como um processo de adequação, de reflexão tanto do professor como do próprio aluno, pois ambos necessitam internalizar tais valores, precisam aceitar as diferenças e estruturar-se a ponto de criar estratégias educacionais e métodos que atendam a todos os envolvidos.

Segundo Sabatella e Cupertino, (2007, p.69):

Planejar alternativas de atendimento ao aluno com altas habilidades, que atinjam suas reais necessidades, expectativas dos pais, bem como correspondam à filosofia educacional das escolas, sem entrar em conflito com o ensino regular, é um trabalho que dever ser executado com habilidade e critério.

Em geral, o despreparo de muitos professores em vivenciar situações com o aluno com altas habilidades é muito comum, já que esses estão acostumados a planejar para alunos previsíveis, em que o processo de inclusão existe para contemplar e atender aos alunos com

dificuldades de aprendizado, isto é com algum “deficit”. O aluno que demonstra saber muito, diante da visão errônea do professor, não necessita ajuda, tem condições de caminhar sozinho, é inteligente o suficiente para saber fazer tudo. Visão esta estereotipada, pois o aluno com altas habilidades depende de atendimento especializado para que não aconteça o isolamento e desinteresse deste pela escola e para que não prejudique seu rendimento escolar.

Segundo relato da professora da 3ª série: *“Os colegas o chamavam de geniozinho.”*

A escola para realizar o processo de inclusão de crianças com altas habilidades necessita antes de qualquer coisa amparar-se num referencial consistente que lhes dê suporte para entendê-la e para que possa elaborar um planejamento pedagógico adequado considerando o contexto dessas crianças.

Relato da coordenadora pedagógica da Escola Estadual a respeito das modificações feitas na escola desde o momento em que descobriram as altas habilidades do menino. *“Nós procuramos nos informar sobre as altas habilidades, fizemos formação pedagógica na escola, sobre as altas habilidades porque todos os professores se envolveram com ele. Quem nos deu essa formação foi o pessoal da Coordenadoria de Uruguaiana, elas fizeram palestras, a nosso pedido”.*

A formação e treinamento dos profissionais servem para que haja uma mudança de atitude dos educadores diante da prática escolar. Essas mudanças buscam atender às necessidades desse aluno. Mas, para que aconteça essa mudança é necessário repensar sobre a estrutura curricular da escola, sobre o projeto político pedagógico da escola, sobre as políticas públicas existentes, sobre a capacitação dos profissionais e sobre a atuação do professor.

Um dos modelos utilizados por Renzulli é o modelo de enriquecimento escolar, de adaptação curricular e de suplementação curricular, pois os ritmos de aprendizado em sala de aula são heterogêneos, necessitando, assim, que o professor adapte seu planejamento à realidade dessas crianças.

Segundo Pereira e Guimarães (2007, p. 165):

Os programas de enriquecimento curricular têm sido o tipo mais comum de atendimento às necessidades educacionais dos superdotados utilizado nas escolas regulares. Compreendem a promoção de estímulos e experiências investigativas compatíveis com os interesses e as necessidades apresentadas pelos alunos, fundamentados em ações planejadas e preparadas, de modo a propiciar troca de conhecimentos, investigação de temas variados, desenvolvimento de distintas habilidades, envolvimento em trabalhos no contexto real e condução de experimentos.

O professor tem autonomia dentro da escola para realizar atividades diferenciadas que contemplem o interesse dos alunos ou as dificuldades que ele apresenta. Diante disto, o professor precisa ser flexível na realização dos seus planejamentos e no processo avaliativo.

Segundo relato da professora da 3ª série: *“Eu trazia matérias extras pra ele e ele queria sempre ir além. Dei regras de sinais e números negativos pra ele, pois ele queria saber. Eu não sabia se estava agindo bem ou mal, mas procurei atender os interesses do aluno”*.

Relato da professora da sala de recursos: *“O correto é um programa de enriquecimento, dentro da sala de aula, na série. Se o currículo fosse aberto a isso, seria bom tanto para o menino como para os outros da turma. É necessário que não se coloque ele numa redoma, nem seja diferenciado dos outros. Não estaria aí, havendo inclusão, discriminar esse menino trazendo atividades só para ele, por que ele sabe tudo, tem que propor para todos da sala esse programa”*.

Relato da coordenadora pedagógica da Escola Estadual: *“Participou da feira ambiental de meio ambiente, Conferência Municipal do Meio Ambiente, que era um projeto da coordenação e da secretaria do município. Ele até apresentou um trabalho dele sobre meio ambiente na área de ciências. Nessa apresentação ele falou, relatou, apresentou todo o trabalho dele. O trabalho foi muito bom”*.

Conforme Gama (2007, p.66): *“O enriquecimento é feito para que o aluno possa, por um lado, aprender os conteúdos em maior profundidade; por outro, estudar assuntos que vão além dos determinados no currículo regular”*.

É nas das salas de recurso e nas oficinas que se estrutura essa condição através de um ambiente estimulador que atenda as inquietações e interesses do aluno, desenvolvendo seu potencial criador, para que ele possa ter um melhor aproveitamento e adequar-se à escola regular.

Relato da professora da universidade (oficina): *“Mas aí no final do ano, em dezembro a mãe do menino me procurou na universidade: ela tava muito angustiada dizendo que o menino não estava feliz, que a principio a escola estava tendo certa dificuldade para recebê-lo, pra entender o processo de construção que ele faz e ela me perguntou o que podia fazer? Eu então respondi: - Olha, enquanto universidade, eu disse que nós podíamos montar um grupo de estudos e, ao mesmo tempo, montar uma oficina pro menino. Comecei o trabalho, a primeira oficina foi, me parece, em 7 de janeiro e ai conversei com a minha professora de psicologia do curso de matemática que é de Santa Maria. Ela me informou que lá tinha um grupo que trabalhava com alunos que tinham altas habilidades, então liguei pra UFSM pra*

ver materiais e construir o projeto. Daí construímos o projeto chamado Comunidade Alfa, codinome. Projeto de pesquisa e extensão em apoio aos alunos com altas habilidades/superdotação”.

O fato de os professores reconhecerem as altas habilidades do aluno não é o suficiente para que aconteça o processo de inclusão na sala de aula. Esse processo passa, primeiramente, pela mudança de atitude da escola, pela aceitação das diferenças, pelo reconhecimento do tema para que esse aluno possa ser entendido e atendido conforme as suas necessidades.

Relato da equipe diretiva da atual escola (particular) em relação ao aluno: *“Ele tem dificuldades em Português, na motricidade, até por que ele pulou algumas etapas, isso fez mal pra ele. Ele avançou de série, mas não amadureceu, não fez esse trabalho que seria importante pra ele, tem coisas que ele escreve que nem ele mesmo sabe o que escreveu. Ele tem que brincar mais, trabalhar o traçado, a parte lúdica. Quanto à parte da escrita, da lingüística, ele precisa trabalhar muito o traçar da letra, a organização. Quando ele avançou de série, e isso é uma coisa nova, se questiona muito porque ele precisa ser estimulado pra trabalhar uma caligrafia, melhorar um traçar da letra, trabalhar o corpo, porque o QI as informações estão tudo na frente, mas falta trabalhar aquela etapa de criança. Só que tem que ter o equilíbrio”.*

O aluno com altas habilidades desestrutura o ambiente escolar, mais precisamente o professor que, constantemente, é desafiado pelo aluno com questionamentos relacionados a assuntos não abordados no currículo. Com isto, o professor vê-se diante de uma situação que lhe põe à prova constantemente. A falta de informação sobre as altas habilidades ocasiona um pré-julgamento do professor que vê esse aluno, conforme seus valores, sua cultura e suas experiências próprias.

Segundo relato da mãe: *“Antes de iniciar o ano letivo a diretora da escola particular o convidou-o para passar uma tarde na escola a fim de que conhecesse melhor a escola.*

“Chegando lá, ele levou um choque, porque muita gente perguntava se ele tinha altas habilidades, se ele era inteligente mesmo, até o apelidaram de Albert Einstein, achavam que ele tinha de dar respostas mirabolantes, fazer coisas mirabolantes, com o tempo, viram que ele era uma criança normal muito questionadora”.

A educação formal tem um importante papel na vida dos sujeitos, através da escola, a criança tem acesso a sua formação integral, passa a vivenciar situações de interação com seus pares, passa a ser inserida no contexto social, fazendo uso de sua cidadania por meio de aprendizagens e experiências. Porém, uma das vivências mais intensas e significativas processa-se dentro da sala de aula, pela interação aluno/professor o olhar do professor sobre o

aluno, sobre sua prática docente e a forma como acontece o vínculo entre ambos, a forma como o professor trabalha a afetividade com esse aluno.

Segundo Cury (2003, p. 140): “Um professor influencia mais a personalidade dos alunos pelo que é do que pelo que sabe”.

A reflexão do professor em relação a sua prática escolar é muito relevante, demonstra a forma como ele vê o mundo a sua volta, o modo como vê o processo ensino-aprendizado do aluno, descobre o papel do aluno diante desse processo, é ele que diariamente troca experiências com o aluno. É durante a prática escolar que acontecem os vínculos sociais e a criança expressa seu contexto, seus sentimentos, sua personalidade e o que realmente lhe interessa aprender.

Um professor que age com competência busca o conhecimento, valoriza a inteligência emocional do aluno, pesquisa e considera o aluno como centro do processo ensino-aprendizado, reconhece as diferenças dentro da sala de aula para elaborar seu planejamento. Isso acontece através do seu olhar reflexivo sobre sua prática, fato esse que faz a diferença na vida do aluno; ele passa a conhecer os interesses desse aluno e toma algumas decisões que serão significativas no processo ensino/aprendizagem deste.

Relato da professora da professora da 3ª série: *“Levei-o para a 5ª série para assistir a minha aula de matemática e trazia assuntos, atividades e materiais extras do seu interesse para a sala de aula...”*

Relato da coordenadora pedagógica da Escola Estadual: *“O deixar assistir a 5ª série, até ele ficar legalmente. Foi à forma dele ficar menos ansioso. Partiu da professora isso, foi um olhar dela. As outras professoras notaram que ele era diferente dos outros alunos, mas ele só foi mais notado na 3ª série.”*

Ditas condições só serão possíveis se o professor passar a refletir sobre sua prática escolar, se o professor se questionar a respeito das suas motivações para exercer sua profissão, se o professor planejar contemplando as múltiplas inteligências e avaliar seus alunos considerando a heterogeneidade e, indispensavelmente, se o professor entender o que é trabalhar com as diferenças dentro da sala de aula através do processo de inclusão.

Segundo Gortázar, (1995, p. 324): “A igualdade entendida como diversidade, como desenvolvimento das potencialidades educacionais através de uma oferta múltipla, pressupõe uma escolha decidida da integração escolar”.

Relato da coordenadora da Educação Especial da 10ª Delegacia de Educação: *“A heterogeneidade é normal. Cada criança é uma, mas acredito que o professor continua trabalhando dentro de um espaço como se todos fossem iguais, ou até para aquelas que*

exigem mais do professor ainda não há esse tratamento, não existe um plano diferenciando, mas isso está mudando. Já está existindo outra visão, é necessária essa mudança”.

Sendo assim, a prática escolar é vista de diferentes formas pelos professores, isso depende muito dos seus valores, princípios, atitudes e postura diante da sua função, principalmente, diante do processo de inclusão e da sua concepção sobre as diferenças. O professor precisa se soltar das amarras tradicionais e utilizar sua autonomia e criatividade para que possa realizar um trabalho significativo para os alunos.

Relato da Coordenadora pedagógica da escola estadual sobre as diferenças na escola: *“Primeiro, a gente procura promover a inclusão do aluno com diferenças. Sempre tem um tratamento especial para ele se sentir bem. Nós promovemos a inclusão na escola, temos vários alunos especiais incluídos em sala de aula. Depois devemos ver a maneira mais adequada para incluí-lo, através de aulas diferentes e mais informações sobre o assunto”.*

Relato da professora da sala de recursos de Uruguiana sobre a forma como trabalha com as diferenças em sala de aula. *“Eu não procuro trabalhar as diferenças. Por que eu faço um trabalho globalizado que envolve a todos. Agora mesmo, nós fizemos uma mostra de talentos, eu não chamo só os alunos mais talentosos para mostra. Eu trabalho com todos. E todos que quiserem participar participam. No desenho, na dança, na poesia. Eu tive alunos que vieram tocar instrumentos que eu não sabia que tocavam, teve desenhos que eu nem sabia que os alunos desenhavam assim. Os trabalhos eram apresentados e expostos no auditório, para todos. Ali participaram alunos que eu sei que são talentosos, que já realizam um trabalho aqui comigo e os que eu não sabia que tinham talentos. Eu não trabalho as diferenças separando das crianças. Eu convido todos”.*

Segundo Blanco (1995, p. 308):

O professor deve refletir sobre sua prática, analisando as situações e melhorando-as, adaptando os pressupostos teóricos a sua própria realidade e reorientando os mesmos, em função dos dados que tal realidade lhe fornece. À medida que os professores assumirem este papel dinâmico de busca constante de soluções, poderemos dizer que a inovação educacional é uma realidade nas salas de aula e não somente uma questão teórica.

A atuação do professor na sala de recursos evidencia o conhecimento sobre as altas habilidades. Isso constitui-se num pré-requisito para que aconteça o entendimento e o planejamento de estratégias para se incluir o aluno no contexto escolar, pois essas atividades baseiam-se na proposta de enriquecimento escolar que visa a proporcionar oportunidades ao aluno para que possa desenvolver seus interesses e sua socialização por meio da sua

identificação com seus pares. É nesse ambiente que acontece o momento de descoberta das aptidões do aluno, da preparação dos professores para reconhecer os potenciais superiores dos educados.

O ambiente da sala de recursos propicia ao aluno trabalhar atividades diversificadas. É necessário que o atendimento dessas salas seja feito por um profissional capacitado na área de altas habilidades, chamado de facilitador da aprendizagem.

Segundo Pereira e Guimarães (2007, p.170):

As atividades pedagógicas realizadas em salas de recursos são desenvolvidas por professores especializados, que suplementam ou enriquecem a oferta educacional recebida em classes comuns da rede regular de ensino. São ambientes educacionais dotados de equipamentos, materiais, recursos pedagógicos que buscam atender às necessidades particulares dos alunos participantes.

A atuação da professora entrevistada na sala de recursos é restrita, pois ainda não foi diagnosticada nenhuma criança portadora de altas habilidades no município de Uruguaiana. Ela ainda está trabalhando o processo de diagnóstico e divulgação aos professores de sua escola e elaborando projetos para que os alunos participem de atividades diferenciadas que contemplam as diversas habilidades e inteligências para que surjam mais indícios de altas habilidades.

Relato da professora da sala de recursos: *“Eu estou ainda no processo de investigação. Estou coletando materiais de 2 alunos para elaborar 2 projetos de livros de poesia, eu vou montar um livro de poesia deles. Eles vêm pra cá digitam seus trabalhos. São dois alunos que foram indicados pelos professores, já conversei com a família deles, com eles e estou conversando com os professores deles, para ver quais são os indicadores que possam me definir ou me direcionar se eles são portadores de altas habilidades ou não”*.

Geralmente as atividades realizadas na sala de recursos são no turno inverso às aulas do ensino regular do aluno, para que esse possa envolver-se nas atividades por mais tempo. O professor da sala de recursos é capacitado para identificar o potencial superior do aluno, através de estudos, pesquisas e entrevistas com a professora, com a família, com o próprio aluno que respondem questionários.

Sua função também é diagnosticar as altas habilidades do aluno através do processo de construção do conhecimento através das atividades propostas na sala de recurso e dos trabalhos realizados pelo aluno, que envolvem criatividade, interesse específico e autonomia.

Relato da professora da sala de recursos: *“Trabalho com projetos na escola e isso me possibilita conhecer melhor os alunos e os professores. Faço um trabalho globalizado que envolve a todos. Agora mesmo estamos trabalhando um projeto sobre a gravidez na adolescência. Lancei a proposta para toda a escola e cada professor faz a sua parte. Tu precisa ver, chegam trabalhos maravilhosos aqui na sala, que eu nem sabia que tal aluno tinha essa habilidade. Tu tens que dar a oportunidade para o teu aluno desenvolver a criatividade dele”*.

A professora da sala de recurso possui uma sala especial dentro da escola para que possa desenvolver seu trabalho da seguinte forma, como relata:

Relato da professora da sala de recursos: *“Tenho oficina de redação, de teatro, da banda da escola. Tudo isso eu lanço para a escola, depende do professor querer acompanhar a proposta. Muitos são resistentes ainda a mudanças, mas acredito ter avançado bastante”*.

“A princípio eu tenho que atender os alunos dessa escola, pois sou lotada aqui. A minha supervisora pensa assim, mas eu penso diferente. As outras escolas não têm interesse, nunca trouxeram alunos para eu identificar. Como eu tenho que atender aos meus alunos, eu não posso andar catando alunos em outras escolas. Estou aberta para outras pessoas, se aparecer algum caso em outra escola da cidade eu vou, se me chamarem eu vou, como foi o caso do menino de Alegrete. Mas até agora não apareceu nada aqui”.

Além de exercer um trabalho dentro das salas a professora das salas de recurso também pode prestar assistência a outras escolas divulgando seu trabalho e auxiliando no processo de diagnóstico das altas habilidades.

Relato da professora da sala de recursos sobre o processo de avanço do menino: *“Não tive nenhuma participação, somente analisei a situação. O processo veio pronto. Ele passou pelo processo de avaliação em Alegrete na escola, várias provas de 3ª e 4ª série, passou por testes com a psicopedagoga, que informou que ele tinha altas habilidades/superdotação. Foi avançado porque está previsto na legislação brasileira e no regimento da escola que poderia ser feito o avanço, mas, com o aval da coordenadoria. Só fomos a Alegrete pra lavrar o processo”*.

Através das observações realizadas a pesquisadora evidenciou que o atendimento da sala de recursos em questão é voltado para todas as crianças da escola, através de divulgação para os professores e planejamentos de projetos com a participação de toda a comunidade escolar, onde o trabalho contempla as diversas habilidades facilitando a identificação de algum aluno portador de altas habilidades.

Relato da professora da sala de recursos: *“Aqui eu faço um projeto lançado para todos os alunos. Não deveria ser, pois a minha supervisora me deu uma xingada, me disse que eu tenho que trabalhar aqui só os alunos com altas habilidades, para desenvolver os potenciais. Mas, eu penso diferente eu não posso restringir a minha sala só para os alunos com alto potencial. A escola é pública então, é para todos, lanço o projeto e todos participam. Tenho oficina de leitura, teatro, música, dança e desenho. Eu só atendo essa escola”*.

O trabalho da professora da sala de recursos é propor atividades diferenciadas conforme os interesses dos alunos que possuem altas habilidades. Devido ao fato de não existirem ainda crianças diagnosticadas, esse projeto passa a perder o seu real sentido, sendo adaptada a realidade local, seu principal objetivo é divulgar as características dos alunos com altas habilidades para os professores para que possam trabalhá-las e identificá-las. Os professores precisam identificar seus alunos e encaminhá-los ao atendimento da sala de recursos. A professora da sala ainda está iniciando sua proposta de trabalho que tem como ponto de partida a divulgação, orientação para os professores sobre como identificar as habilidades superiores dos seus alunos. Sua proposta de trabalhar com projetos auxilia no desenvolvimento de habilidades do aluno para que este possa encontrar estímulo em descobrir seus talentos pessoais.

Trabalhar com programas de enriquecimento, que desenvolvam no aluno diversas habilidades é o foco principal de um planejamento pedagógico que respeite as diferenças dentro da sala de aula, onde o professor vê seu aluno de forma heterogênea, conforme seu contexto, suas emoções, personalidade, sua capacidade de aprendizado e seus interesses. Isso é um início para que o professor possa enxergar os potenciais de cada aluno. Identificar as características de altas habilidades, que estão diretamente relacionadas à forma como o professor conceitua inteligência e processo de inclusão.

Assim, uma das principais perguntas feitas pela pesquisadora para as educadoras foi: Será que a escola está preparada para trabalhar com alunos com altas habilidades?

Relato da professora da sala de recursos: *“Falta muito ainda para as escolas terem condições de trabalhar os potenciais dos alunos. Primeiro precisa que exista uma mudança no modo de visualizar o aluno. Os professores têm que enxergar que os seus alunos são diferentes uns dos outros, e conhecer esses alunos”*.

Relato das professoras da escola particular: *“Eu acho que a gente não está preparada totalmente. A gente está sempre procurando melhorar o trabalho pedagógico da escola através de estudos, de cursos.*

Relato da professora da oficina: *“Nenhuma escola está. Tanto é que na própria escola que ele está lotado os professores estão lendo, fazendo reuniões, para saber como se dá o processo de inclusão dessas crianças.*

Relato da professora da 3ª série: *“Não está, nem um pouco, nem nós professores estamos preparados. O professor só vai atrás se ele estiver um pouquinho de boa vontade, tem que querer enxergar. Assim como a gente não está preparado para as crianças com déficits, com dificuldades, muito menos para essas crianças com altas habilidades, com potenciais superiores. Eu passei por uma experiência bem boa. Acho que eu sei conduzir. Fui buscar me informar depois que eu tive o caso dele, mas preciso mais”.*

Relato da mãe: Não. *“Pela falta de conhecimento do assunto e pela importância da complementação curricular que os alunos necessitam e que as escolas em geral não oferecem. Não ocorre complementação curricular”.*

Segundo Germani e Stobäus (2006, p.133):

A escola tem a função básica de socializar o saber por meio de um ensino de qualidade e garantir o sucesso escolar para todos. No entanto, considera que a formação do homem para o exercício da cidadania deve ser compreendida por todos os participantes e profissionais da educação. Ressalta que a escola, como um todo, e o professor deverão refletir e dialogar sobre sua prática, estabelecendo um espaço para mudanças nos valores e nas relações humanas que dela fazem parte.

A escola, então, prepara o aluno para o exercício de sua cidadania, garantindo-lhe educação de qualidade e meios para que possa desenvolver suas habilidades. Para que isso aconteça é necessário investir na capacitação de profissionais, na abertura do diálogo entre escola/professores/família, nos momentos de reflexão, na construção de parcerias que possibilitem condições adequadas para que os alunos com altas habilidades possam descobrir seu potencial superior e atuar em sociedade sendo respeitado em virtude de suas diferenças.

A mudança de atitude dos professores é o primeiro passo para que as mudanças aconteçam, para que haja uma aceitação das diferenças e que garanta o processo de inclusão. Só assim, a escola estará aberta para falar sobre altas habilidades e visualizar este aluno como um indivíduo capaz de alcançar o sucesso na vida por meio de um ambiente escolar enriquecido e aberto a mudanças. A escola possui autonomia o professor também para realizar as mudanças necessárias. O que, realmente, falta é coragem para enfrentar o novo, o desafio, e praticar uma ação que caminhe a fim de que tais mudanças aconteçam na realidade das escolas.

A primeira atitude que a escola deve tomar é conhecer este aluno e tentar identificá-lo no ambiente escolar, pois ele muitas vezes se apresenta mascarado com outros comportamentos desajustados, devido ao medo, insegurança de não ser compreendido, de não ter incentivo e ao medo do preconceito da sociedade, por eleger e estruturar valores que imobilizam a educação do país.

Os programas de atendimento as crianças com altas habilidades/superdotação servem como estratégias para os professores atenderem aos interesses dos alunos, alguns podem ser: apoio pedagógico especializado, aceleração, enriquecimento curricular, oferta de cursos e atividades diferenciadas, oficinas, parcerias e muitos outros, porém o que é mais importante nisso tudo é a mobilização da escola, do professor em ofertar diferentes estratégias e oportunidades adequadas para que esse aluno possa desenvolver habilidades e ser incluído de forma digna dentro do contexto escolar.

5 CONCLUSÃO

Ao estudar-se uma hipótese real – estudo de caso – e relacioná-lo a fundamentos teóricos, vivencia-se o verdadeiro conhecimento.

Conhecer o processo de identificação e inclusão da criança com altas habilidades/superdotação na escola significa desvelar a influência dos fatores biológicos, culturais, familiares e do meio na formação humana; é conhecer o contexto da criança, compreendendo-a globalmente.

Suas primeiras experiências passam pela construção de habilidades e potencialidades por meio de estímulos e aprendizagens. Tais habilidades também são construídas pelos estímulos do meio, da personalidade, da maturação e dos interesses específicos que caracterizam a criança portadora de altas habilidades.

Acompanhar seu desenvolvimento nos dias atuais é entender o processo das altas habilidades/superdotação da criança, incluindo-se aí o importante papel do contexto familiar e escolar neste contexto.

Quando se fala em fatores ambientais, considera-se a importância das relações interpessoais que ocorrem na família e na escola, fontes de estímulo e educação para a criança. É por meio dessas experiências que a criança será inserida na sociedade para iniciar sua vida cidadã.

A família é, portanto, o primeiro vínculo que fornece ao indivíduo condições adequadas para que ele possa desempenhar seu papel dentro da sociedade.

Alguns estudos comprovam que crianças provenientes de famílias com altas habilidades têm um ambiente estimulador, rico e propício para o desenvolvimento de seu potencial criador, mesmo as oriundas de classes baixas, pois essas famílias, em geral, valorizam a educação de seus filhos.

De acordo com essa concepção e relacionando a teoria à prática, a pesquisadora constatou o quanto o contexto do menino era enriquecido: sua família servia de sustentação e incentivo para a realização de seus projetos, encorajando-o para que buscasse cada vez mais oportunidades novas, tendo em vista sempre o seu mais pleno desenvolvimento. Nesse sentido, fundamental o recebimento de atendimento adequado a sua condição, o qual serviu de estímulo ao afloramento e encaminhamento apropriado de suas habilidades especiais.

A família surge, assim, como o principal agente socializador da criança, fornecendo respaldo emocional e afetivo para que, em um ambiente estimulador, abram-se caminhos para

que ela possa obter atendimentos especializados através do amparo legal, encorajando-a ao desenvolvimento de seu potencial superior. Essas famílias acreditam no potencial dos filhos e, com isso, criam condições adequadas para que eles possam se desenvolver livremente, valorizando sempre a educação como uma de suas prioridades.

Na medida em que a família passa a identificar, aceitar e entender o comportamento da criança portadora de altas habilidades/superdotação, seu processo de diagnóstico e identificação começam a ser descobertos, devido à relação que os pais fazem com outros casos já existentes dentro da própria família. Estudos comprovam que crianças diagnosticadas com altas habilidades/superdotação têm indícios desse quadro em outros membros da família.

Porém, a causa concreta da origem das altas habilidades/superdotação ainda está em estudo, haja vista a ocorrência simultânea de fatores genéticos e ambientais, ambos de equivalente importância.

A busca de condições adequadas e dignas, para que o potencial da criança não se perca, passa a ser uma das metas dessas famílias, que tendem a investir em situações ricas e estimuladoras, em que os membros da família estruturam suas vidas conforme os interesses da criança.

A participação da família na vida dessas crianças passa, então, a ser o ponto central para que elas sejam incluídas no contexto escolar. Assim, um olhar atento e despido de preconceitos contribui para motivar a vida dessas crianças, auxiliando para o processo de inserção dentro da escola por meio de um ambiente que estimule e apoie suas iniciativas.

A família dessas crianças também necessita de atendimento especializado, a fim de compreender o complexo contexto em que está envolvida. Os pais ainda estão acostumados a conviver com a prevalência de modelos culturalmente aceitos, que consideram as crianças especiais na esfera dos necessitados e os ditos “inteligentes” em situações privilegiadas, não necessitando de apoio algum.

O processo de identificação é necessário para que a criança portadora de altas habilidades usufrua de atendimentos adequados que estimule seu potencial criador, criando-se, desse modo, um ambiente favorável para sua inserção social.

As características que denotam tais comportamentos não acontecem da mesma forma, ao mesmo tempo, nem em todas as crianças portadoras de altas habilidades/superdotação. Essas características não lhes garantem sucesso na vida, mas servem de marcos de referência que as caracterizam e auxiliam no seu diagnóstico e reconhecimento.

Segundo dados teóricos, as altas habilidades na área acadêmica são diagnosticadas em crianças que apresentam alguns dos seguintes comportamentos: precocidade na leitura e na

escrita, memória prodigiosa, criatividade, vocabulário rico para sua idade, determinação, autonomia, energia, aprendizagem autodidata (com auxílio eventual), isolamento social e outros que a complementam.

O conhecimento dessas características é primordial para que se identifiquem as altas habilidades nas crianças durante sua fase de desenvolvimento familiar e escolar, sendo muito relevante para os pais entenderem o comportamento de seus filhos e, principalmente, para a escola reconhecê-las em seus alunos. É comum muitos profissionais da educação confundirem tais comportamentos e associá-los erroneamente a outros diagnósticos ou condutas estereotipadas, devido a falta de conhecimento neste particular.

O sistema educacional tem obrigação por lei de proporcionar, ao aluno com altas habilidades, condições adequadas para que possa se desenvolver integralmente. No entanto, a escola, em geral, não está ainda estruturada para diagnosticar esse aluno, a fim de inseri-lo em um processo inclusivo: falta conhecimento no assunto, muita reflexão sobre a prática escolar e mudança de paradigmas culturais estabelecidos. É preciso repensar sobre as principais funções da escola na formação dessas crianças.

Com efeito, incluir um aluno especial no sistema escolar não consiste apenas em permitir que frequente as classes regulares de ensino. Antes disso, trata-se de criar condições e oportunidades adequadas para que todos os envolvidos possam apropriar-se desse conhecimento e consigam agir sobre ele por meio de mudanças de valores, atitudes, quebra de paradigmas e planejamento de propostas pedagógicas viáveis para atender a essa diferente realidade.

O processo de inclusão, por sua vez, passa por uma mudança de valores socialmente aceitos como regras de comportamento pré-estabelecidas, que controlam o agir e o pensar dos sujeitos. Vivenciam-se os problemas que envolvem a inclusão social diariamente, através de valores eleitos pela sociedade como corretos, mas não se respeitam as diferenças, não se olha o aluno conforme suas peculiaridades, como um ser dotado de história, contexto social e habilidades próprias.

Sendo assim, para que aconteça o processo de inclusão, é necessário que o indivíduo se aproprie das determinações legais que garantem direitos e deveres a todos, sem imposições. Faz-se necessária uma reflexão tendente à quebra de paradigmas, para que se pense com mais igualdade e oportunidade para todos.

A sociedade contemporânea está acostumada a padrões de comportamentos estereotipados e quem foge a estes é visto como alguém que não pertence ao grupo social. Isso causa muitos danos aos “excluídos”, que se sentem rejeitados pela comunidade.

Diariamente, é vista nas escolas essa realidade. Os professores, ressalvadas as exceções, estão acostumados a planejar para um grupo homogêneo. Mesmo que se fale em diferenças, o sistema é estruturado para grupos que apresentam as mesmas características físicas, comportamentais, de aprendizagem e de valores. A escola estrutura-se para planejar e avaliar “sujeitos esperados”. As dificuldades de aprendizagem são previsíveis pelos professores que se sentem no centro desse processo, pois o aluno depende de seu atendimento. Em alguns casos mais graves, os professores são obrigados a receber o aluno sem ao menos ter capacitação ou treinamento para atendê-lo.

Porém, quando a escola recebe um aluno questionador, inquieto, hiperativo, que se isola do grande grupo, que desafia e que não tem interesse nos conteúdos propostos em sala de aula, a situação tende a sair do controle. É nesse momento que surgem as contradições, pois os professores, na maioria dos casos por desconhecimento, tendem a abandonar esse aluno, que fica entregue à própria sorte, até porque, “quem muito sabe”, não necessitaria, em tese, de acompanhamento especial. Os professores, então, fazem um julgamento equivocado da situação, concluindo que, se é inteligente e adiantando, não necessita de ajuda.

Tais comportamentos estão diretamente relacionados a valores culturais disseminados em nosso meio. Para que se importar com crianças inteligentes, se temos tantas excluídas?

Estudos comprovam, no entanto, que crianças portadoras de altas habilidades, quando deixadas à margem na comunidade escolar, buscam desenvolver seu potencial criador em situações anti-sociais, no mundo da marginalidade e do crime.

Muitas alternativas e políticas públicas são elaboradas para esses casos, através de técnicas de atendimento adequadas, a fim de resgatar essas crianças para dentro das escolas.

Quando se fala em técnicas de atendimento, está-se cogitando dos atendimentos em salas de recursos e oficinas, nas propostas de enriquecimento curricular e na aceleração dentro das escolas regulares, mas, sem dúvida nenhuma, fala-se da autonomia do professor em criar estratégias que contemplem essas crianças por meio de atividades criativas, com o escopo de trabalhar e desenvolver suas múltiplas inteligências.

Na hipótese concreta trabalhada no presente estudo, o desafio maior foi o da família, pois ela teve que vencer as barreiras do preconceito social, da falta de informações de muitos profissionais da área da educação e do pouco atendimento adequado para essas crianças. Através desse exemplo, muitas conquistas foram alcançadas devido à iniciativa da família em desvendar o universo da criança com altas habilidades/superdotação, pois a mãe do menino não mediu esforços para que ele ocupasse seu espaço dentro da sociedade. A luta ainda está

no começo. Porém, muitas mudanças comportamentais no menino já são suficientes para que ele possa fazer escolhas e vivenciar sua cidadania.

Para escola fica um desafio: toda mudança enseja uma mobilização geral de valores, pensamentos e ações, que só será alcançada por meio de parcerias com a própria família dos alunos e outras entidades sociais, que busquem desenvolver o potencial criador dessas crianças. Vencer esse paradigma é uma meta para que se repensem a escola, o papel do professor, a inclusão social e, principalmente, o fenômeno das altas habilidades.

Através da pesquisa, ficou evidente que: incluir um aluno com altas habilidades é ser flexível, é propiciar condições adequadas, por meio de uma equipe multidisciplinar, para que ele se desenvolva em condições apropriadas, que vão muito além de uma mera aceitação formal. A preparação dos profissionais, através de cursos de aperfeiçoamento e da reorganização do currículo escolar, são condições imprescindíveis para quebrar paradigmas e construir novos conceitos.

A parceria da escola com a família foi outro ponto que teve muita relevância, haja vista que, por intermédio da iniciativa da família, muitas conquistas foram alcançadas, num caminho entrecortado por desafios e rompimento de paradigmas entranhados no sistema educacional, o que, ressalte-se, não é tarefa das mais fáceis.

Com isso, conclui-se que os objetivos propostos para a pesquisa foram plenamente alcançados. Ao vivenciar o estudo de caso e relacionar tais acontecimentos a teorias, constatou-se que a hipótese em questão está plenamente descrita e explicada pelos teóricos. O processo de altas habilidades/superdotação ainda é desconhecido pela escola. Muitos profissionais falam a respeito, mas em sua maioria não mudam sua forma de agir em suas práticas escolares. O contexto familiar destas crianças traz consigo uma bagagem de informações essenciais para que se entenda esse processo. A escola precisa valorizar esse conhecimento.

A certeza de que o menino vai ser bem sucedido na vida não se tem. Entretanto, um novo olhar sobre as altas habilidades foi possível. Sua coragem, iniciativa, criatividade, inteligência e persistência já fizeram com que alcançasse algumas vitórias e vencesse as barreiras iniciais da educação especial, com a reformulação de valores.

Acreditar no potencial do estudante é dar-lhe oportunidades de crescer socialmente, é propiciar-lhe condições de crescimento dentro da sociedade por meio de uma postura cidadã. É investir no talento da humanidade.

Este estudo de caso abre caminhos à pesquisadora para outros estudos. Por tratar-se de um assunto fascinante e pouco explorado, o campo de pesquisa é amplo e promissor para que outros profissionais se aventurem nesta área.

REFERÊNCIAS

- ABSD – Associação Brasileira para Superdotados. **Seção RS Altas habilidades/superdotação talentos: manual de orientação para pais e professores.** Porto Alegre RS, 2000. <www.agaahsd.pop.com.br> - Acesso em (05 out 2007).
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. O papel da escola na estimulação do talento criativo. In: FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades – Orientação a pais e professores.** Porto Alegre: Artmed, 2007, cap. 12, p.151-162.
- APOLINÁRIO, Fabio. Dicionário de Metodologia Científica. São Paulo, Ed. Atlas, 2004.
- BRASIL. Lei nº 10172, de 09/01/2001. **Aprova o plano Nacional de Educação, Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Especial.** Diretrizes para a educação especial na educação básica. Brasília: MEC/SEESP/2001.
- ASPESI, Cristina de Campos. A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza. (org.) **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Cap. 1. V.3, p. 29-47.
- BLANCO, Rosa. Inovação e Recursos Educacionais na Sala de Aula. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, cap.20. 3v., p.307-335.
- BOCCHESE, Jocelyne da Cunha. O professor e a Construção de Competências. In: ENRICHONE, Délcia.et.al. (org.). **Ser Professor.** 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 25-39.
- BRASIL, Constituição da República Federativa. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, D.O.U. de 05/10/1988. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 25 set. 2007.
- _____, Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.** Brasília, DF Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm> Acesso em 30 set. 2007.
- _____, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da**

educação nacional. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seesp>> Acesso em: 30 set. 2007.

_____, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF. 15 de agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seesp>> Acesso em: 30 set. 2007.

_____, Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Adaptações Curriculares- estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC/SEF/ SEESP, 1999.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Programa de capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental/Superdotação e Talento. V I e II**. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

_____, Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução Nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001b. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seesp>> Acesso em: 06 Nov. 2008.

CAMPUS, Dinah. Martins de Souza – **Psicologia da Aprendizagem** – Editora Vozes Petrópolis-RJ, 1987.

CHAGAS, Jane Farias. Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades. In: FLEICH, Denise; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores**. Porto Alegre: Artmed. 2007. Cap. 1, p.15-23.

CURY, Augusto. Pais Brilhantes. Professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. O papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In. FLEICH, Denise de Souza. (org.) **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Cap. 3. V.3, p. 49-60.

DESSEN, Marília Auxiliadora. A Família como Contexto de Desenvolvimento. In. FLEICH, Denise de Souza. (org.) **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Cap. 1. V.3, p. 13-27.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. <<http://www.dicionariohouaiss.com.br/index2.asp>> Acesso em 18 set. 2007.

ENRICONE, Délcia. et.al (org.). **Ser Professor**. 4ª Edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLEITH, Denise de Souza e ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.), **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLEITH, Denise de Souza. Altas habilidades e desenvolvimento socioemocional. In: Fleich, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.), **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 3. p. 41-50.

_____, Denise de Souza e ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.), **A Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades / superdotação: O Aluno e a Família**. Brasília MEC/SESP 2007. 3v.

FREITAS, Soraia Napoleão (org.), **Educação e altas habilidades/superdotação: A ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: UFSM, 2006.

Fundação Gaúcha para portadores de Altas Habilidades Site:
<www.faders.rs.gov.br/unidades_cedepah.php> - Acesso em (10 out 2007).

GAMA, Maria Clara Sodré S. Parcerias entre Família e Escola. In: FLEITH, Denise de Souza, (org.) **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Cap. 4. 3v., p. 61-73.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas – A teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

_____, **Estruturas da Mente: A teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____, **Inteligência: Múltiplas Perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 1998.

_____, **Inteligência: Um conceito Reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

GERMANI, Larice M. Bonato; STOBÄUS, Claus Deiter. **A intervenção centrada na família e na escola: prática de atendimento à criança com Altas Habilidades/Superdotação.** In: FREITAS, Soraia Napoleão (org.) **Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.** Santa Maria: UFSM, 2006. cap. 6, p. 127-150.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional. A teoria Revolucionária que redefine o que é ser Inteligente.** 47ª Edição. Rio de Janeiro/RJ: Objetiva, 1995.

GORTÁZAR, Ana. O professor de Apoio na Escola Regular. In: COLL; César, PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** V.3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. cap. 21, 3v., p. 322-335.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

Moderno Dicionário da Língua Portuguesa <<http://michaelis.uol.com.br/>> Editora Melhoramentos Ltda, 1998-2007. Acesso em 18 set. 2007.

PEREIRA, Vera Lúcia Palmeira; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Programas educacionais para alunos com altas habilidades. In: FLEICH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano (org.). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores.** Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 13, p.163-175.

Revista nova Escola Edição Especial nº10. **Grandes Pensadores V.2.** Editora Abril 2007.

RIO GRANDE DO SUL, Conselho Estadual de Educação. Resolução nº 267, de 10 abril de 2002. **Fixa os parâmetros para a oferta da educação especial no Sistema Estadual de Ensino.** Porto Alegre, RS. CEE.2002. Disponível em: <http://www.faders.rs.gov.br/conselho_estadual> Acesso em 02 de setembro, 2007.

_____, Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº56/2006. Orienta a implementação das normas que regulamentam a Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino.** Porto Alegre/RS. 2006.

_____, Constituição do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: 03 de outubro de

1989. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/prop>> Acesso em 18 set. 2007.

SABATELLA, Maria Lúcia; CUPERTINO, Chistina M. B. Práticas Educacionais de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEICH, Denise de Souza. (org.) **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Cap. 5. 1v., p. 67-80.

SANTOS, Leila Magalhães - MEC- Ministério da Educação Secretária de Educação Especial- **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental-Superdotação e Talentos I e II**. Brasília- DF, 1999.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

VIRGOLIM, Angela M. R. Altas habilidades e desenvolvimento intelectual. In: FLEICH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (org.). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap. 2, p.25-39.

WINNER, Ellen, **Crianças Superdotadas: mitos e realidades**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YIN, Robert K. Estudo de Caso. **Planejamento e Métodos**. 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.